

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CURSO DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS - LINGÜÍSTICA

**ASPECTOS DO BILINGÜISMO: ALEMÃO/PORTUGUÊS EM
MARECHAL CÂNDIDO RONDON - PARANÁ - BRASIL**

Dissertação apresentada ao Curso de Pós-Graduação em Letras-Lingüística da Universidade Federal de Santa Catarina, como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre em Letras-Lingüística.

CLARICE NADIR VON BORSTEL

FLORIANÓPOLIS
Fevereiro/1992

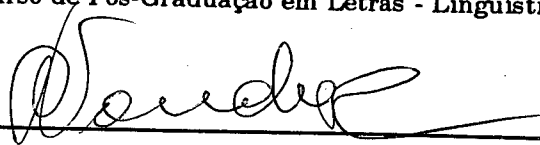
Esta dissertação foi julgada adequada para a obtenção do grau de:

MESTRE EM LETRAS

na Área de Lingüística Aplicada ao Ensino de Português e aprovada em sua forma final pelo programa de Pós-Graduação em Letras - Lingüística.

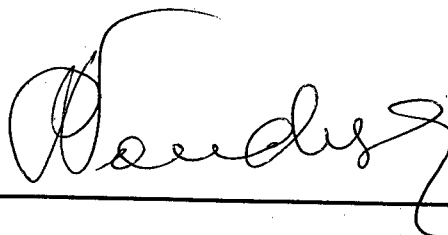


Prof. Dr. Giles Lothar Istre
Coordenador do Curso de Pós-Graduação em Letras - Lingüística

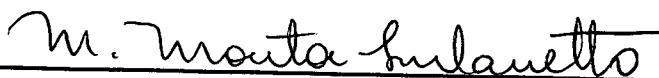


Prof. Dr. Paulino Vandresen
Orientador

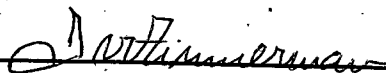
BANCA EXAMINADORA



Prof. Paulino Vandresen



Profª Maria Marta Furlanetto



Prof. Ivo Zimmermann

Ao meu pai, in memoriam
À Liselotte, minha mãe
Ao meu irmão Emílio
Às minhas irmãs: Ilse, Miraci e Ani
Cristina

DEDICO

Meus Agradecimentos:

Ao meu orientador, Prof. Dr. Paulino Vandresen, posto a esclarecer às minhas dúvidas e constante orientação.

À Prof^ª. Dr^ª. Branca Telles Ribeiro que me indicou leituras indispensáveis durante a elaboração do projeto de pesquisa da presente dissertação.

À Prof^ª. Dr^ª. Maria Marta Furlanetto e ao Prof. Dr. Giles Lother Istre, coordenadores do Curso de Pós-Graduação em Letras/Linguística, pela atenção e constante orientação.

A todos os professores do Curso de Pós-Graduação que me introduziram, através de suas disciplinas, nas mais diversas áreas da linguística.

À secretária do Curso de Pós-Graduação Elza Lemos, pela constante orientação.

Aos meus informantes que me deixaram participar um pouco no seu dia-a-dia que demonstraram uma grande hospitalidade, permitindo a coleta de dados.

À Universidade Estadual do Oeste do Paraná - em especial à Faculdade de Ciências Humanas de Marechal Cândido Rondon, à Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - CAPES e à Secretaria de Estado da Educação do Paraná, por terem possibilitado a realização deste.

À Prefeitura Municipal de Marechal Cândido Rondon, que pôs à minha disposição documentos e informações sobre a imigração de alemães e descendentes vindos para Marechal Cândido Rondon.

À minha amiga Maria Beatriz Zanchet que fez a revisão da presente dissertação, aos meus amigos: Ingrid Hedel, Laurita Kayser, Nilson Freitag e Sueli Hey que me auxiliaram, e naturalmente a todos os outros amigos que observaram de perto, os altos e baixos que se deram durante a produção dessa dissertação.

SUMÁRIO

ÍNDICE DE MAPAS, GRÁFICOS E TABELAS	vii
RESUMO	viii
ABSTRACT	ix
1. INTRODUÇÃO	01
2. REFERENCIAL TEÓRICO	06
2.0. Observações preliminares	06
2.1. Abordagem teórica sobre o bilingüismo	07
2.2. Manutenção e perda de uma língua	13
2.3. Análise das redes de comunicação: um modelo sincrônico e diacrônico para estudo da mudança linguística	20
2.4. Situações de alternância de código	26
2.4.1. Alternância de código: abordagem dos fatores estruturais lingüísticos	29
2.4.2. Alternância de código conversacional	33
2.4.3. Abordagem sócio-psicológica da alternância de código	34
2.4.4. Alternância de código: enfoque estratégico-discursivo	35
3. METODOLOGIA DA COLETA DE DADOS	40
3.0. Observações preliminares	40
3.1. Realização das entrevistas sociolingüísticas	43
3.1.1. Primeira etapa de pesquisa	43
3.1.2. Segunda etapa de pesquisa	44
3.2. Realização da observação participante	47
3.2.1. As comunidades religiosas	49
3.2.2. Escola Evangélica Martin Luther	51
3.2.3. Lojas comerciais	52
3.2.4. Emissoras de rádio	53
3.2.5. A observação participante no ambiente familiar	54
4. ASPECTOS SÓCIO-HISTÓRICOS DO MUNICÍPIO DE MARECHAL CÂNDIDO RONDON - PARANÁ	56
4.0. Observações preliminares	56
4.1. Histórico da localidade	57
4.2. Marechal Cândido Rondon hoje	60
4.3. Composição étnica da população	63
5. PRIMEIRA ETAPA DA PESQUISA: DESCRIÇÃO DO BILINGÜISMO	72
5.0. Observações preliminares	72
5.1. Metodologia e instrumentos	72
5.2. Procedimentos metodológicos	75
5.3. Amostra	75

5.4. Resultados dos dados obtidos	76
5.4.1. Sexo	76
5.4.2. Confissão religiosa	76
5.4.3. Ascendência	77
5.4.4. Bilingüismo dos pais	78
5.4.5. Uso do alemão em família	79
5.4.6. Uso do alemão na comunidade	80
5.4.7. Uso do alemão em outras situações	82
5.4.8. Atitudes gerais com relação às línguas	83
5.4.9. Ascendência alemã e bilingüismo	84
5.5. Conclusão do capítulo	86
6. SEGUNDA ETAPA DA PESQUISA: REDES DE COMUNICAÇÃO DOS FALANTES BILÍNGÜES DE MARECHAL CÂNDIDO RONDON	87
6.0. Observações preliminares	87
6.1. Metodologia e instrumentos	87
6.2. Procedimentos metodológicos	90
6.3. A amostra	91
6.3.1. Identificação dos informantes	91
6.4. Características sociográficas da população da amostragem	95
6.4.1. Mobilidade espacial	95
6.4.2. Profissão	95
6.4.3. Grau de escolaridade	98
6.4.4. Exposição aos meios de comunicação de massa	100
6.5. Características das redes de comunicação	102
6.5.1. Escolha da língua em situações diversas	102
6.5.2. Os padrões de escolha segundo o interlocutor	118
6.5.3. Os padrões de escolha da língua para o sexo masculino e feminino	114
6.5.3.1. Os padrões de escolha da língua entre as mulheres católicas	119
6.5.3.2. Os padrões de escolha da língua entre as mulheres evangélicas	120
6.5.3.3. Os padrões de escolha da língua entre os homens católicos	123
6.5.3.4. Os padrões de escolha da língua entre os homens evangélicos	124
6.6. As redes individuais de comunicação	127
6.6.1. A rede familiar	128
6.6.2. A rede de relações preferenciais	136
6.7. Conclusão do capítulo	141
7. TERCEIRA ETAPA DA PESQUISA: SITUAÇÕES DE ALTERNÂNCIA DE CÓDIGO NO ALEMÃO/PORTUGUÊS NA COMUNIDADE RONDONENSE	143
7.0. Observações preliminares	143
7.1. Metodologias	143
7.2. Procedimentos metodológicos	146
7.3. Análise de dados	146
7.4. Conclusão do capítulo	165

8. CONCLUSÃO	168
9. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	172
10. ANEXOS	177
10.1. ANEXO 1	177
10.2. ANEXO 2	178
10.3. ANEXO 3	184

ÍNDICE DE MAPAS, GRÁFICOS E TABELAS

MAPAS

-	Da Alemanha	69
-	Do Paraná	70
-	De Marechal Cândido Rondon	71

GRÁFICOS

1.	Etnia de descendentes europeus procedentes do Rio Grande do Sul e Santa Catarina	65
2.	Relação entre ascendência alemã e bilingüismo	85

TABELAS

5.	TABELAS DA PRIMEIRA ETAPA DA PESQUISA	
5.3	Número de informantes por série	75
5.4.1	Sexo dos informantes	76
5.4.2	Confissão religiosa dos informantes	76
5.4.3.a	Ascendência dos informantes	77
5.4.3.b	Ascendência alemã: alunos cujos pais têm sobrenome alemão	78
5.4.4	Desempenho lingüístico dos pais dos alunos em alemão	78
5.4.5	Uso do alemão no meio familiar	79
5.4.6	Funções sociais: uso do alemão como língua de comunicação na comunidade	80
5.4.7	Funções individuais: uso do alemão sem interlocutor concreto e em situações emocionais	82
5.4.8	Atitude do informante com relação à língua alemã	83
5.4.9	Relação entre ascendência alemã e o bilingüismo	84
6.	TABELAS DA SEGUNDA ETAPA DA PESQUISA	
6.3.1	Amostra de todos os informantes entrevistados	93
6.4.1	Mobilidade espacial	95
6.4.2.a	Categoria profissional dos informantes maiores de 18 anos, segundo sexo e geração	96
6.4.2.b	A categoria profissional do pai de cada informante, em cada geração	97
6.4.3.a	Grau de escolaridade I	98
6.4.3.b	Grau de escolaridade II	98
6.4.4	Exposição aos meios de comunicação de massa	100
6.5.1.a	Escolha da língua - sexo masculino	106
6.5.1.b	Escolha da língua - sexo feminino	107
6.5.2	Padrões de escolha da língua em Marechal Cândido Rondon	112
6.5.3.a	Padrões de escolha da língua - sexo masculino	117
6.5.3.b	Padrões de escolha da língua - sexo feminino	118
6.5.3.1	Padrões de escolha da língua entre as mulheres católicas	120
6.5.3.2	Padrões de escolha da língua entre mulheres evangélicas	122
6.5.3.3	Padrões de escolha da língua entre os homens católicos	124
6.5.3.4	Padrões de escolha da língua entre os homens evangélicos	126
6.6.1	Rede familiar	133
6.6.2	Rede de relações preferenciais	137

RESUMO

O presente estudo focaliza o aspecto do bilingüismo alemão/português na comunidade urbana de Marechal Cândido Rondon, Paraná, Brasil.

O estudo é descritivo, sendo o grupo alvo da pesquisa constituído por imigrantes alemães e seus descendentes, radicados em Marechal Cândido Rondon, razão pela qual foram abordados os aspectos sócio-históricos do movimento migratório e da colonização deste município paranaense.

Através desta pesquisa sociolingüística desenvolvida em três etapas, procurou-se caracterizar o uso das duas línguas na sede urbana de Marechal Cândido Rondon. Na primeira etapa, buscou-se, por meio de dados estatísticos de uma amostra constituída por alunos do 1º e 2º graus, obter uma idéia geral da situação do uso do alemão e do português na comunidade. Na segunda etapa, utilizou-se o modelo de análise das "*redes de comunicação*", a fim de avaliar os padrões que determinam as escolhas lingüísticas, das famílias descendentes de alemães em três gerações, o que possibilita observar os componentes sincrônicos e diacrônicos do processo de mudança lingüística. Na terceira etapa, enfatizou-se a interação verbal e não verbal do processo de desenvolvimento simultâneo de duas línguas: o caso das situações de "*code-switching*" no alemão/português, no sentido de mostrar como os participantes da interação utilizam os conhecimentos lingüísticos e sociais para decidir sobre o uso dos códigos.

O estudo evidenciou um uso pouco significativo por parte da geração mais jovem, em relação ao domínio da língua alemã, quer em situações familiares ou sociais. Quanto à permanência e uso da língua alemã, conclui-se que a ação exercida pelas relações familiares é responsável pela transmissão e manutenção da língua minoritária. Com relação à alternância de código, observou-se que a escolha da língua depende, principalmente, das relações existentes entre os interlocutores e dos conhecimentos comuns compartilhados por eles.

ABSTRACT

The present study focuses on the aspects of the German-Portuguese bilingualism in the urban community of Marechal Cândido Rondon, Paraná, Brazil.

The study is descriptive, the research target group being constituted by German immigrants and their descendants, living in Marechal Cândido Rondon, which is why the socio-historical aspects of migratory movement and the colonization of that municipality were covered.

Through this sociolinguistic study, developed in three stages, we tried to characterize the use of the two languages in the municipal seat of Marechal Cândido Rondon. In the first stage, by means of statistical data of a sample constituted by school children, we tried to get a general idea of the situation of the use of German and Portuguese in the community. In the second stage, we used a "communication network" analysis model for the purpose of evaluating the patterns which determine linguistic choices in third generation families, descendants of Germans. The model permits us to observe the synchronic and diachronic components present in the process of linguistic change. In the third stage, we emphasized the verbal and non-verbal interaction in the process of the simultaneous development of the two languages: the role of code-switching situations in German and Portuguese, to show how the participants of the interaction use linguistic and social knowledge to decide on the use of the codes.

The study showed little significant use on the part of the younger generation with respect to German fluency, both in familiar and social situations. As to the permanence and use of German, we conclude that use in familial relations is responsible for the transmission and maintenance of the minority language. With respect to code alternance, we observed that the choice of language depends mainly on the relations existing among the speakers and on common knowledge shared by them.

CAPÍTULO I

INTRODUÇÃO

Uma das características marcantes da sociedade brasileira é a coexistência de diferentes culturas ocupando o mesmo espaço. Neste contexto cultural, cada etnia tem a sua tradição, o seu valor e a sua língua, que são transmitidas de geração a geração, fazendo parte de sua herança familiar e da socialização de seu grupo.

Com relação aos teuto-brasileiros, os costumes e a língua puderam se manter sem problemas ao longo de 167 anos de colonização, pela transmissão de seus valores, de sua tradição e de sua língua.

No entanto, quando duas línguas entram em contato socialmente, sofrem uma transformação (Trudgill, 1974 apud Steiner, 1988: 10), ocorrendo mudanças lingüísticas. Isso nos leva a inferir que a língua alemã no Brasil teve modificações diferentes daquelas ocorridas na Alemanha. Segundo Heye (1986: 218) formou-se o "*Brasildeutsch*" uma variedade da língua alemã composta por termos do português e termos do "*plattdeutsch*"¹. Isso, através de interação social extensiva

¹ O termo "*plattdeutsch*" é usado para denominar os dialetos do baixo alemão (Lyons, 1987: 259).

entre os descendentes de alemães de diferentes grupos das diversas regiões da Alemanha.

Marechal Cândido Rondon, município do Extremo Oeste do Paraná, constitui o objeto de nosso estudo, em termos de preocupação lingüística, focalizando-se as relações ocorridas em relação à língua portuguesa e à língua alemã.

Povoado por descendentes de imigrantes, na maioria alemães, oriundos dos Estados do Rio Grande do Sul e Santa Catarina, o município mantém, ainda hoje, hábitos e costumes típicos das regiões de origem.

Lingüisticamente, a situação do município é das mais variadas: há falantes monolíngües de dialetos do alemão e falantes que aprenderam o português, a partir da escolarização, ou numa idade mais avançada, como segunda língua. A nível escolar, constatamos uma grande interferência dos dialetos alemães no português, tanto a nível de 1º como de 2º grau.

Empiricamente, constatamos o fenômeno do "*code-switching*"² nas duas línguas em foco, bem como pouco uso da língua alemã pela geração mais jovem.

Considerando-se a vinculação com os descendentes germânicos, aliado ao fato do conhecimento da realidade, sentimos, de perto, a problemática que envolve indivíduos bilíngües. Nesse sentido, procuramos observar de forma mais sistemática as relações acarretadas pelo bilingüismo. O mundo de experiências lingüísticas apresentou-se, naturalmente, como campo propício à pesquisa socio-

² O termo do inglês "*code-switching*" indica o uso alternado de dois códigos, por exemplo alemão/português dentro de um mesmo ato de fala, conhecido na literatura como alternância ou mudança de código (cf. referencial teórico).

lingüística.

Especificamente, baseamos nosso estudo nas seguintes constatações:

- Urgência em estudar o comportamento verbal dos descendentes alemães em contato com a comunidade local, visto que a história da imigração alemã atinge um ponto em que se verifica a coexistência de várias gerações;
- Urgência em verificar as condições de manutenção e preservação do alemão na área urbana de Marechal Cândido Rondon;
- Urgência em investigar a problemática sociolingüística do bilingüismo dos teuto-brasileiros a fim de observar com maior rigor científico, o mecanismo lingüístico que se processa no uso de duas línguas tão distintas, isto é, averiguar o fenômeno do "*code-switching*" com o intuito de identificar através deste processo, as atitudes e estratégias usadas pelos falantes bilíngües em diversas situações de interação comunicativa.

Tendo em vista a proposta acima, pretendemos alcançar os seguintes objetivos:

- Descrever a situação de bilingüismo alemão/português existente hoje na comunidade urbana de Marechal Cândido Rondon;
- Verificar as condições de preservação dos dialetos do alemão na comunidade, através de amostragens com "*redes de comunicação*", em relação aos fatores sociolingüísticos que podem levar à manutenção do alemão dentro da comunidade, e, conseqüentemente, à conservação do bilingüismo, ou à dominância do português;

- Verificar as razões aparentes do "*code-switching*", se os fatores culturais beneficiam ou não a competência comunicativa, e, estudar os casos do "*code-switching*" na fala do falante rondonense.

Para tanto, organizamos nosso trabalho em três partes:

A primeira parte (capítulos 2, 3 e 4 da dissertação) apresenta, inicialmente, o referencial teórico que norteou o desenvolvimento de nosso estudo, com base na metodologia de vários autores: Weinreich (1953), Fishman (1966), Mackey (1968), Labov (1972), Blom & Gumperz (1972), Gal (1979), Gumperz (1982), Bortoni-Ricardo (1985) e Steiner (1988) entre outros. Em segundo lugar, o trabalho de campo realizado de junho a dezembro de 1990 na área urbana de Marechal Cândido Rondon, onde descrevemos os procedimentos metodológicos das três etapas de pesquisa. O trabalho de campo embasou-se, entre outros, na metodologia de Hymes (1962), Gumperz (1982) e Labov (1986). Em terceiro lugar, abordamos os aspectos sócio-históricos que retratam o movimento migratório e sociolingüístico da colonização de Marechal Cândido Rondon e da imigração de pessoas vindas da Alemanha que, com seus descendentes, constituem o grupo alvo desta pesquisa. Descrevemos a situação de contato que se deu entre os membros dos grupos étnicos alemão e brasileiro, apresentando uma descrição sucinta dos aspectos geográficos, econômicos, educacionais e culturais do município.

A segunda parte (capítulos 5, 6 e 7 da dissertação) se efetua através de pesquisa desenvolvida em três etapas, onde procuramos caracterizar o uso das duas línguas na área urbana de Marechal Cândido Rondon. Na 1ª etapa de pesquisa, objetivando conseguir de maneira mais significativa, uma amostra da população da área urbana do município relacionada ao bilingüismo alemão/por-

tuguês, apoiamo-nos na literatura de Mackey (1968), que oferece um modelo passível de ser usado ao descrevermos a realidade lingüística de Marechal Cândido Rondon. Nesta etapa, servimo-nos, estatisticamente, de uma amostragem de 396 informantes, constituída de alunos de 1º e 2º graus, em cinco escolas da área urbana. Na 2ª etapa de pesquisa, utilizamos o modelo de análise das "*redes de comunicação*", a fim de avaliar os padrões que determinam as escolhas lingüísticas, fundamentando-nos na literatura de Blom & Gumperz (1972), Labov (1972), Gal (1979), Gumperz (1982), Bortoni-Ricardo (1985) e Steiner (1988).

Através de um levantamento realizado nas Igrejas, verificamos o percentual de famílias descendentes de alemães, sorteando, aleatoriamente, oito famílias desta ascendência. Dentre estas, buscamos dados representados em três gerações, o que permitiu a observação dos componentes sincrônicos e diacrônicos dentro do processo de mudança lingüística. Na 3ª etapa de pesquisa, pretendemos analisar um ponto específico do processo de desenvolvimento simultâneo de duas línguas: o caso das situações de "*code-switching*" no alemão e português, com base na literatura de Hymes (1962), Gumperz e Hernandez (1968), Blom & Gumperz (1972), Sankoff e Poplack (1980) e Nawa (1988). A partir da coleta de dados, efetuada etnograficamente, isto é, pela observação participante no convívio público e privado da comunidade de fala urbana de Marechal Cândido Rondon, analisamos as seqüências autênticas de interação verbal e não verbal no aspecto comunicativo da alternância de código nas línguas alemã e portuguesa.

A terceira parte (capítulo 8 da dissertação) contém a conclusão da análise dos dados e sugestões para estudos futuros.

CAPÍTULO II

REFERENCIAL TEÓRICO

2.0. Observações preliminares

Neste capítulo, apresentaremos a contextualização teórica que norteou o objeto de nosso estudo, organizando-a através de quatro momentos.

Inicialmente, abordamos as situações de bilingüismo ou multilingüismo, isto é, situações de contato entre línguas, com base nos estudos de Weinreich (1953), Haugen (1956), Ferguson (1972), Fishman (1966), Mackey (1968) e outros.

Num segundo momento, objetivamos explicar como ocorre a manutenção ou perda de uma língua, com base nas colocações teóricas e nas pesquisas realizadas por Willems (1946), Schaden (1954), Fishman (1971), Gal (1979), Vandresen (1980), Gumperz (1982), Bortoni-Ricardo (1985) e outros.

Tendo em vista os métodos de análise das redes de comunicação, buscando explicar como ocorre a mudança do bilingüismo, servimo-nos, num terceiro momento, dos trabalhos realizados, entre outros, por Blom & Gumperz (1972), Labov (1972), Gal (1979), Gumperz (1982), Bortoni-Ricardo (1985) e Steiner (1988).

No quarto momento de nossa revisão literária abordamos as situações de "code-switching". Para tanto, tomamos como base de apoio os estudos de Gumperz e Hernandez (1968), Blom & Gumperz (1972), Sankoff e Poplack (1980), Gumperz (1982) e Nawa (1988).

Embora outras pesquisas tenham subsidiado este trabalho, nosso enfoque baseou-se, especificamente, nos autores supracitados.

2.1. Abordagem teórica sobre o bilingüismo

O termo bilingüismo aparece na literatura com várias acepções. Segundo Skutnabb-Kangas (1983) há tantas definições de bilingüismo que cada pesquisador se sente a vontade para acomodá-las ao seu campo de estudo e aos objetivos de sua pesquisa. Na área da Psicologia e da Psicolingüística, o bilingüismo é focado a partir do critério de origem de aquisição da língua: consideram-se bilíngües as crianças que adquirem ambas as línguas simultaneamente na infância; para os lingüistas, importa a forma como o falante domina as duas línguas, ou seja, baseiam suas definições na competência lingüística dos bilíngües, no campo da Sociologia e Sociolingüística, o bilingüismo é abordado em termos de atitude: a conceituação recai sobre a função que a linguagem desempenha para o bilíngüe ou para a comunidade bilíngüe. Nesse sentido, o interesse vincula-se à forma com a qual os falantes e a comunidade reagem às duas línguas.

Assim como existem as diferenças por área de pesquisa, há várias definições sobre o termo bilingüismo, variando de uma exigência máxima do domínio das línguas, isto em 100%, até o extremo oposto, o domínio de um pouco mais de 0% das línguas.

Em relação ao domínio das línguas, a definição clássica de Bloomfield (1934: 56) é abrangente: "*bilíngüe é o indivíduo que tem habilidade de falante nativo em duas ou mais lígua*". Para Braun (1937, apud Haugen, 1956: 115) "*o bilingüismo implica no ativo e completo domínio de duas ou mais línguas*". A definição de Oestreicher (1974, apud Skutnabb-Kangas, 1983: 9) especifica a delimitação do bilingüismo: é o "*domínio completo de duas línguas diferentes sem interferência entre os dois sistemas lingüísticos*".

Essas definições exigem uma completa habilidade funcional por parte do bilíngüe, isto é, um uso não-diglóssico das duas línguas como se o indivíduo fosse falante nativo de duas línguas ao mesmo tempo.

Por outro lado, existem definições menos abrangentes. Isso a partir de estudos das situações de contato entre línguas. O precursor dessa corrente de pesquisa sociolingüística foi Weinreich (1953) no seu trabalho clássico *Languages in Contact*. Para o autor, bilingüismo é "*a prática de empregar duas línguas alternadamente*" (1953: 1). Weinreich abordou seus estudos mais a nível dos fenômenos de interferência, aparecendo na fala dos bilíngües como resultado de contatos lingüísticos.

Para Haugen (1956: 10), ser bilíngüe significa ser capaz de "*reproduzir enunciados completos e com sentido na outra língua*".

Segundo Malmberg (1977, apud Skutnabb-Kangas, 1983: 134-135)

"bilíngüe é um indivíduo que, além de sua língua materna adquiriu desde a infância, ou desde muito cedo, uma segunda língua por meios circunstanciais (em princípio não através de instrução formal), de modo que se tornou um membro totalmente competente da outra

comunidade lingüística dentro da esfera do grupo ocupacional ou social ao qual ele naturalmente pertence".

Para outros estudiosos do assunto, o bilingüismo inclui as etapas iniciais nas quais o falante compreende a outra língua, mas fala pouco (Pohl, 1965 apud Skutnabb-Kangas, 1983: 137).

As definições dadas ao termo bilingüismo nos permitem concluir quanto à não necessidade, por parte do falante, de possuir uma proficiência simétrica nas quatro habilidades básicas: falar, entender, ler e escrever. Com base nessa colocação, preferimos a definição de Mackey (1968: 554), segundo a qual o bilingüismo "*é uma característica individual que pode ocorrer em graus variáveis, desde uma competência mínima até um domínio completo de mais de uma língua*". Nesse sentido, o bilingüismo não se articula como um fenômeno da língua "*langue*", mas sim do discurso "*parole*". Portanto, para Mackey, o conceito de bilingüismo é relativo e, por isso nos defrontamos com um problema que envolve questões de grau, função, alternância e interferência (1968: 555), cabendo em cada caso verificar: **(a)** Até que ponto o falante é bilíngüe e qual é seu domínio sobre cada uma das línguas usadas?; **(b)** Em que situações os falantes usam as duas línguas, e, em que situações usam uma língua e em que situações a outra?; **(c)** Até que ponto os falantes trocam as duas línguas e sob quais condições passam de uma para outra?; **(d)** Até que ponto o falante emprega as duas línguas separadamente? Qual é o momento que faz a fusão das línguas num único sistema? Quais os fenômenos de interferência manifestados pelo uso alternativo das duas línguas? Como o uso de uma língua influencia o uso da outra?

Desde os estudos de Weinreich (1953) estudiosos tentaram chegar a respostas satisfatórias para estas questões. Mas ligados a estas, temos os que pesquisam as circunstâncias sob as quais os falantes bilíngües aprendem as duas línguas, se eles são socializados em ambas as línguas e aprendem a usá-las lado a lado para diversas funções, ou se os falantes aprenderam a 2ª língua após a primeira fase de socialização, com base no sistema de sua 1ª língua.

Por outro lado, cumpre analisar como se desenvolveu a situação de bilingüismo e quais os fatores sociais que o causaram.

A complexidade de fatores que envolvem os estudos sobre o bilingüismo encontrou ressonância nos estudos de Ferguson (1972) e na abordagem sociolinguística de Fishman (1972), Gumperz (1964) e Hymes (1964). Tais autores têm apontado que os falantes de uma língua encontram muitas variedades dentro do repertório comunicativo de uma comunidade e têm que fazer uma escolha adequando o uso em um contexto específico. A decisão quanto às alternativas e regras adequadas para o uso da língua faz parte da competência comunicativa do falante.

Segundo Ferguson (1972) o termo "*diglossia*" é empregado para caracterizar a situação em que um falante "*utiliza duas ou mais variantes de uma mesma língua em diferentes condições*". Uma comunidade se encontra em situação diglósica, quando uma variedade "*alta*" (do inglês high, sigla H) em caso extremo de standardização, superpõe-se a uma ou mais variedades "*baixas*" (do termo low, sigla L), com domínio de uso rigidamente determinado para uma e para outra. Segundo o autor, cada variedade tem uma função definida e seus limites são rígidos. A variedade H é utilizada no registro escrito e falado formal (sermão de

igreja, discurso político, conferências, noticiário, editoriais de jornal), coloca-se como principal veículo literário, e, é adquirida na escola. A variante L é utilizada na comunidade em situações de conversação informal (conversa em família e com amigos, sátiras políticas, folclore). A variedade H goza de prestígio social e a variedade L, não.

Ferguson (1972: 99-116) cita quatro principais comunidades em situação diglósica: Suíça, Haiti, Grécia e países árabes, todos eles caracterizando a coexistência de uma variedade H da língua com uma variedade L, havendo uma relação estreita entre o uso lingüístico e o contexto social, isto é, cada variedade tem uma função definida dentro do repertório lingüístico de uma comunidade de fala. Numa situação diglósica, somente um código é empregado em cada situação.

Outros autores, contudo, deram uma nova dimensão ao termo.

Fishman (1972) retoma o conceito dado por Ferguson e amplia a noção de diglossia a todos os casos de uma dualidade funcional estável, socialmente determinada e existente numa comunidade de fala. Estabelece uma delimitação analítica entre bilingüismo (perspectiva individual) e diglossia (perspectiva social), isto é, o *"bilingüismo é essencialmente uma caracterização da versatilidade lingüística individual, enquanto diglossia é uma caracterização social de funções entre diferentes línguas e variantes"* (1972: 102).

Com base nessa diferenciação, Fishman (ibid.: 93) relacionou bilingüismo e diglossia, criando quatro situações possíveis: **(a)** diglossia e bilingüismo; **(b)** bilingüismo sem diglossia; **(c)** diglossia sem bilingüismo e **(d)** nem bilingüismo, nem diglossia.

(a) Diglossia e bilingüismo: Na relação de diglossia com bilingüismo, temos a coexistência das duas formas, isto é, a distribuição estável de variedades lingüísticas de acordo com funções sociais, sendo a maneira mais flexível de coexistência de duas línguas. Esta situação, encontrada em comunidades onde todos os falantes são bilíngües, exigindo distribuição funcional diglössica, pode ser apresentada tomando-se como exemplo a Suíça (Hochdeutsch-Schwyzertütsch) e o Paraguai (Espanhol-Guarani).

(b) Bilingüismo sem diglossia: Não havendo uma delimitação funcional da língua, a ausência de uma distribuição funcional diglössica faz com que a função lingüística não seja mantida através das gerações. Segundo Fishman, a língua dos imigrantes tende a desaparecer quando os falantes adotarem a língua da comunidade hospedeira. Podemos citar como exemplo, entre outros, os trabalhadores migrantes no mundo ocidental, os mexicanos nos EUA e imigrantes no Brasil.

(c) Diglossia sem bilingüismo: Ocorre em arranjos políticos e sociais quando, por exemplo, os colonizadores têm acesso à língua dominante, usando-a intencionalmente em contraste com a variante do povo. Tal situação pode ser ilustrada com a ocorrência do uso do francês pela aristocracia russa, antes da 1ª Guerra Mundial.

(d) Nem bilingüismo, nem diglossia: Fishman não cita nenhum caso específico, mas esse tipo pode ser encontrado em comunidades lingüísticas isoladas, onde a variação lingüística é pequena.

O grande mérito de Fishman foi oferecer, sobretudo, uma saída prática e funcional para explicar as complicadas relações existentes em sociedades multilíngües.

Embora em muitas comunidades bilíngües seja verificado o uso regular de uma variante para finalidades mais públicas ou formais e outra para situações mais informais, a diglossia pode ou não ocorrer tanto em comunidades monolíngües como bilíngües.

Gumperz (1964: 137) ateve-se ao estudo do bilingüismo estável em sociedades diglössicas (na Índia e na Noruega), onde duas ou mais variedades se alternam conforme a situação sociolingüística (no lar ou em contextos oficiais). A esta totalidade de formas lingüísticas empregadas regularmente ao longo de uma interação socialmente significativa ele denominou de repertório verbal.

As pesquisas de Gumperz e Hymes serão retomadas no parágrafo 2.4 na discussão do conceito de competência comunicativa e mudança de código.

2.2. Manutenção e perda de uma língua

De acordo com Saville-Troike (1982) e Fasold (1984), apontam que as repetidas escolhas de código adequadas à situação social acabam, a longo prazo, tendo como conseqüência para as múltiplas línguas ou variedades lingüísticas envolvidas.

Segundo Fasold (1984), entende-se por manutenção de código a situação em que a comunidade decide continuar usando a língua ou línguas que tinha tradicionalmente usado. Na mudança preferencial dos códigos, há o abandono gradativo de uma língua em favor da outra. A mudança do uso de código é, às vezes, chamada de morte da língua porque a língua anterior não está mais sendo usada e a comunidade de fala muda para uma nova língua.

A morte da língua é interpretada diferentemente por alguns estudiosos.

Ela pode ocorrer: **(a)** se houver uma mudança total em uma comunidade específica, independentemente de haver outra pessoa no mundo que ainda use a língua; **(b)** quando os últimos falantes da língua são considerados como uma comunidade de fala em estado de mudança (Fasold, 1984: 180-242).

Vários estudos foram realizados para identificar fatores que causam a manutenção ou perda de uma língua.

Fishman (1971: 186-320) afirma que alocação dos códigos a domínios distintos é essencialmente a manutenção compartimentalizada de cada variedade. Para ilustrar a relação das variedades nos domínios, o autor sugere uma escala com os passos sucessivos da aculturação de imigrantes americanos, cujo processo de mudança lingüística atravessa quatro estágios.

Steiner (1988: 57) adaptou a situação descrita por Fishman (1971) sobre os descendentes de imigrantes de alemães em Santa Catarina:

- Estágio 1: O imigrante aprende o português através do contato com a comunidade luso-brasileira, mas o alemão é a língua dominante. O português é usado em poucos domínios (esfera do trabalho e da administração), nos quais o alemão não pode ser usado. Há interferência mínima. Poucos imigrantes falam pouco o português.
- Estágio 2: Mais imigrantes falam mais o português e, com isso, podem conversar entre si tanto em alemão como em português em vários domínios. A interferência é aumentada.
- Estágio 3: As línguas funcionam independentemente uma da outra. Tanto a língua alemã como o português são usadas na maioria dos domínios. A interferência é estabilizada.

- Estágio 4: O português substitui o alemão em todos os domínios, exceto no convívio familiar. A interferência diminui.

Em resumo, os estágios refletem a solução do bilingüismo adotado por descendentes de imigrantes alemães, em direção ao monolingüismo em português. À medida que aumenta o domínio da língua portuguesa, diminui o alemão.

Para Fishman, principalmente as condições sócio-psicológicas e sócio-políticas são responsáveis em relação às variedades nos domínios. Cita três aspectos principais de mudança lingüística:

"(a) a preservação lingüística é uma função da integridade de grupos, especialmente de manifestações ideológicas de lealdade grupal e contexto nacionalista; (b) moradores de áreas urbanas tendem mais à mudança lingüística do que habitantes de áreas rurais; (c) a língua de maior prestígio substitui a de menor prestígio" (1971: 186).

Estes três aspectos também se encontram definidos nas idéias de Oberacker (1939), Willems (1946), Bossmann (1953), Schaden (1954), Vandresen (1980), entre outros, em seus estudos sobre imigrantes e descendentes alemães no Brasil.

Oberacker (1939) diz que os colonos alemães em geral são bilíngües, usando o alemão na vida doméstica e particular, e o português na vida política e econômica. O fato de que os dialetos alemães foram alterados pelo acolhimento de muitas palavras portuguesas e indígenas

"... parece que os descendentes de alemães nunca procuraram o isolamento e de que, caso se possa observar em algumas colônias solitárias em manejo acanhado do vernáculo, as razões sempre devem

ser procuradas não na má vontade de seus habitantes, mas por outras razões e circunstâncias pela qual a culpa não cabe aos colonos" (Oberacker, 1939: 67).

Willems (1946: 195) menciona três fatores que provocaram mudanças lingüísticas:

"(a) O meio ambiente brasileiro diferia muito do europeu e impunha a aquisição de uma terminologia para preencher lacunas existentes no repertório lingüístico dos imigrantes; (b) As comunidades teutas se compunham de imigrantes culturalmente heterogêneos. O contato entre dialetos e padrões provinciais originou processos de difusão intraétnica bastante complicados; (c) Os imigrantes entraram desde o primeiro dia numa simbiose com grupos culturalmente diferentes".

Para Willems a língua que os descendentes alemães falam é um linguajar teuto-brasileiro. Esse linguajar, para o autor, é uma língua híbrida.

"A hibridação do alemão não foi determinada, exclusivamente, pela necessidade de dominar elementos culturais novos ou diferentes aos quais os recursos do idioma originário pareciam inadequados. Em alguns a necessidade de adotar termos portugueses é discutível, mas inúmeros são os exemplos em que as palavras novas eram evidentemente dispensáveis" (1946: 220).

De acordo com o autor, a principal motivação para o empréstimo de palavras portuguesas é que a língua nacional é considerada a língua de prestígio.

Para Bossmann (1953), a língua do imigrante é "penetrada" e "sugada"

pela língua nacional num processo de assimilação.

"O produto intermediário desse processo é uma língua mescla, uma miscelânea de duas ou mais línguas, que estão num determinado espaço permanente e que engrenam e interferem uma na outra. O grau de miscelânea aumenta com a falta de formação escolar, de inteligência do falante, de disciplina lingüística, de descuido na hora de falar" (1953: 99).

A explicação de Bossmann (1953) para o que denomina de "*mescla lingüística*" teuto-brasileira deriva do fato de a maioria dos imigrantes pertencerem a camadas com pouca formação escolar, sendo falantes de um dos dialetos regionais da Alemanha. Para o autor, "*o alemão padrão era numericamente sub-representado e somente exerceu alguma influência nas igrejas e escolas alemãs*" (1953: 98).

Schaden (1954: 189), em seus estudos sobre os imigrantes alemães e seus descendentes no Brasil, diz que:

"a língua e os costumes dos primeiros imigrantes se mantêm como identidade nacional, através da transmissão de valores e formas de comportamento comuns, nos costumes e na língua herdada pelos pais. Mas, se os descendentes não preservam os aspectos culturais de sua etnia, perdem sua identidade nacional. Para o autor, é a língua que define o processo da aculturação dos descendentes de alemães. Mais do que qualquer outra esfera cultural, a língua é ao mesmo tempo conteúdo, portadora e a expressão do caráter de um povo" (Schaden, 1954: 189).

Para o autor supracitado, a mudança lingüística ocorre muito em

colônias rurais fechadas, e se dá em duas fases: primeiramente, através de uma transformação no dialeto alemão falado, devido ao confronto com o novo meio geográfico; depois, inicia-se o aprendizado do português, que é confrontado com o alemão do dia-a-dia do falante.

Nesta segunda fase de mudança lingüística, ocorre a incorporação de vocábulos do português ao vocabulário teuto-brasileiro rural, observando-se tal adaptação à fonologia e à prosódia da língua alemã, o que, muitas vezes, impossibilita o reconhecimento de sua origem.

Segundo os estudos de Willems (1946) e Schaden (1954), para o colono alemão, o uso do português é símbolo de prestígio, permitindo ao indivíduo ascensão social e possibilidade de participação na vida pública e política. Destacam, por outro lado, a formação de centros industriais na área de colonização como elemento favorável à mudança lingüística.

A invasão do português em regiões onde o alemão foi por muito tempo a língua do dia-a-dia dos imigrantes alemães ou descendentes constitui, para Schaden (1954: 190), o perigo do desaparecimento do alemão, uma vez que *"muitos netos já não conseguem falar com seus avós"*.

Os estudos de Vandresen (1980), com os imigrantes alemães e seus descendentes, em Santa Catarina, também destacam os fatores sociais como agentes influenciadores no comportamento lingüístico.

Devido à situação geográfica e demográfica, no final do primeiro século de colonização alemã havia um grande número de teuto-brasileiros vivendo em comunidades geograficamente isoladas, ou situados em uma ilha lingüística alemã, sem conhecimento do português. Os falantes bilíngües, em sua maioria, tinham

maior habilidade de entender, falar, ler e escrever em alemão do que em português.

A pesquisa de Vandresen (1980: 375-378) abarcou a análise do papel da escola no comportamento lingüístico dos teuto-brasileiros. Nos primeiros cem anos de colonização alemã em Santa Catarina, o ensino, principalmente nas escolas particulares, era feito através da língua alemã.

A política de nacionalização e de assimilação forçada na organização social das comunidades de língua estrangeira, por ordem do governo brasileiro, pode ser considerada como um dos fatores decisivos, no cenário histórico, do progresso de mudança lingüística alemão/português. Com o fechamento das escolas em 1942, com a proibição de falar o alemão e com o aprendizado do português pelo método indireto, e pouco usado nas situações reais de comunicação, criou-se indivíduos bilíngües com baixo grau de competência em português e com muita interferência fonológica e morfossintática causada pela língua materna.

Outro papel importante, citado pelo autor, é o da religião. Os líderes religiosos tiveram influência decisiva na conservação da língua materna dos descendentes de alemães na fundação e manutenção das escolas, jornais e revistas alemãs. Vandresen (op.cit.) aponta a diferença entre os pastores protestantes e os padres católicos em relação à interferência lingüística: enquanto aqueles eram formados na Alemanha, estes eram submetidos à formação eclesiástica nos seminários brasileiros.

A análise de Vandresen permite concluir sobre os resultados lingüísticos, nas comunidades alemãs, quando o português, por imposição oficial, passa a ser a língua nas escolas. Como decorrência, os descendentes de alemães passam a aprender a língua materna sem nenhuma instrução sistemática, através do dialeto

efetuado entre pais e filhos, ocasionando com isso, insegurança quanto à competência no uso da língua alemã, dado que a mesma tornou-se proibida em locais de domínio público.

Ao lado de fatores políticos e religiosos, os fatores econômicos, incluindo-se a industrialização e a urbanização, são elementos importantes na descrição da manutenção e perda de uma língua. Tais fatores integram, entre outros, os estudos de Gal (1979), Dorian (1981), Gumperz (1982), Bortoni-Ricardo (1985) e Steiner (1988).

As causas da manutenção do bilingüismo ou da mudança lingüística têm encontrado farto campo de estudos. Entretanto, poucos estudiosos preocuparam-se em descrever como a mudança lingüística ocorre. Nosso trabalho busca privilegiar essa segunda abordagem. Com base nos estudos realizados por Blom & Gumperz (1972), Gal (1979), Gumperz (1982), Bortoni-Ricardo (1985), Steiner (1988), entre outros estudiosos, procuraremos explicar a manutenção das línguas dentro de uma comunidade de fala bilíngüe, em relação às características das redes de comunicação a que estão expostos os falantes.

2.3. Análise das redes de comunicação: um modelo sincrônico e diacrônico para estudo da mudança lingüística

Para Mitchell (1973), citado por Bortoni-Ricardo (1985: 89) "*as redes de comunicação social são basicamente um conjunto de ligações de todos os tipos entre um grupo de indivíduos*". Gal (1979: 175) afirma que "*as redes de comunicação social não influenciam a língua diretamente*". Sua influência é exercida até o ponto em que as características das redes são provavelmente delineadoras da predisposi-

ção das pessoas de identificar-se com um certo grupo social. Downes (1984: 97) comenta que:

"As redes de comunicação social envolvem mais do que simplesmente a comunicação. Elas formam a teia de ligação que compõem a rede íntima da vida diária, e como tal envolve os indivíduos em direitos e obrigações uns aos outros."

O mesmo autor ainda acrescenta que as redes apresentam uma importante característica - a densidade - a qual é uma medida para saber quantas ligações potenciais são de fato reais, podendo ser mais densas ou menos densas. Elas possuem uma densidade alta se os membros de uma rede estiverem em contato entre si.

Mas, foi Barnes (1954, apud Bortoni-Ricardo, 1985: 75-7) quem desenvolveu o primeiro estudo sistemático das relações entre características morfológicas de uma rede e o comportamento social, com indivíduos representados por pontos e sua interação por linhas.

O mesmo autor fixou as bases para a distinção entre sociedades rurais e urbanas nos termos da densidade de suas redes de interação. Caracterizou as comunidades rurais por uma rede mais densa (ou multiplex) de relações, enquanto as comunidades urbanas apresentam uma rede mais frouxa (ou uniplex) de relações.

Bortoni-Ricardo (1985: 76) explica a noção de densidade através dos dois sociogramas abaixo:

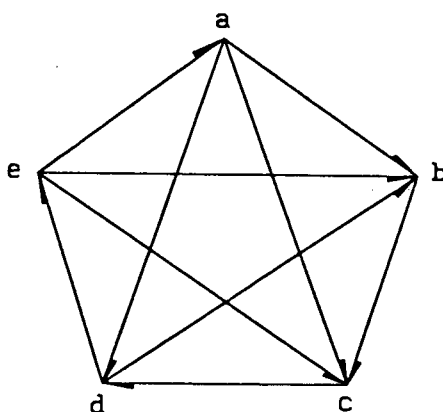


Fig. 1: estrutura de uma rede de alta densidade (trama fechada - multiplex).

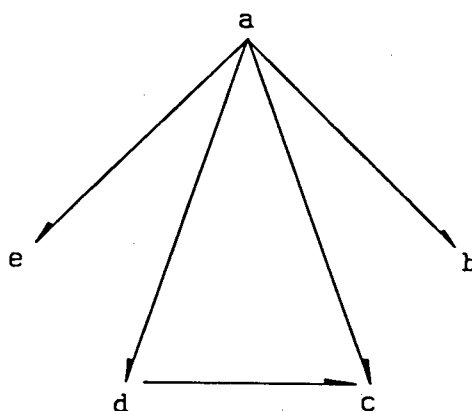


Fig. 2: estrutura de uma rede de baixa densidade (trama frouxa - uniplex).

Na década de setenta, surgiram vários trabalhos em relação ao método de análise pela pesquisa sociolinguística sobre as redes de comunicação social: Labov, Blom & Gumperz, Gumperz, Gal, Dorian, Fishman, Steiner, entre outros. Estes estudos muito contribuíram para explicar a complexa relação existente entre fatores sociológicos do bilingüismo ou diglossia em situações multilíngües ou multidialetais. E, só através da abordagem da variação e da mudança linguística, pela análise da rede de relações dos falantes, foi possível entender o processo pelo

qual estas comunidades de fala bilíngües ou multilíngües se encontram.

Labov (1972: 43-69) utilizou a técnica sociométrica para estudar quatro grupos de adolescentes das ruas de Harlem, em Nova Iorque, demonstrando a relação existente entre o grau de integração dos garotos dentro do grupo e sua preferência pelo vernáculo inglês negro. Demonstrou que a estrutura de uma rede de alta densidade dos grupos exerce controle sobre o cultivo do vernáculo.

Blom & Gumperz (1972: 407-434) desenvolveram uma pesquisa sociolingüística em Hemnesberget, no norte da Noruega, sobre o fenômeno do "code-switching" que ocorre entre dois dialetos. Para Blom & Gumperz, trata-se de um único sistema lingüístico, diferenciado por traços semelhantes aos que Labov chamou de "variáveis". O trabalho de Blom & Gumperz foi interpretado por Dittmar (1976: 224-225) como um exemplo de redes de comunicação social. O autor explica que a variação lingüística dos falantes não é analisada com base no "status" sócio-econômico, mas é vista como um meio de simbolizar as diferentes relações sociais entre os falantes. Portanto, ela é investigada com relação aos padrões interacionais que reconhecem e mantêm as relações sociais. É aqui que o conceito de redes de comunicação social pode ser empregado. A análise de Blom & Gumperz se baseia nas redes de amizade e inclui quatro grupos: duas redes abertas e duas redes fechadas, reunindo pessoas de diferentes origens sociais.

Gumperz (1982) estudou uma comunidade rural bilíngüe do Gailtal em Karnten, na Áustria, que se encontrava em processo de urbanização, havendo a mudança lingüística em andamento da língua eslovênia tradicional para a alemã. O alemão, considerado de prestígio, revelava antes "*mudanças básicas na estrutura das relações interpessoais do que alterações no ambiente extra-lingüístico*"

(Gumperz, 1982: 57).

Os estudos de Blom & Gumperz e Gumperz serão retomados em 2.4, quando nos utilizaremos da metodologia para analisar os fenômenos do "*code-switching*" em Marechal Cândido Rondon. Mas, para a nossa análise de "*redes de comunicação*", adotaremos a metodologia empregada por Gal (1979) e Bortoni-Ricardo (1985).

Gal utiliza o modelo de redes para a análise da diversidade lingüística. A autora estudou a comunidade de fala alemã e húngara, em Oberwart, Áustria, que era essencialmente camponesa, falava húngaro e que atingiu ampla prosperidade após a Segunda Guerra Mundial, passando da agricultura para a industrialização. Com isso, o alemão passou a se tornar um símbolo do progresso.

Como já citamos anteriormente, para Gal (1979: 175) as redes não influenciam a língua diretamente, mas as características das redes podem influenciar a predisposição das pessoas a se identificarem com certo grupo social.

As redes de comunicação social exercem, portanto, um importante papel na manutenção e mudança lingüísticas. O primeiro caso ocorre quando há a formação de redes densas e multiplex, com os indivíduos interagindo entre si, envolvidos nas mesmas obrigações e direitos. Ao contrário, quanto menos contato os falantes de uma comunidade tiverem, maior probabilidade haverá de mudanças lingüísticas. Formarão o que se denomina de redes de textura frouxa e uniplex.

Um outro aspecto muito importante do modelo de análise das redes de comunicação, analisado por Gal (1979) e, também citado por Steiner (1988: 72), é quando há uma visão ao mesmo tempo sincrônica e diacrônica do processo de mudança lingüística. Ao isolarmos características lingüísticas de falantes de

diferentes gerações, estamos obtendo um índice de mutação lingüística, isto é, "*há possibilidade de reconstruir o processo diacrônico de mudança nos padrões de escolha da língua a partir dos padrões sincrônicos da variação*" (Gal, 1979: 153).

A partir de um fato presente, possivelmente, ocorre o devido encaixamento histórico das variantes, através de recorte transversal da comunidade de falantes, de uma amostra sincrônica, em função da faixa etária dos informantes (Tarallo, 1986: 65).

Outro aspecto importante na mudança lingüística é que se trata de um processo, e, como tal, não pode ocorrer de maneira radical e categórica em nenhum nível de variação. Antes, desenvolve-se a alternância entre as formas antigas e as novas que caracterizam a difusão da mudança para novos falantes em novos ambientes (Gal, 1979: 175).

Em relação a Marechal Cândido Rondon, objeto-amostra do presente estudo, a forma antiga vem a ser o alemão e a forma nova o português. Considerando-se a existência de três gerações, a primeira fala mais a língua alemã do que o português; a segunda fala alemão ou português alternadamente e, a terceira geração, praticamente só fala o português. Portanto, é a geração do meio que atua no processo da mudança lingüística, pois é este grupo de falantes bilíngües que define as funções de emprego das duas línguas. E, também, é este o grupo que atribuirá às línguas as conotações de valor e "*status*" na comunidade.

Com o objetivo de análise e comparação da rede do indivíduo dentro de uma comunidade migrante, os estudos de Bortoni-Ricardo (1985) tem-se mostrado válidos. Utilizando-se do método sociométrico, que permite um estudo quantitativo das relações inter-humanas preferenciais, Bortoni-Ricardo (1985: 72) procurou

quantificar os contatos interpessoais dos falantes de dialetos rurais em Brazlândia.

Os resultados reforçam a hipótese de que uma comunidade em processo de urbanização tende lingüisticamente à padronização.

Esse comportamento, observável em regiões urbanas bilíngües, como é o caso de Marechal Cândido Rondon, será fator de consideração e análise em nosso trabalho. Entretanto, o objeto principal de nosso estudo são as situações de "*code-switching*" - no alemão e português em Marechal Cândido Rondon. Para tanto, tomaremos como base metodológica, entre outras, as considerações de Hymes (1962), Gumperz e Hernandez (1969), Blom & Gumperz (1972), Sankoff e Poplack (1980), Gumperz (1982) e Nawa (1988).

2.4. Situações de alternância de código

Os fenômenos de "*code-switching*" vêm a ser o uso alternado de dois códigos - alemão e português - num mesmo discurso, denominado por muitos estudiosos como alternância de código ou mudança de código.

Há uma extensa literatura a respeito deste fenômeno, como já citamos anteriormente. Estes estudos contribuíram para se compreender o efeito comunicativo de "*code-switching*" em um mesmo discurso.

A alternância de código é um fenômeno bastante evidente em falantes bilíngües, mas pouco explorado. Atribui-se, com freqüência, a este termo, de "*mistura de línguas*", o rótulo simplista de "*deficit*" lingüístico. Lance (1969, apud Haugen, 1973: 315) observou que "*são principalmente os falantes monolíngües de uma ou de outra língua que fazem esta colocação.*" No entanto, a alternância de código ocorre na maioria das vezes em conversas informais de falantes que

dominam bem ambos os códigos. Lance (1969) analisou os bilíngües (espanhol-inglês) no Texas, constatando que os falantes mexicanos eram altamente versáteis e competentes, lingüisticamente, nos dois códigos, com vantagem de usá-los quando a situação social se apresentasse ambígua. É bem verdade que, em algumas situações, credita-se à inabilidade dos falantes o fato de utilizarem-se de um código em detrimento de outro, porém, isto não indica, necessariamente, um desconhecimento do sistema gramatical em questão. Considera-se a alternância de código uma estratégia discursiva, quando o falante transmite ao seu interlocutor, um pouco mais do que informações justapostas de códigos diferentes.

De acordo com Bell (1976) a alternância de código é espontânea e ocorre dentro de um mesmo ato de fala, sem nenhum indício aparente de modificação na influência do discurso, tal como: hesitação, pausa, mudança na entonação, etc.

Gumperz (1982: 39) diz que "*descendentes de grupos imigrantes mantêm sua identidade étnica mesmo que tenham perdido as línguas minoritárias originais*" e aponta a necessidade de dar-se "*um enfoque etnológico ao estudo da mudança de código, preocupando-se antes com o significado de seu desenvolvimento enquanto processo comunicativo como tal, do que como tratamento da comunicação como simples reflexo de possíveis causas originais*". Isto quer dizer, em outras palavras, que devemos investigar não o que se originou da mudança de código, mas como se desenvolveu o processo simultâneo da mudança de código.

Nos estudos feitos em Khalapur na Índia e Hennesberget na Noruega, Gumperz (1964a,b) constatou que o repertório verbal pode ser definido tanto em termos lingüísticos como em termos sociais, isto é, o "*repertório verbal*" correspondia à "*organização social*" dos falantes.

Em Khalapur, a língua padrão oficial ("*Hindi*") ensinada nas escolas, simbolizava a elite e o "*status quo*" dos residentes, contudo a comunicação entre os moradores dessa vila era feita no dialeto local. Gumperz diz que em interações puramente locais, onde havia uma predominância do dialeto, todos, inclusive os altamente instruídos, usavam o dialeto para simbolizar maior participação na vida comunitária.

Em Hemnesberget, uma comunidade de 1.300 habitantes na região nordeste da Noruega, falava-se tanto o dialeto local (Rakamål) como a língua padrão (Bokmål). Os falantes do Ralamål consideravam este dialeto mais apropriado para as interações orais, tanto em casa como fora dela, já, Bokmål era usado em locais mais formais. Mesmo com essa clara delimitação funcional de uso, os habitantes insistiam no direito de usar o dialeto em várias ocasiões para mostrar que "*não se envergonhavam de sua origem*"; as normas sociais limitavam o uso do Bokmål a locais de estilos restritos como igreja, literatura e alguns tipos de interação com os não-residentes.

Gumperz, nos estudos posteriores (1967, 1969, 1970; e Gumperz e Hernandez, 1969) observou que mesmo nas comunidades bilíngües estáveis, alguns falantes alternavam os dois códigos pelas mesmas razões que um monolíngüe selecionava estilos de fala.

Este uso de variações superpostas estabelecia uma nova dimensão de comportamento lingüístico, colocando em evidência dois tipos de interações: a transacional e a pessoal. A interação transacional é centrada nos objetivos socialmente definidos como: situações formais onde se espalham a hierarquia social das variantes, e a interação pessoal e centrada no indivíduo enquanto participante

ativo. Este comportamento tem sido observado, predominantemente, em conversas informais entre amigos ou entre membros de um mesmo grupo étnico ou, ainda, em discussões onde o tópico era mais importante que as características sociais dos participantes (Gumperz, 1964; 149).

Bourhis (1977: 117) diz que é muito difícil fazer um estudo lingüístico de grupo étnico sem se referir ao fenômeno do "*code-switching*". As variedades lingüísticas, ou estilos de fala em interações étnicas, são particularmente importantes, visto que conferem características especiais ao seu grupo.

2.4.1. Alternância de código: abordagem dos fatores estruturais lingüísticos

Com base na análise das duas línguas em questão - alemão e português - e, tendo em vista a consecução dos objetivos propostos em nosso estudo, faz-se necessário distinguir os conceitos de "*interferência*" e "*empréstimo*" de "*alternância de código*".

Weinreich (1953: 1) conceituou "*interferência lingüística*" como caso de desvios de norma de uma das línguas faladas por um indivíduo bilíngüe e definiu dois tipos de interferência: na língua (*empréstimo*) e na fala (*interferência*). A interferência é o uso de elementos de um código dentro do contexto de um outro código nos níveis fonológico, sintático, lexical, semântico e pragmático. Muitas vezes, a interferência lexical ocorre devido à falta de termos exatos para expressar um determinado conceito em um dos códigos lingüísticos. Segundo Vogt (1954 apud Staub, 1983: 56), a maioria dos fenômenos de interferência são efêmeros e individuais e os que se tornarem freqüentes e fixos são chamados de "*empréstimos*".

Segundo Dubois (1978: 209) "*há empréstimo lingüístico quando um falar A usa e acaba por integrar uma unidade ou traço lingüístico que existia precedentemente num falar B e que A não possuía*". A interferência lexical ocorre por causa das "*falhas*" existentes na estrutura da língua receptora (Weinreich, 1953; Clyne, 1967).

Le Page (1969, apud Tosi, 1984: 87) sugeriu que se usasse a "*interferência*" para medir o grau de aculturação de indivíduos em comunidades bilíngües. Esta hipótese foi examinada por Clyne (1967), que estudou a evolução de uma comunidade de refugiados alemães numa área suburbana de Melbourne, Austrália, descrevendo lingüisticamente o processo e o efeito das línguas em situação de contato e as suas interferências.

Um problema ligado à delimitação do conceito de "*interferência*", mesmo no nível formal, é decidir quando o uso do elemento de uma língua no contexto da outra pode ser considerado "*interferência*" ou "*code-switching*". Poplack, Sankoff e Miller (1988) observaram que

"Há dificuldades metodológicas em distinguir palavras emprestada no contexto, assim como o uso alternado de dois códigos no mesmo ato de fala ou item, dificultando a descrição de padrões de comportamento bilíngüe. O equívoco entre os termos alternância de código ('code-switching') e empréstimos ('borrowing') acarretam sérias conseqüências na perspectiva da teoria do bilingüismo."

Atualmente, existe um crescente interesse com relação às descrições de parâmetros gramaticais na alternância de código. Entre os estudiosos que analisaram o fator social, a partir de explicações lingüísticas, estão: Sankoff &

Poplack (1980), Di Sciullo, Muysken & Singh (1986), Berk-Seligson (1986) e Clyne (1987).

Sankoff & Poplack (1980) concluíram que o "*code-switching*" ocorre quando não há uma violação de regras sintáticas na estrutura superficial das duas línguas, no momento em que os elementos da L1 e L2 se justapõem. Para testar esta hipótese, os autores analisaram a fala de 20 portoriquenhos (com diversos graus de bilingüismo), residentes numa comunidade bilíngüe estável. A análise foi quantitativa e revelou que os bilíngües, fluentes ou não, eram capazes de mudar o código com bastante freqüência e, ainda, manter a gramaticalidade tanto na L1 como na L2. Observaram também que a alternância de código entre-sentenças era maior entre os bilíngües não fluentes e sugeriram que a ocorrência de "*code-switching*" intra-sentenças entre falantes bilíngües poderia servir de indicador para medir o grau de sua competência bilíngüe.

Berk-Seligson (1986) contesta a afirmação de Sankoff & Poplack (1980): "*Esta habilidade de 'code switching' intra sentença não pode, como muitos têm discutido, ser considerada universalmente como uma medida de bilingüismo nem uma marca do falante bilíngüe.*"

A autora coloca a necessidade de se pesquisar melhor as línguas sintaticamente divergentes que estão em íntimo contato.

Di Sciullo, Muysken & Singh (1986: 24) observaram que a integridade estrutural dos componentes da alternância de código é preservada e os códigos misturados ("*mixing codes*") permaneceram fonológica e morfologicamente separados. Os autores distinguem bem os conceitos "*code mixing*" (inter-sentenças) e "*code-switching*" (intra-sentença). Mas, Mc Lure (1977, apud Nawa, 1988: 64)

emprega "*code-switching*" como um termo genérico que se divide em duas subcategorias: engloba "*code-switching*" (intra-sentenças) e "*code-mixing*" (inter-sentenças).

Clyne (1987) examinou os determinantes do "*code-switching*" e suas implicações teóricas nos mais recentes estudos feitos por Sankoff & Poplack, Di Sciullo et alii entre outros, e chegou à conclusão de que a alternância de código e seus determinantes são fenômenos da estrutura superficial. Sankoff & Poplack (1980), de fato, também haviam chegado à conclusão de que a alternância de código opera no nível da estrutura superficial da sentença, portanto não é gerado na estrutura profunda.

Muitos dos estudiosos da teoria lingüística pós-Chomsky têm trabalhado com base na competência lingüística do falante/ouvinte ideal, numa sociedade homogênea. Portanto, este tipo de enfoque não ampliou os conhecimentos da função da língua na sociedade, uma vez que ignoravam o fator variação. A ênfase da variação de uma língua como instrumento de uma interação social colocou a sociolingüística num caminho oposto ao da lingüística estrutural, e, principalmente, ao da gramática gerativa, que ressaltava os aspectos formais do código.

Estudos sociolingüísticos vêm demonstrando que a língua não pode ser separada do contexto social; algumas regras sócio-culturais têm um desempenho importante. É o caso dos bilíngües, que por definição, não vivem em comunidades homogêneas (Haugen, 1973: 3) e são também falantes/ouvintes bem diferentes dos padrões idealizados por Chomsky. A competência comunicativa de Hymes (1967) compreenderia todas as regras de comunicação, inclusive as competência gramatical, e acrescentaria as de "*performance*", isto é, permitiria decisões também

acerca da aceitabilidade, sob quatro formas: se um ato lingüístico é possível, se é realizável, se é apropriado e se é realizado de fato. A competência comunicativa compreenderia as regras sociais que descrevem como se utiliza a competência gramatical adequadamente em situações de interação. Em qualquer discussão sobre bilingüismo, parte-se da premissa de que as interações verbais vão sempre muito além das meras regras gramaticais.

Erickson (1980: 1-41), observa, ainda, que a língua deveria transmitir os significados sociais e referenciais, simultaneamente, implícita e explicitamente, verbal e não-verbal, ambos inferidos ao longo da interação pelos interlocutores. Assim como os fenômenos sociais e lingüísticos estão sempre presentes, qualquer abordagem sobre o "code-switching" de falantes bilíngües deve correlacionar variáveis sociais e regras de interação com padrões lingüísticos de código em contato.

2.4.2. Alternância de código conversacional

A alternância de código conversacional pode ser definida como uma justaposição de partes da fala pertencentes a dois sistemas ou subsistemas gramaticais diferentes, dentro de um mesmo discurso. Gumperz (1976 : 48) afirma:

"Com maior freqüência, a alternância toma a forma de duas sentenças subseqüentes, isto é, quando um falante usa uma segunda língua, ou para reiterar sua mensagem, ou para responder à afirmação de alguém."

A relação existente entre o uso lingüístico e o contexto social, quando se faz o uso da alternância de código, é bastante complexa porque os participantes

durante uma interação selecionam os seus códigos de maneira automática e quase inconsciente. Com o objetivo de se comunicar eficientemente, os falantes precisam controlar não apenas o código lingüístico, mas a sua escolha, de modo a produzir um discurso coeso, a fim de manter ou criar relações sociais. A seleção é necessária, pois estão muito mais interessados no efeito comunicativo do discurso. Nestas interações, os falantes compartilham conhecimentos subjacentes que conferem significados sociais especiais. Nesse caso, a escolha lingüística torna-se uma questão central. Gumperz trata a alternância de código como um recurso comunicativo imbuído de informações semântico-pragmáticas

"os falantes constroem por si mesmos e no entendimento abstrato de seu público, estratégias situacionais, para comunicar uma informação metafórica sobre como eles pretendem que suas falas sejam entendidas" (1972: 25).

2.4.3. Abordagem sócio-psicológica da alternância de código

Para Bourhis (1977: 118), três são os fatores determinantes da alternância de código: fatores micro-sociolingüísticos (tópico, ambiente social da interação, finalidade da conversa e características do interlocutor); fatores sócio-psicológicos (motivos, sentimentos, lealdade, crenças, percepção, etc.) e fatores macro-sociolingüístico (diglossia e bilingüismo, territórios lingüísticos, etc.). A partir desta classificação, o autor procurou mostrar que a abordagem sociolingüística tradicional não daria conta de todos os instantes da alternância de código em encontros intra e inter-grupais. Segundo Bourhis, as normas e regras sociais explicam alguns aspectos da estratégia discursiva como no caso do "*code-switching*"

metafórico de Blom & Gumperz. O objetivo de Bourhis foi demonstrar que, para dar conta de outras estratégias, como a teoria da acomodação de Giles, quando a fala é convergente ou divergente, a análise da alternância de código deve ser complementada com uma abordagem sócio-psicológica.

Giles (1977: 321) fez um estudo sobre a motivação dos falantes ao mudarem as suas falas em contextos sociais diferentes e, especialmente, no momento da interação. O princípio básico desta teoria é conhecido como teoria da acomodação: as pessoas são motivadas a ajustar, a acomodar a sua fala, como um meio de expressar valores, atitudes e intenções perante os outros. Por outro lado, a fala é divergente quando o falante acentua a diferença comunicativa existente com o interlocutor a fim de manter a sua identidade cultural. Consciente ou inconsciente, os falantes usam estas estratégias discursivas em função dos ouvintes, isto é, o falante mostra ao ouvinte que ele é ou não um membro do mesmo grupo étnico.

Bourhis (1977: 128) complementa esta idéia e acrescenta que, como um fenômeno psico-social, a "acomodação" pode ser considerada como um processo em que os indivíduos em interação social podem, com os recursos lingüísticos, simbolizar sua solidariedade, em alguns instantes, e distância em outras circunstâncias.

2.4.4. Alternância de código: enfoque estratégico-discursivo

As colocações até aqui apresentadas permitem concluir que a alternância de código não acontece, simplesmente, por "*deficit*" lingüístico, mas se dá quando a situação social condiciona o uso de uma determinada língua, isto é, o contexto de

uma situação diglôssica. Neste tipo de interação, estão envolvidos fatores muito mais complexos que a simples alternância de línguas.

Gumperz (1982: 68) observa que:

"a alternância do código 'code-switching' é uma questão de interpretação conversacional de modo que os processos inferenciais relevantes são fortemente afetados por pressuposições contextuais e sociais."

Para o autor, a escolha de um estilo ou de uma língua é uma estratégia que o falante usa para transmitir ao seu interlocutor a imagem de um indivíduo com qualidades socialmente definidas ou expressar uma determinada atitude ou impressão relativa ao tópico da conversa. O estudo desenvolvido por Blom & Gumperz (1972) em Hennesberget ilustra o "code-switching" como estratégia de apresentação do "self" (Goffman, 1961) do falante. Blom & Gumperz observaram que, em uma situação, em que o argumento exigia o "status" de intelectual do falante, ocorria uma mudança para a língua formal (Bokmål). Conceitos como "status" e papéis ("role") são símbolos abstratos comunicativos, e não qualidades permanentes dos falantes (Gumperz, 1972: 409).

O "code-switching", usado para expressar atitudes relativas ao tópico da conversa, está evidenciado no estudo feito por Gumperz e Hernandez (1968), na Califórnia, com falante bilíngüe espanhol/inglês. O code-switching ocorria durante a discussão, cujo assunto referia-se a "desistir ou não de ser fumante", mostrando a atitude do falante diante do problema. As frases em espanhol expressavam intimidade e sentimentos pessoais, enquanto as proferidas em inglês expressavam exatamente o contrário. A habilidade de interferência do ouvinte é fundamental para este tipo de estratégia. Gumperz e Hernandez (1968: 328) concluíram que

"A alternância de código 'code-switching' é uma habilidade comunicativa, cujos falantes usam-na como uma estratégia verbal do mesmo modo que escritores habilidosos alternam estilos numa história curta."

Hatch (1976, apud Heye, 1983: 12) estudou conversações de falantes bilíngües e estabeleceu um conjunto de mecanismos retóricos que indivíduos bilíngües podem usar para expressar seus sentimentos, atitudes e intenções, tais como: **(a)** repetições de afirmações nas duas línguas para ênfase - Yeh gehe heim, para casa (Eu vou para casa); **(b)** destaque de contrastes por troca no ponto de contraste. - A telephone committee doesn't have to be one or two, es kon zeyn finf oder seks. (Uma comissão de telefone não precisa ter um ou dois (membros), podem ser cinco ou seis); **(c)** ênfase do inesperado - The kitchen is finf dollar. (A cozinha é cinco dólares, isto é, barata); **(d)** observações parentéticas - Tuesday is a busy day. (Terça-feira é um dia cheio: círculos de leitura, círculo de trabalhadores - melhor um outro dia); **(e)** inclusão do falante por meio de "tags" de ênfase - It's about the sam, no? (É quase a mesma coisa, não é); **(f)** enfatizando citações: Dice "Ay". Dice "You're gonna hit it" (Ele diz, ai; Ele diz, você vai bater); **(g)** uso de provérbio numa outra língua - "Ven en alte Yidene khevet, vert a yunge veyb" (Quando uma velha judia casa, ela se torna numa mulher jovem).

Outro enfoque foi dado no sentido estratégico-discursivo por Mac Guire and Lorch (1968, apud Gumperz, 1982b), que classificaram a conversa de quatro modos diferentes, de acordo com os seus respectivos objetivos: **(a)** o modo associativo ("*associational mode*") usado para conversas casuais onde o objetivo é a própria interação como uma forma de trocar idéias e experiências; **(b)** o modo de solucionar problemas ("*problem-solving mode*") usado nas interações objetivas

("goal-oriented mode"); (c) o modo interrogativo ("interrogation mode") as perguntas são dirigidas para se obter informações específicas; e (d) o modo esclarecedor de falhas na compreensão ("clarification-of-misunderstanding mode") onde o objeto é determinar onde surgiu a falha na compreensão entre os participantes.

Em relação a estratégia discursiva, deve ser feita a distinção entre as mudanças de código situacional e metafórica (Blom & Gumperz, 1972). Na primeira, a alteração entre variedades redefine uma situação envolvendo uma mudança de tópico e/ou de participantes e, na segunda, a alteração enriquece a situação conferindo significados metafóricos à escolha lingüística. Saville-Troike (1982: 64) observa que a segunda pode distanciar ou aproximar os interlocutores. Gumperz (1982a) afirma que esta última é compreensível apenas pelos membros de uma mesma cultura. Fishman (1969: 45) observa que:

"A troca metafórica é uma concessão que pode ser permitido apenas àqueles que compartilham não somente do mesmo conjunto de normas situacionais, mas também da mesma opinião quanto a sua inviolabilidade."

Gal, 1979: 173). acrescenta:

"para ser inteligível, requer que os ouvintes usam seus conhecimentos adquiridos sobre as conotações das variedades lingüísticas e os contrastes em relação aos valores e ao status da comunidade."

A noção de competência comunicativa deu um enfoque diferente ao estudo das línguas em contato: importam, não apenas os fatores puramente lingüísticos, mas há necessidade de incorporar os elementos culturais e comportamentais dos falantes bilíngües. Seville Troike (1982: 23) observa:

"O conceito de competência comunicativa deve estar imbuído na noção de competência cultural, ou no conjunto de conhecimento e habilidades que os falantes têm de uma determinada situação".

Nesse sentido, o estudo da alternância de código torna-se importante porque procura enfatizar o contraste sócio-simbólico existente no uso das duas línguas, quando os significados sociais, durante a interação, são manipulados pelos falantes.

CAPÍTULO III

METODOLOGIA DA COLETA DE DADOS

3.0. Observações preliminares

Neste capítulo faremos uma descrição da metodologia utilizada durante a realização de nossa pesquisa de campo em Marechal Cândido Rondon, descrevendo etnograficamente, isto é, pela observação participante e por roteiro de entrevistas sociolingüísticas, a comunidade de fala alemã.

Metodologicamente, inspiramos-nos nas propostas de Mackey (1968), Hymes (1962), Labov (1986), Blom & Gumperz (1972), Gal (1979), Bortoni-Ricardo (1985), Steiner (1988) e Nawa (1988).

Segundo o sociólogo americano Cicourel (1974, apud Barnert-Furst, 1989: 30) para toda e qualquer pesquisa de campo dois problemas básicos devem ser considerados:

"as condições em que o trabalho de campo é realizado formam em si uma variável, a qual se manifesta nos resultados de pesquisa e a interação entre pesquisadores e informantes pode constituir uma variável, interferindo no recorte dos dados".

O autor menciona que, na área da sociolinguística, duas técnicas são básicas para a coleta de dados: a observação participante e a entrevista. Mas, foi Labov (1986) quem combinou as duas técnicas de trabalho de campo nos estudos sobre a variação e mudança realizados em Filadélfia, EUA. Esse método de pesquisa de campo aparece detalhado em seu trabalho "*Field Methods of the Project on Linguistic Change and Variation, Philadelphia, 1972-1976*". Labov (1986) acredita que se deve unir as vantagens da observação participante¹ com um roteiro de entrevistas de levantamento de dados, porque o pesquisador pode entrar na vida da comunidade e observar os processos de interação linguística diretamente, a fim de obter impressões sobre as condições de vida dos membros da comunidade de fala.

Em nossa investigação, tentamos conciliar as colocações metodológicas dos autores supra citados, introduzindo, no entanto algumas modificações significativas no que se refere às observações e ao uso de questionário.

Realizamos um trabalho de campo na área urbana do município de Marechal Cândido Rondon, de junho a dezembro de 1990, durante sete meses. No trabalho de campo, utilizamos a técnica da observação participante e roteiro de entrevistas em três etapas de pesquisa.

Quanto a nossa entrada na comunidade de fala rondonense, adotamos as duas estratégias propostas por Labov (1986; 31) quando

¹ Labov (1986: 28) cita que segundo a tradição de metodologia de campo a observação participante tem raízes no trabalho de Gumperz (1964), que utilizou a técnica para obter amostras gravadas de interação de grupos.

"o pesquisador entra em contato com indivíduos e/ou pequenos grupos de conhecidos na comunidade de fala para ajudar a estabelecer contatos com outros membros da vizinhança, ou através de pessoas que pertencem às instituições sociais como, por exemplo, igreja, escola e comércio (com balconistas e/ou vendedores)".

Fizemos contatos com as quatro primeiras igrejas instaladas em Marechal Cândido Rondon: Comunidade Católica Sagrado Coração de Jesus, Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil, Igreja Evangélica Luterana do Brasil e Igreja Batista. Após efetuarmos um levantamento das famílias de descendentes ou imigrantes alemães registradas em cada igreja², sorteamos aleatoriamente um total de oito famílias dessa ascendência, duas por igreja. Dentre estas, buscamos os dados através de dois roteiros de entrevistas (anexos 2 e 3) e da observação participante, representados por membros de três gerações.

Nossa amostragem elencou, em termos de ensino, cinco escolas: uma da rede municipal, uma da rede estadual e três da rede particular, respectivamente da Comunidade Católica, da Comunidade Evangélica de Confissão Luterana no Brasil e da Comunidade Evangélica Luterana do Brasil. Os dados foram colhidos através de um roteiro de entrevista (anexo 1). Igualmente, nossos dados abarcarão, através das entrevistas, o comércio e os meios de difusão local, para obtermos dados empíricos³.

² Segundo Milroy (1987: 18), um quadro de amostra é uma lista qualquer que enumera a população relevante. O princípio básico é que qualquer pessoa dentro de um quadro de amostra tem chance igual a ser selecionado.

³ Para Schiffrin (1987) estudar a língua "*in loco*", implica coletar os dados empiricamente, entendido, isto, como gravação de uma fala produzida em situações diversas. Isto porque

3.1. Realização das entrevistas sociolingüísticas

As entrevistas sociolingüísticas foram realizadas nas duas primeiras etapas, onde abordamos a sociolingüística quantitativa, isto é, a correlacional, para podermos descrever a realidade lingüística e as redes de comunicação dos falantes bilíngües alemão/português na sede urbana de Marechal Cândido Rondon.

3.1.1. Primeira etapa de pesquisa

Como não se tem nenhum conhecimento de trabalhos sobre o bilingüismo em Marechal Cândido Rondon, e a fim de termos uma amostra mais detalhada da comunidade de fala alemã da área urbana do município, aplicamos um roteiro de entrevista (anexo 1) semelhante ao de Steiner (1988), apoiado na literatura de William Mackey (1968: 554-584), que oferece um modelo para podermos descrever a realidade lingüística de Marechal Cândido Rondon. Nesta etapa de pesquisa (junho de 1990) buscamos dados estatísticos através de uma amostragem de 396 informantes, constituída por alunos de 1ª, 3ª, 5ª e 7ª séries do 1º grau, e alunos de 1º e 3º anos do 2º grau, na Escola Municipal Ana Paula - Ensino de Pré e 4ª séries, no Colégio Estadual Eron Domingues - Ensino de 1º e 2º Graus, Colégio Rui Barbosa - Ensino de 1º e 2º Graus, Escola Cristo Rei - Ensino de 1º Grau e Pré-Escolar, Escola Evangélica Martin Luther - Ensino de 1º Grau e Pré-Escolar.

"empírico" pode ser entendido de duas formas, dependendo do caminho que se está seguindo. Para a lingüística formal, os dados derivam da intuição dos lingüistas, e o modelo ou a teoria só se torna empírico(a) após a testagem da sua previsibilidade. Porém, para a sociolingüística os dados provêm de conversas produzidas pelos falantes em situações sociais e são usadas com base para construir uma explicação que dá conta de um determinado evento.

Antes de termos o contato direto com os alunos, expúnhamos os nossos objetivos de estudo aos diretores e professores: interesse na elaboração de um livro onde pretendíamos retratar o movimento migratório dos descendentes e/ou imigrantes alemães, verificação das condições de preservação dos dialetos do alemão na comunidade urbana de Marechal Cândido Rondon, e se a língua alemã ainda era falada no seio familiar. Em todas as salas de aulas explicávamos detalhadamente o preenchimento e o objetivo a ser atingido com o questionário. Os professores da 1ª e 3ª séries do 1º grau, nos auxiliaram no preenchimento dos dados dos alunos nos questionários. Realizada esta tarefa, muitas perguntas foram feitas em relação à pesquisa e à importância de falar os dialetos da língua materna tanto no convívio familiar como em domínios públicos. Procurávamos justificar a todas as perguntas. A partir desse debate informal com os alunos, novas informações surgiram em relação às perguntas respondidas no questionário. Os resultados da análise destes dados encontram-se no capítulo 5 desta dissertação.

3.1.2. Segunda etapa de pesquisa

Esta etapa de entrevistas sociolingüísticas foi realizada nos meses de agosto a novembro de 1990. Utilizamos o modelo de análise das redes de comunicação a fim de avaliar os padrões que determinam as escolhas lingüísticas. Para a coleta de dados, aplicamos dois roteiros de entrevistas e fizemos gravações, num total de 240 minutos. O gravador usado foi um Compact Cassete Recorder 3-5300 da General Electric.

Em primeiro lugar, usamos roteiro de entrevistas (anexo 2) semelhante ao de Steiner (1988) que foi adaptado a partir do modelo de Gal (1979) e Bortoni-Ricardo (1985), através do qual foi possível colher informações sobre diversos tipos de interação possíveis no convívio diário dos informantes, relacionando-os com a língua empregada para comunicação, segundo a situação e o interlocutor (Gal, 1979). Neste mesmo roteiro de entrevistas, obtivemos dados para cálculo sociométrico das redes de comunicação (Bortoni-Ricardo, 1985).

Em segundo lugar, usamos o roteiro de entrevistas (anexo 3) com base na metodologia de coleta de dados desenvolvida por Labov (1986: 28-42). Segundo o autor, para o estudo de mudança lingüística há dois objetivos básicos:

"Em primeiro lugar obter um grande número de falas gravadas com alta qualidade para instrumental de análise de vogais, ou para julgamentos precisos das partículas gramaticais as quais, freqüentemente, são reduzidas pela rápida articulação, e em segundo lugar situar um valor muito alto nas gravações de fala vernacular que demonstram um mínimo de mudança ou acomodação na presença de estranhos. A tensão entre estas duas necessidades informais dá as dinâmicas básicas dos trabalhos de campo desenvolvidos nos últimos quinze anos" (1986: 29).

Das oito famílias sorteadas buscamos os dados em 106 informantes, representados por membros de três gerações, o que nos permitiu a observação dos componentes sincrônicos e diacrônicos dentro do processo de mudança lingüística (Gal, 1979).

O acesso às famílias que serviram de informantes ocorreu sempre através de um contato prévio com o casal da 1ª geração, explicando-lhes que estávamos interessados em elaborar um livro sobre a migração dos descendentes de imigrantes alemães e a preservação dos dialetos do alemão na comunidade rondonense, bem como a contribuição desta etnia ao município. Depois de esclarecidos os objetivos do estudo sobre o bilingüismo, marcávamos a hora para a entrevista. Os informantes da 1ª geração mantinham o contato com os filhos, e, já os informavam sobre o objetivo do trabalho de campo. Sempre houve dois ou mais contatos com os informantes. Entrevistamos quase todos os informantes em suas casas, com exceção de três da 2ª geração que foram entrevistados no local de trabalho.

Iniciávamos as entrevistas com o questionário (anexo 2), e, após as respostas, fazíamos a entrevista gravada com o casal da 1ª geração, seguindo um rápido roteiro em língua alemã (anexo 3), no final, cada informante procurava narrar fatos de sua vida no dialeto alemão falado em seu convívio familiar. Muitas vezes, acabávamos interagindo e participando porque tínhamos que estimular o informante a participar mais da conversa, e também gravávamos situações comunicativas entre casais.

Já com a 2ª geração, fazíamos a entrevista com o casal e os filhos. Seguindo a mesma técnica de gravações, utilizada para os informantes da 1ª geração, perguntávamos aos informantes de 2ª e 3ª geração sobre a validade e a importância da preservação dos dialetos do alemão, em Marechal Cândido Rondon. Para as crianças e adolescentes, também perguntávamos sobre amigos, namorados(as), escola e o aprendizado da língua alemã no seio familiar e na escola. As

perguntas feitas tanto à 1ª como à 2ª e 3ª geração não somente ajudaram a reconstituir a história do local, como nos possibilitaram colher dados sobre a manutenção, a rejeição e o desaparecimento dos dialetos do alemão, e também o movimento migratório dos descendentes e imigrantes alemães para Marechal Cândido Rondon.

Os resultados da análise destes dados da 2ª etapa de pesquisa se encontram no capítulo 6 desta dissertação.

3.2. Realização da observação participante

Iniciamos a observação participante (doravante OP) de junho a dezembro de 1990, na área urbana de Marechal Cândido Rondon, em diversas instituições (igrejas e escolas) e em vários lugares públicos (supermercados, estação rodoviária, lojas comerciais, estabelecimentos bancários e cooperativa agrícola). Observamos as propagandas, informações e programas das rádios de difusão local. Foram 240 minutos de gravações em fitas cassetes e 120 minutos em vídeo tape.

Para conseguirmos determinar os domínios dos dialetos do alemão e a língua portuguesa na comunidade rondonense, redigimos um diário de trabalho de campo, durante a fase de observação participante, que serviu para obtermos os dados de seqüências autênticas de interação verbal e não verbal, focalizando, em especial, a terceira etapa da pesquisa: a alternância de código.

O nosso interesse principal nesta fase de estudo era focalizar os aspectos comunicativos da alternância de código, numa tentativa de mostrar como os participantes da interação utilizam os conhecimentos lingüísticos e sociais para interpretar conversas bilíngües.

Verificamos o uso dos dialetos do alemão e da língua portuguesa em domínios públicos: igreja, escolas e no comércio em geral, e nos domínios privados da área urbana de Marechal Cândido Rondon.

O lingüista alemão Schmidt-Rohr, na década de 30 (apud Barnert-Furst, 1989:90), usou o termo "domínios" para descrever comunidades de fala bilíngüe. O autor estudou a manutenção e a mudança lingüística em comunidades de fala de colonos alemães que moravam em comunidades multilíngües fora da Alemanha antes da Segunda Guerra Mundial.

Mais tarde, Fishman (1971: 586) retomou o conceito em seus trabalhos, definindo domínios como:

"contextos institucionais e suas co-ocorrências comportamentais pertinentes. São tentativas de somar os maiores conjuntos de interação, que podem ser observados em situações multilíngües, envolvendo grupos de interlocutores."

No presente estudo, não pretendemos determinar o número exato de domínios para a língua alemã e a nacional, mas pretendemos analisar as seqüências autênticas de interação verbal e não verbal no aspecto comunicativo da alternância de código na língua alemã e portuguesa, na comunidade urbana rondonense.

Para conseguirmos estes dados etnograficamente, isto é, pela observação participante, realizamos o estudo na área urbana de Marechal Cândido Rondon. Em primeiro lugar, efetuamos a OP nas Igrejas: Evangélica de Confissão Luterana no Brasil, na Evangélica Luterana do Brasil, na Batista e na Católica. Representando as instituições religiosas; na Escola Evangélica Martin Luther - Ensino de

1º Grau e Pré-Escolar, representando as instituições de ensino; em três lojas comerciais: a Comercial Agro-Pecuária Saracura Ltda., Casa Rieger e Bazar Schmitz, representando o comércio em geral. Observamos e gravamos as propagandas, informações e programações da Rádio Difusora e da Rádio Educadora de Marechal Cândido Rondon, representando os meios de comunicação.

3.2.1. As comunidades religiosas

Em junho de 1990, iniciamos a fase da OP na Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil. A Igreja, situada no centro da cidade, congrega, de acordo com seu arquivo, um total de 1.400 famílias. Destas, aproximadamente 1300 são descendentes de alemães. Os arquivos registram, também, 15 membros como imigrantes alemães.

Todos os cultos, quer se destinem aos adultos, aos jovens, ou às crianças, são ministrados em português. Entretanto, uma vez por mês (2º domingo - pela manhã) há cultos em alemão. A freqüência a tais cultos é marcada por membros da faixa etária dos quarenta anos em diante. Nestas ocasiões, considerando-se que a comunidade religiosa é dirigida por dois pastores, verificamos a utilização de sistemáticas diferenciadas nas pregações. De acordo com as observações feitas, um dos pastores usava a língua alemã do início ao fim do culto. O outro pastor, usava a alternância de código: ao se reportar aos mais jovens, falava em português; ao se dirigir aos mais idosos, falava em alemão.

Existe o grupo da juventude evangélica que oferece encontro todos os domingos à noite para os adolescentes e jovens da comunidade. Nas reuniões desse grupo, com jovens da faixa etária de 13 a 21 anos, a interação comunicativa dá-se

apenas em português.

Além desse grupo, há a Ordem Auxiliadora das Senhoras-OASE. Os encontros ocorrem todas as quartas-feiras à tarde. A maioria do grupo é da faixa etária de 40 a 80 anos. Quase todas as participantes falam o alemão e o português. Uma vez por mês, o encontro é realizado em língua alemã: rezam, cantam e fazem as leituras bíblicas. A interação comunicativa entre as participantes se dá nas duas línguas. Observamos, em muitos momentos da comunicação, que ocorreu a alternância de código entre as duas línguas.

A igreja tem dois corais. O Coral Martin Luther, denominado pelos membros como o "*coral alemão*", e o Coral Cativara, o "*coral português*". Observamos que, mesmo em cultos em português, sejam festivos ou fúnebres, o coral Martin Luther apresenta cantos em alemão.

A comunidade religiosa desta Igreja, distribuí entre seus membros, o Jornal Evangélico, do qual 50 famílias são assinantes.

Em agosto de 1990, realizamos a OP na Igreja Evangélica Luterana do Brasil, localizada no centro da cidade. Havia 575 famílias registradas, das quais 540 são descendentes de alemães.

A exemplo da comunidade religiosa anteriormente observada, nesta Igreja também há cultos mensais (4º domingo do mês) em alemão. Os frequentadores situam-se numa faixa etária estimada entre os 45 e 80 anos. Durante a cerimônia, os membros cantam, lêem trechos bíblicos e rezam em língua alemã. Há um jornal em alemão que é distribuído regularmente. Por ocasião dos cultos a que assistimos, verificamos que o cerimonial religioso era oficiado em alemão, mas, ao final do mesmo, eram dados avisos e comunicações em português.

Fizemos o levantamento de dados na Igreja Batista em setembro de 1990. Havia 100 famílias registradas, em sua maioria descendentes de alemães. Na comunidade batista realiza-se, cada domingo, a chamada Escola Bíblica Dominical (Sontagsschule). Nessa oportunidade, todos cantam, oram e recebem os avisos gerais em português. Depois, as pessoas se dividem em grupos de estudo conforme a idade e segundo a preferência ao culto em alemão ou em português. Os cultos em alemão são freqüentados por membros distribuídos numa faixa etária entre 30 e 80 anos. O culto infantil é realizado em português. Os membros acima de 45 anos lêem a bíblia em alemão. Há cinco anos atrás, todos os cultos da parte da manhã eram ministrados em alemão e à noite em português. Por solicitação dos membros mais jovens, tal sistemática foi modificada: hoje, os cultos dominicais são oficiados em alemão e português.

Na comunidade Católica Sagrado Coração de Jesus realizamos a OP em agosto de 1990. Encontramos 1.600 famílias registradas, das quais 600 são descendentes de alemães. Os cultos e celebrações são oficiados em português, embora o padre, radicado há bastante tempo no Brasil, seja de origem alemã.

As secretárias das quatro igrejas falam o alemão, ocorrendo, freqüentemente, alternância de código nos contatos com os membros das igrejas.

3.2.2. Escola Evangélica Martin Luther

A Escola Evangélica Martin Luther, fundada em 1961, como escola para os filhos dos membros da Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil, contava, em junho de 1990, com 500 alunos.

A língua de ensino é o português, mas, desde 1979, há aulas de alemão para os alunos a partir da 2ª série. A língua alemã é obrigatória como língua estrangeira. Ensina-se a fala, a leitura, a produção de textos escritos e a gramática do alemão padrão, muito embora os alunos falem, na sua maioria, um alemão marcado principalmente pelo já mencionado dialeto "*hunsrückisch*" que aprenderam no convívio familiar. Mas também há alunos que falam um alemão mais próximo do alemão padrão.

Observamos que, durante a aula, os alunos interagem em alemão com a professora, mas entre si, em português. Quando saíam da sala de aula de alemão para voltar para sua classe, falavam somente em português.

Concluimos que na Escola E. Martin Luther a língua alemã é somente falada durante a aula de alemão. Em todas as outras situações comunicativas domina o português, mesmo que alunos, professores e funcionários saibam falar o alemão.

3.2.3. Lojas comerciais

Observamos diversas lojas comerciais estabelecidas nas duas principais avenidas da cidade, entre outras, de: roupas feitas, aviamentos, material esportivo, alfaiatarias, material de construção, ferragens, auto-peças, presentes e agropecuárias. Em todas, ouve-se a língua alemã em interações comunicativas. Em sua maioria, as pessoas que falam o alemão nesses lugares, têm mais de 40 anos e são moradoras da área urbana, agricultores que vêm da área rural e moradores dos distritos que vêm para fazer compras. Mas, também há clientes jovens que vêm do interior do município e falam o alemão, mas com empréstimos do português,

usando muito a alternância de código. Nas lojas, a maioria dos vendedores são bilíngües. Mesmo que o dono da loja seja de outra etnia, contrata, preferencialmente, vendedores bilíngües.

Fizemos gravações na Agro-Pecuária Saracura Ltda. em outubro de 1990. O comércio é de agro-pecuária, secos e molhados, ferramentas agrícolas, produtos veterinários, sementes, rações e aves. A língua alemã é uma constante na interação comunicativa.

Efetuamos o mesmo estudo na Casa Rieger, comércio de artigos para presentes e utilidades domésticas, fundada em 1960. Fizemos gravações durante quinze dias, no mês de novembro de 1990. As pessoas com as quais fizemos gravações pertencem a uma faixa etária distribuída, aproximadamente, entre 30 e 60 anos. A clientela é provinda da zona urbana e rural. Na maioria, a língua alemã é usada, preferencialmente, por clientes do sexo feminino.

Fizemos também gravações no Bazar Schmitz Ltda., comércio de linhas, trabalhos manuais, artesanatos, porcelanas e artigos para presentes. Predominantemente, os clientes são da área urbana. E a interação comunicativa é feita em alemão na faixa dos 40 a 60 anos. As gravações foram feitas em dezembro de 1990.

3.2.4. Emissoras de rádio

Observamos as propagandas, informações e programações das emissoras locais de rádio. A Rádio Difusora do Paraná Ltda. tem a programação "*Vozes da Alemanha*", na qual é usado o alemão padrão e não padrão, e acontece a alternância de código nas duas línguas. Na transmissão dos cultos nos domingos de manhã, alguns deles são apresentados no alemão padrão. Em algumas

propagandas ocorre a alternância de código.

Na Rádio Educadora Marechal Ltda. nos programas de "*Sábado Alegre*" e o "*Bom Domingo*", o alemão usado é mais informal, principalmente o uso do dialeto "*hunsrückisch*", ocorrendo muito a alternância de código do alemão/português.

3.2.5. A observação participante no ambiente familiar

Realizamos a OP em oito famílias da zona urbana de Marechal Cândido Rondon, constituídas por membros de três gerações:

- 1ª geração - composta por imigrantes alemães e seus descendentes, considerados os primeiros moradores vindos a Marechal Cândido Rondon;
- 2ª geração - composta pelos filhos desses imigrantes alemães e seus descendentes, suas esposas e/ou esposos;
- 3ª geração - composta pelos netos desses imigrantes alemães e seus descendentes.

Observamos que os membros da 1ª geração ainda usam a língua alemã em interações verbais com os filhos, com os vizinhos e com os amigos. Entretanto, os membros da 2ª e 3ª geração usam a língua portuguesa em interações verbais com os vizinhos, com os colegas de trabalho ou escola, e com os amigos, mesmo que os parceiros de interação saibam falar alemão.

Gravamos diversas situações de conversas informais com membros de três gerações, que servirá para obtermos os dados de seqüências autênticas de interação verbal e não verbal, da alternância de código alemão/português.

A partir dos dados acima colocados, levantados através dos questionários e da observação participante, acreditamos ser possível estabelecer o comportamento lingüístico familiar da comunidade rondonense.

CAPÍTULO IV

ASPECTOS SÓCIO-HISTÓRICOS DO MUNICÍPIO DE MARECHAL CÂNDIDO RONDON - PARANÁ

4.0. Observações preliminares

Apresentaremos, neste capítulo, o contexto sócio-histórico dos descendentes de alemães de Marechal Cândido Rondon - Paraná, objetivando compreender: as raízes sócio-históricas do bilingüismo nessa região, e a situação de contato que se deu entre alemães e/ou descendentes com grupos de outras descendências, tais como: italianos, poloneses, luso-brasileiros, e outros, a partir da colonização do município.

Num primeiro momento, situaremos o histórico da colonização de Marechal Cândido Rondon, uma vez que, segundo Dittmar (1982: 23) "*a dimensão histórica de uma determinada comunidade de fala entra de maneira complexa nas interações comunicativas de um falante*".

Num segundo momento, apresentaremos uma descrição sobre os aspectos geográficos, econômicos, educacionais e culturais do município de Marechal Cândido Rondon, "*a modernização e a industrialização como fatores que poderão*

preservar, reviver ou mudar a língua tradicional" (Fishman, 1971: 480).

E, no terceiro e último momento deste capítulo, descreveremos a composição étnica da população rondonense.

4.1. Histórico da localidade

O oeste paranaense, incluindo a área que hoje abrange o município de Marechal Cândido Rondon, esteve ocupado pelos índios Tupis-Guaranis até por volta de 1900, quando chegaram os Kaigangs, vindos de São Paulo. Localizados às margens do rio Paraná, São Francisco Verdadeiro e no rio Branco entre os Portos Britânia e Porto Mendes, esses nativos, conforme Saatkamp (1984: 74) "*foram aproveitados como mão-de-obra para o trabalho nos portos, nas lavouras, extração de mandioca, e de erva-mate, pelos exploradores espanhóis, argentinos, ingleses e portugueses que atuaram na região*". Com a ocupação de companhias estrangeiras (notadamente argentinas), que exploravam a extração e comercialização da erva-mate e madeira, em abundância na região, inverte-se o quadro natural. O governo do Estado do Paraná fez concessões de terras para: "*Júlio Thomas Allica*" (1902 - Porto Artaza em Porto Mendes - Marechal Cândido Rondon), "*Compañia de Maderas Del Alto Paraná*" (1905 - Porto Britânia em Marechal Cândido Rondon), e "*Mate-Laranjeira*" (1909 - Porto Mendes - Marechal Cândido Rondon e Porto Guaíra em Guaíra). Estas empresas exportavam os produtos para o Paraguai, Argentina e Uruguai.

"Júlio Thomas Allica, tendo prestado favores a um major vindo do Rio de Janeiro, consegue por intermédio deste, a titulação e 450 hectares de terra na fronteira paranaense para explorar a extração de erva e

madeira, e, logo passa a estruturar e expandir a propriedade, inclusive fundando em 1902, um porto nas proximidades da atual cidade de Porto Mendes. Dá ao porto o nome de Artaza, em homenagem a terra natal na Espanha, de onde emigrara a sua família para a Argentina" (Silva et alii, 1988: 36).

De porto Artaza, Allica controlava seu vasto império ervateiro por quase todo o Oeste do Paraná. O elemento humano que habitava esta região era formado por índios e paraguaios. Tanto os índios como os paraguaios foram aproveitados por Allica como mão-de-obra para o trabalho nos portos, nas lavouras e extração de erva-mate.

Com a passagem da Coluna Prestes pela região, em 1924, e com a revolução de 30, iniciou-se o abalo do império de Allica. Sua criação foi destruída, suas edificações arrasadas, seus peões fugiram (Wachowicz, 1987: 65).

De acordo com estudos históricos realizados (Saatkamp, 1984: Wachowicz, 1987) o objetivo das empresas, nesta região, não era a colonização, mas sim, a extração de riquezas, que eram enviadas aos países de origem.

Por volta de 1940, a empresa inglesa com sede na Argentina, "*Compañia de Maderas del Alto Paraná*", proprietária da Fazenda Britânia, a maior concessionária de terras no Oeste Paranaense, entra em decadência. Um grupo de comerciantes gaúchos de Porto Alegre comprou esta área para fins de colonização. Em 1946, esse grupo de pessoas fundou a Industrial Madeireira Colonizadora Rio Paraná S/A - MARIPÁ (Saatkamp, 1984: 19).

Esta firma transformou-se na principal colonizadora do Oeste Paranaense. Sua sede era Porto Alegre-RS, mas seu principal escritório foi instalado em

Toledo-PR. Os acionistas da Maripá se dividiram em dois grupos. O grupo Dalcanalle, formado pelos acionistas de origem italiana e o grupo de origem alemã com Willy Barth, Kurt e Egon Bercht, Leonardo J. Perna, e outros. O elemento humano escolhido foi o colono gaúcho e, em parte, o catarinense, descendentes de alemães e italianos (Saatkamp, 1984; 14).

Uma das características mais marcantes dessa colonização é a dicotomia: italiano/alemão e católico/protestante. A própria procedência étnica e religiosa dos acionistas da MARIPÁ condicionou esse processo (Wachowicz, 1987: 174).

Willy Barth elegeu o município de Marechal Cândido Rondon para rivalizar e concorrer com Toledo. Marechal Cândido Rondon deveria tornar-se grande centro urbano, de origem alemã com predominância da religião evangélica (Wachowicz, 1987: 178).

Estes colonos de descendência alemã e italiana vieram principalmente do oeste do Rio Grande do Sul e do Oeste de Santa Catarina, conforme estudos efetuados por Wachowicz, que utilizou fontes cartorárias, como registros de casamento a partir do ano de 1930, quando começaram os registros do cartório de Guaíra, para obter a procedência da população. Utilizou a mesma técnica utilizada por Jean Roche (1969), em sua pesquisa sobre a colonização alemã no Rio Grande do Sul (Roche, apud Wachowicz, 1987: 183).

Segundo Wachowicz (1987: 188), "*o percentual da população do município de Marechal Cândido Rondon por estado de nascimento 1930-1975, tem o seguinte quadro: 8,5% do Paraná, 27% de Santa Catarina, 57,7% do Rio Grande do Sul, 1,3% de São Paulo, 2,9% Minas Gerais, 0,7% do Espírito Santo, 0,7% outros*".

Conforme estudos realizados por Wachowicz (1987: 189) "*os principais*

municípios do Rio Grande do Sul que forneceram migrantes para o Oeste do Paraná até 1975, foram: Santa Rosa, Três Passos, Erechim, São Luís Gonzaga, Passo Fundo, Santo Cristo, Santo Ângelo e Lagoa Vermelha, e os principais municípios de Santa Catarina foram: Concórdia, Joaçaba, Campos Novos e Taió".

Os primeiros colonizadores trazidos pela MARIPÁ para Marechal Cândido Rondon chegaram em 1950. Foram eles Erich Ritscher, Antônio Rockenbach, Osvaldo Heinrich e Beno Weirich. O município teve seu nome originado do desbravador Marechal Cândido Mariano da Silva Rondon, que no ano de 1924, passou por esta região (Pawelke, 1970: 24).

O Distrito foi criado em 06 de julho de 1953, pela lei municipal nº 17, e o Município em 25 de julho de 1960, pela Lei Estadual nº 4.245. A instalação da Comarca deu-se em 02 de julho de 1970.

O município de Marechal Cândido Rondon é formado pelos distritos de: Porto Mendes, Margarida, Pato Bragado, Nova Mercedes, Quatro Pontes, Entre Rios, Iguaporá, Novo Horizonte, Novo Três Passos e São Roque (Conforme dados fornecidos pela Prefeitura Municipal de Marechal Cândido Rondon em 1990).

4.2. Marechal Cândido Rondon hoje

Marechal Cândido Rondon situa-se na microrregião de nº 288, no Extremo Oeste Paranaense. O município tem uma área de 1.049,36 Km², dos quais 143,45 Km² compõem a área urbana. Limita-se ao norte com Guaíra, Terra Roxa e Nova Santa Rosa; a leste com Toledo; ao sul com Santa Helena; e a oeste com a República do Paraguai. Distante 600 km de Curitiba, capital do Estado do Paraná, na região sul do Brasil. Com a formação do lago artificial de Itaipu foram

desapropriados 159 km² do total da área do município. É banhado pelo rio Paraná e seus afluentes, entre os quais se destacam o rio São Francisco e os arroios Guaçu e São Luiz. Parte do território, ao longo do rio Paraná e seus afluentes, foi recoberto pelo Reservatório de Itaipu.

O município tem hoje uma população de aproximadamente 80 mil habitantes (dados fornecidos pela Prefeitura Municipal em julho/1990), com uma densidade demográfica estimada em 13,12 habitantes por Km². A distribuição da população é de cerca de 54 mil habitantes na sede urbana e de 26 mil habitantes no interior do município (sedes distritais e área rural). Nota-se, portanto, que a população do município está mais concentrada na zona urbana.

Marechal Cândido Rondon é cognominado "*Município da Produção*", pela sua agricultura e pecuária. As principais indústrias do município são de transformação, cereais e animais, como as agroindústrias: de mandioca, de óleos vegetais, de laticínios, de fertilizantes, de rações, frigorífica de abate de suínos, e alimentícias. Destacam-se as indústrias de metais-mecânicos voltadas para a produção de fogões e de refrigeradores; de móveis, de artefatos de cimento pré-moldados, metalúrgicas e cerâmicas. Mais de 157 estabelecimentos industriais e 752 estabelecimentos comerciais e a construção civil empregam um grande número de trabalhadores. Todas estas empresas contribuem para o processo acelerado de desenvolvimento e urbanização em que se encontra o município.

Na economia de Marechal Cândido Rondon, entre as diversas atividades, tem predominância a cultura agrícola, as indústrias de transformações (cereais e animais) e a pecuária. A agricultura desempenha o papel mais importante da economia municipal e a agropecuária é mantida em minifúndios, explorados

principalmente por descendentes de alemães. Os principais produtos agrícolas explorados são: soja, trigo, milho e mandioca. Na pecuária, o município é destacado como o maior produtor de suínos do Estado do Paraná, e vale ressaltar que possui a maior bacia leiteira da região, destacando-se, igualmente, a avicultura.

Apesar do acelerado desenvolvimento, a tradição herdada dos antepassados ainda é intensamente cultivada em Marechal Cândido Rondon: torneios de bolão e clubes de bocha (Kegelklub), festas de igrejas (Kerbfest) e bailes de chope mantidos por algumas sociedades locais. A prefeitura se encarrega anualmente de organizar a "*Oktoberfest*" animada por bandinhas típicas da Alemanha, Blumenau e de Marechal Cândido Rondon, onde são apresentadas as danças folclóricas alemãs por diversos grupos de danças de adultos e crianças, para resgatar as raízes culturais dos descendentes germânicos. Há na festa concurso para a escolha do maior beerrão de chope, e jantares em que são servidos pratos da cozinha alemã, como "*Eisbein*" e "*Kassler*". Destacam-se, ainda, as várias associações de corais, bandas de música e escolas de música que procuram manter e incentivar a tradição alemã.

A prefeitura Municipal é um dos órgãos públicos incentivadores da preservação dos costumes e da cultura germânica em Marechal Cândido Rondon.

A Lei nº 1627 de 14.07.86, isenta de imposto predial e territorial urbano os imóveis construídos em estilo Enxaimel e Casa dos Alpes. O Decreto nº 090 (de 22.06.87), dessa decorrente, regulamenta a matéria.

Na área da educação, o município dispõe de ensino nos três graus. São 95 estabelecimentos de ensino de 1º grau, sendo 71 municipais, 18 estaduais e 06 particulares. Matricularam-se, em 1990, um total de 10.096 alunos. O 2º grau é

representado por 05 estabelecimentos, matriculando-se, em 1990, um total de 1.736 alunos. A nível de terceiro grau funciona uma Instituição de Ensino Superior, Faculdade de Ciências Humanas de Marechal Cândido Rondon - FACIMAR, integrando um dos centros da Fundação Universidade Estadual do Oeste do Paraná - FUNIOESTE, contando com cinco cursos de graduação: Administração, Ciências Contábeis, Letras-Português, Educação Física e História. A matrícula, no 1º semestre de 1990, somava o total de 1.150 alunos. Estão sendo ministrados cinco cursos de Pós-graduação (Lato-Sensu): Administração de Cooperativas (480 h/a), Educação Física Infantil (360 h/a), Gerência Contábil e Auditoria (450 h/a), Língua Portuguesa (475 h/a), e Teorias da História (450 h/a).

A preocupação com a preservação da língua alemã também é característica das escolas do município. Duas escolas estaduais (5ª a 8ª séries do 1º grau) e duas escolas particulares (ensino de 1º grau) oferecem a língua alemã como opção de estudo em língua estrangeira.

4.3. Composição étnica da população

A composição étnica da comunidade rondonense é de grande importância para o presente trabalho. O estudo de situações de bilingüismo fundamenta-se em causas históricas, sociais e culturais. Tais causas surgem quando:

- um primeiro povo conquista um segundo, impondo-lhe a sua língua;
- indivíduos de uma comunidade de fala emigram para uma determinada região e formam o que se denomina na literatura lingüística, de

ilhas lingüísticas¹.

Os imigrantes alemães que, chegaram ao Brasil a partir de 1824, fundaram núcleos coloniais puramente étnicos, surgindo assim as ilhas lingüísticas de fala alemã no Rio Grande do Sul, onde os imigrantes alemães, descendentes desses, em grande número, migraram para o Oeste de Santa Catarina, especificamente para Concórdia, Piratuba, Ipira, Joaçaba, e dessa região migraram para o Oeste do Paraná, em particular Marechal Cândido Rondon.

Segundo Saatkamp (1984: 85), no ano de 1956 havia 95% de famílias alemães, e 5% de famílias italianas e luso-brasileiras.

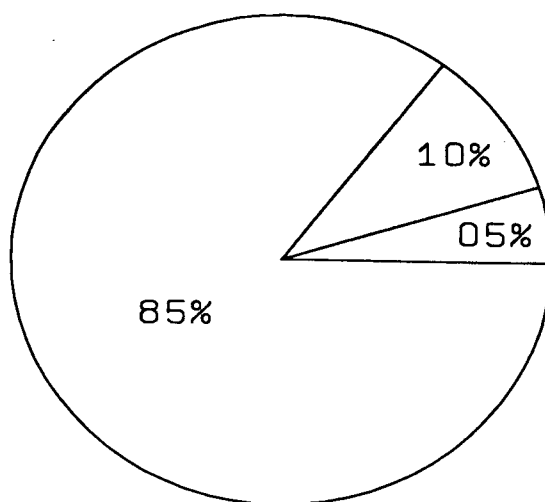
Assim como os primeiros imigrantes alemães que chegaram ao Rio Grande do Sul exerceram funções agrícolas em pequenos núcleos, também foi o que ocorreu com os descendentes alemães em Marechal Cândido Rondon. Os colonos de descendência alemã, vindos do Rio Grande do Sul e de Santa Catarina, trouxeram consigo o mesmo sistema de trabalho agrícola, sendo que os homens eram auxiliados pelas mulheres e crianças, membros da família, e muitas vezes, também, pelos parentes e vizinhos.

De acordo com dados fornecidos pela Prefeitura Municipal, em 1990, a população do Município de Marechal Cândido Rondon era constituída, em sua maioria, por habitantes descendentes de europeus, procedentes principalmente dos Estados do Rio Grande do Sul e Santa Catarina. Em torno de 85% eram de descendentes alemães, 10% de descendentes de italianos e luso-brasileiros e 05%

¹ Segundo Wiesinger "ilhas lingüísticas são comunidades de fala relativamente fechadas e que se acham espalhadas em uma região relativamente grande onde se fala uma outra língua" (1980: 491).

de descendentes de poloneses e outras descendências.

**Gráfico 1. ETNIA DE DESCENDENTES EUROPEUS
PROCEDENTES DO RIO GRANDE DO SUL E
SANTA CATARINA.**



85% - ALEMÃES
10% - ITALIANOS E LUSO-BRASILEIROS
05% - POLONESES E OUTRAS DESCENDÊNCIAS

Conforme os dados fornecidos pelo IX Recenseamento Geral de 1980 do Paraná, dos 56.210 habitantes de Marechal Cândido Rondon, 55.853 eram brasileiros natos, 138 brasileiros naturalizados e 219 estrangeiros. Entre os estrangeiros havia 80 alemães, 47 paraguaios, 22 russos, 07 poloneses, 06 argentinos, 06 uruguayos, 05 espanhóis, 04 japoneses, 04 libaneses, 03 romenos, 17 de outras nacionalidades, e 18 sem declaração.

Através de informações orais e registros, em nossas entrevistas, constatamos que tanto os imigrantes como os descendentes de alemães vindos para Marechal Cândido Rondon procediam das mais diversas regiões da Alemanha:

Scleswig-Holstein, Nordrhein-Wesfalen, Rheinland-Pfalz, Raden-Wüttemberg, Bauern, Berlin e Vorpommern.

Dos imigrantes naturais da Alemanha que aqui moram, a procedência se deu através dos seguintes países: Rússia, Polônia, Uruguai, Argentina, Paraguai e do Estado do Rio Grande do Sul. Do Rio Grande do Sul então, vieram para Santa Catarina e de Santa Catarina para Marechal Cândido Rondon - Paraná. Mas, também há os imigrantes e descendentes de alemães que vieram direto tanto do Rio Grande do Sul como de Santa Catarina para Marechal Cândido Rondon².

Os antepassados dos descendentes de alemães foram, em sua maioria, colonos de Estrela, Teutônia, Monte Negro, Santa Cruz, Lajeado e São Sebastião do Caí (no Rio Grande do Sul), descendentes esses do "*Hunsrueck*" região que se situa no "*Bundesland Rheinland-Pfalz*". E o dialeto alemão, no Brasil, desses descendentes é denominado de "*hunsrueckish*"³ ou "*hunsrückish*", e também "*hunsbucklich*" pela população de Marechal Cândido Rondon. Com relação aos descendentes de alemães de São Luiz Gonzaga e Pelotas (no Rio Grande do Sul),

² Como não havia nenhum registro sobre os imigrantes naturais vindos para Marechal Cândido Rondon, procurou-se os dados nos arquivos das igrejas. Nas fichas dos membros só havia registros de que haviam vindo da Alemanha, Rússia, Argentina, Uruguai e Paraguai, mas através do sobrenome dessas pessoas entramos em contato com as mesmas, e nos disseram que tinham saído da Alemanha: para o Uruguai, para a Argentina, para o Paraguai e depois entrado no Brasil. Normalmente os imigrantes vinham para o Rio Grande do Sul, do Rio Grande do Sul para Santa Catarina, de Santa Catarina para Marechal Cândido Rondon - Paraná.

³ Segundo estudos efetuados por Barnert-Furst (1989: 88) na realidade a literatura dialetológica alemã não menciona nenhum dialeto "*hunsrueckisch*". Há várias maneiras de subdividir a região do Bundesland Rheinland-Pfalz levando em conta os dialetos existentes nele. Segundo Beckers (1980, apud Barnert-Furst, 1989: 88) a região Pfalz se constitui dialetalmente pelo chamado Moselfraenkisch (que inclui a região Hunsrueck) e pelo Pfaelzisch é usado a denominação desse dialeto "*husnrueckisch*" porque a comunidade fala alemã, assim se refere.

os seus antepassados são originários da região da Pomerânia, e o dialeto falado é o "pomerano". Há também os descendentes de alemães vindos de Estrela-RS que são falantes do dialeto "*westphälisch*", uma vez que os seus antepassados eram originários da Wespália.

Mas, também há os descendentes de alemães-russos e alemães-poloneses vindos de Ijuí e outros lugares do Rio Grande do Sul e Santa Catarina. Esses descendentes de imigrantes poloneses e russos se denominam de descendentes de alemães, porque os seus antepassados saíram da Alemanha para a Rússia e para a Polônia, e, depois vieram para o Brasil, conforme registros em nossas entrevistas.

Como vimos, os imigrantes e descendentes de alemães vindos para Marechal Cândido Rondon são originários de diversas regiões da Alemanha, da Europa e de diversos lugares do Rio Grande do Sul e Santa Catarina, e, por isso, é muito difícil situarmos exatamente a origem desses descendentes, e, conseqüentemente, é grande a dificuldade em identificar os dialetos alemães falados em Marechal Cândido Rondon com os dialetos do Rio Grande do Sul, Santa Catarina ou da Alemanha.

Os dialetos alemães mais falados em Marechal Cândido Rondon são o "*hunsrückisch*", "*pomeranos*", e o "*hochdeutsch*". Já, o dialeto "*westphälisch*" e o "*deutsche-russ*" são falados por um pequeno grupo de descendentes de alemães.

O "*hunsrückisch*" dialeto mais falado em Marechal Cândido Rondon, procedente do "*hunsrückisch*" do Rio Grande do Sul, provém da fusão de diversos dialetos trazidos para cá pelos imigrantes e descendentes de alemães de outras regiões do próprio Estado do Rio Grande do Sul, e do Estado de Santa Catarina, originando-se um novo falar alemão com infiltração de elementos dos diversos

dialetos do alemão falado em Marechal Cândido Rondon e termos do português. O mesmo ocorre com os outros dialetos aqui falados.

Behares (1987, apud Steiner, 1988: 37) afirma que *"as línguas em contato, no Brasil, têm por características comuns a desstandardização, pois, na realidade, trata-se neste caso de um dialeto português que entra em contato com um ou mais de um dialeto alemão"*.

Podemos constatar, também, a possível existência do bilingüismo com diglossia (Ferguson, 1959), quando há o uso de duas línguas diferentes e dialetos diferentes.

Segundo Cadiot (1989; 141):

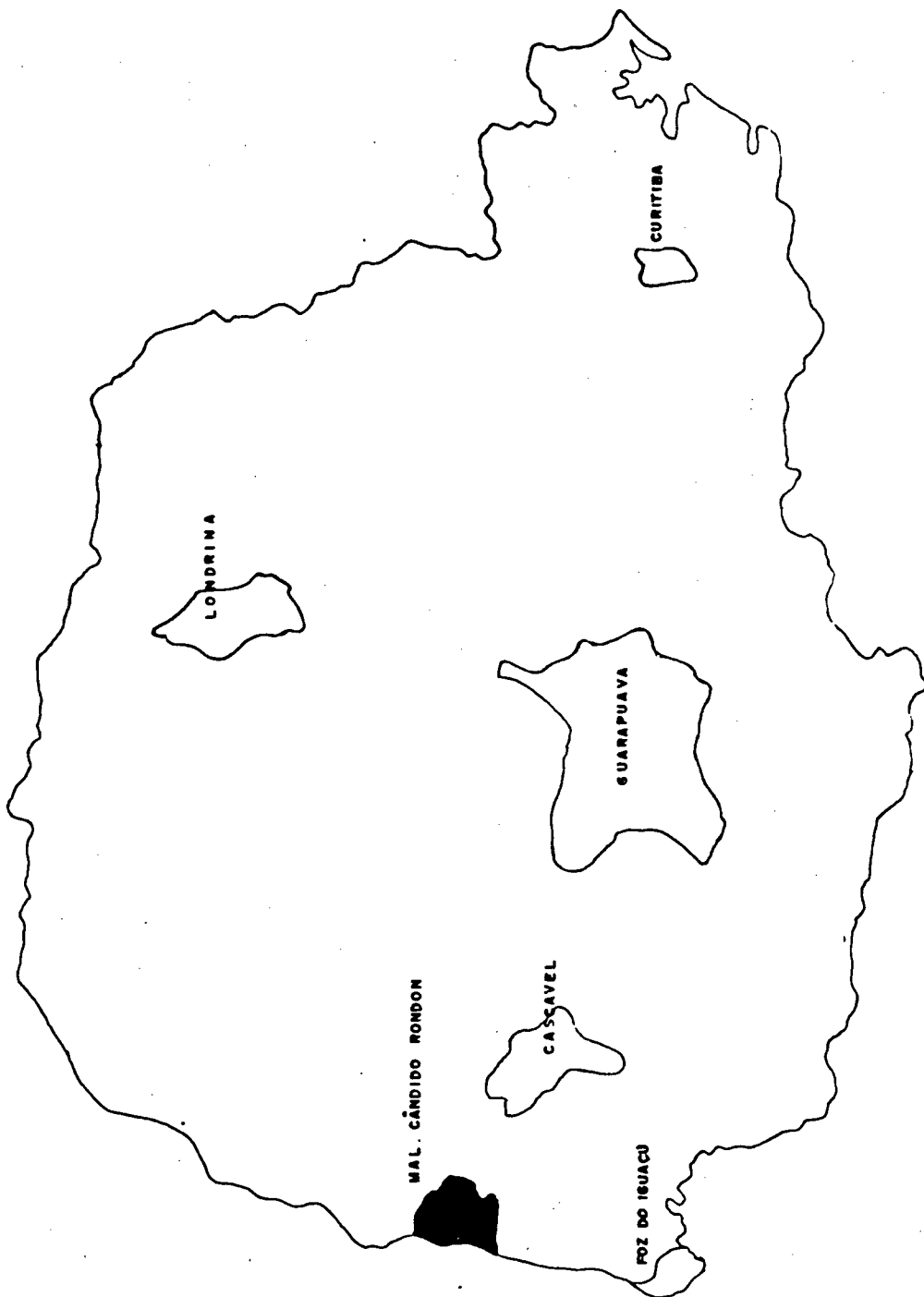
"há numerosas situações de comunicação em que uma concepção mecânica da diglossia é inoperante. Se as línguas em contato especializam-se, com efeito, em certos registros (língua nacional na escola, língua regional ou dialeto em casa), existem na prática situações (estas o mais freqüentemente associadas a lugares de socialização abertos) em que a alternância das línguas é considerado como um modo específico de comunicação".

Na prática, é isso o que ocorre em Marechal Cândido Rondon; o *"code-switching"* é considerado um modo específico de comunicação tanto em domínios públicos (supermercados, estação-rodoviária, bares, nas rádios de difusão local - através de propaganda e informações, e no comércio em geral) como no convívio familiar.

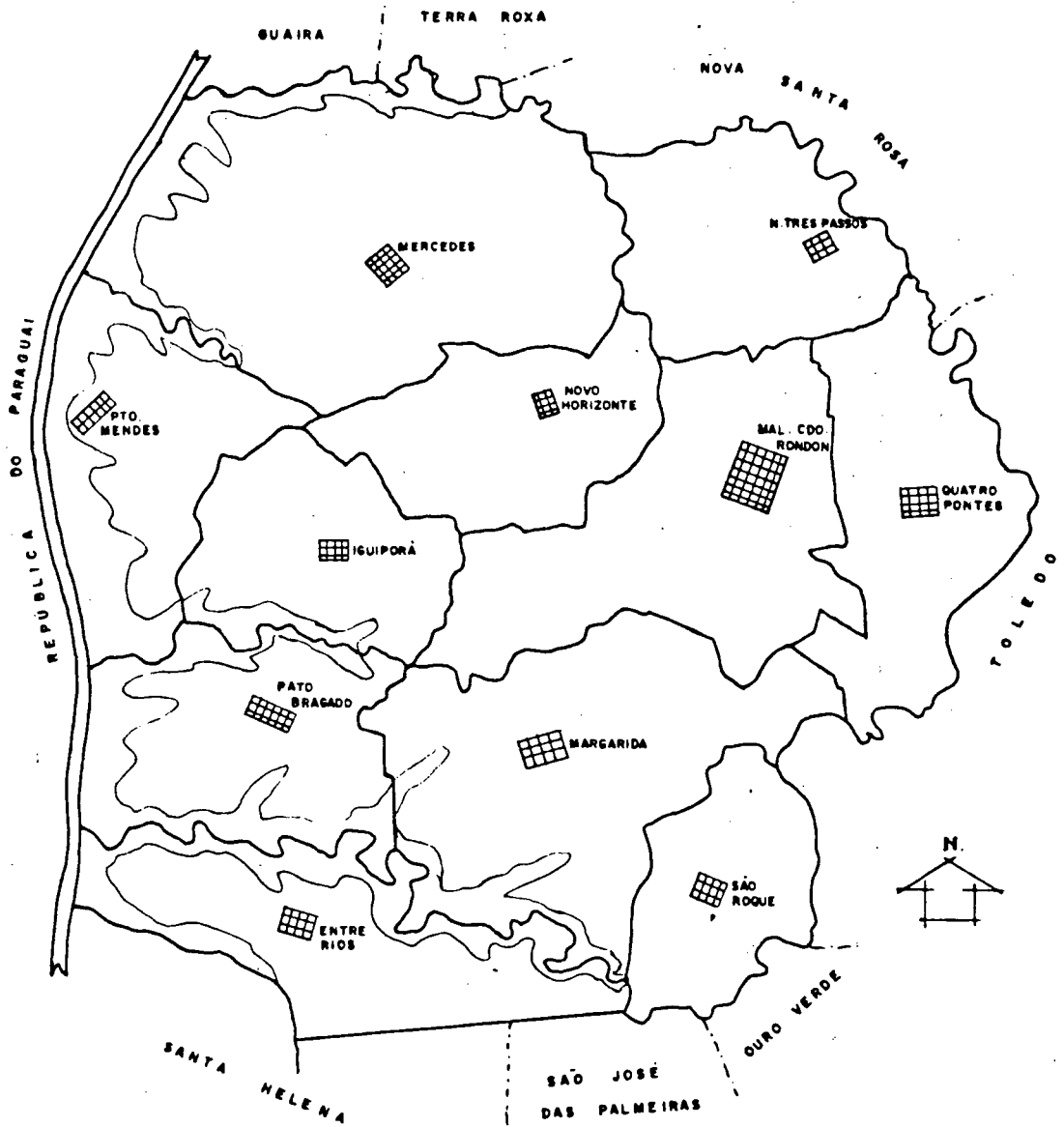
MAPA DA ALEMANHA



MAPA DO ESTADO DO PARANÁ



MAPA DO MUNICIPIO DE MARECHAL CÂNDIDO RONDON - PR



CAPÍTULO V

PRIMEIRA ETAPA DA PESQUISA: DESCRIÇÃO DO BILINGÜISMO

5.0. Observações preliminares

No presente capítulo, pretendemos descrever a realidade lingüística de Marechal Cândido Rondon. Nossa visão do quadro étnico da população restringe-se às informações obtidas pela Prefeitura Municipal, acusando uma proporção em torno de 85% de descendentes de alemães.

Constatamos, através da observação participante, que a comunidade rondonense apresenta o uso da língua alemã como instrumento de comunicação e nas escolas há uma grande interferência de dialetos da língua alemã no português.

Apesar dessa constatação, não há qualquer informação exata sobre o número efetivo de falantes de alemão na sede urbana do município.

5.1. Metodologia e instrumentos

Para obtermos uma amostra da população da área urbana do município, com mais detalhes quanto ao bilingüismo, nos apoiamos na literatura de Willian Mackey (1968: 554-584). A elaboração dos instrumentos para a coleta das

informações teve como base o roteiro de entrevistas de Steiner (1988) que também se apoiou na literatura de Mackey.

Na definição de Mackey o bilingüismo é possível através de quatro questões básicas: grau, função, alternância e interferência. Nesta primeira etapa de pesquisa, não foi possível observarmos os aspectos de interferência e alternância dentro do discurso, pois através de questionário foi impossível obtermos estes dados e qualificá-los.

Para facilitar o processamento dos dados, e também, para tornar o preenchimento do mesmo mais simples, elaboramos questionários de respostas com índice numérico. De início, procuramos saber sobre as variáveis sexo e confissão religiosa, além do nome do pai e nome de solteira da mãe, para tomarmos conhecimento da origem étnica do informante. Procuramos ver o desempenho lingüístico em alemão: entender, falar, falar o alemão com muita mistura do português, ler e escrever. Consideramos o bilingüismo dos pais separadamente: primeiro o pai e depois a mãe.

Estas questões não foram colocadas diretamente aos informantes, visto que somente em 1979 foi introduzido o ensino do alemão como língua estrangeira em uma única escola da rede particular de ensino. Somente em 1989 foi introduzido em escolas públicas. Portanto, nossos informantes provavelmente não dominam as habilidades de leitura e escrita, pois os falantes tornam-se bilíngües por força das condições circunstanciais. Como a língua foi ensinada de pai para filho, aprenderam a língua no lar e não na escola, e por isso foi colocada a questão: "*Fala o alemão com muita mistura de português?*", mesmo que, na terceira etapa da pesquisa seja analisado o fenômeno da alternância de código. Sendo assim, só

poderíamos avaliar a competência oral do alemão a partir das questões referentes à função de uso.

Com relação à função de emprego das línguas, procuramos verificar o uso do alemão por parte dos informantes no ambiente familiar: com o pai, a mãe, os irmãos, os avós e outros parentes, e também o uso do alemão na comunidade: com professores, colegas, nas compras, na igreja, amigos ou vizinhos, em sua rede de relações sociais.

Estendemos, igualmente, o campo das observações e coleta de dados para as funções individuais, ou, na acepção de Mackey (1968), designadas como "*internas*". Tais funções dizem respeito ao uso da língua pelos sujeitos em situações típicas como: fazer contas de cabeça, rezar, sonhar, cantar, brincar e xingar.

Na divisão das funções de uso da língua, Steiner (1988) apoiou-se nas sugestões propostas por Mackey (1968) em relação aos aspectos sociais. A denominação usada por Mackey - "*funções externas*" recebeu, na visão de Steiner, a denominação de "*funções sociais*" e envolvem o uso da língua na comunidade. Da mesma forma, as "*funções internas*" são entendidas por Steiner como "*funções individuais*" e envolvem o uso da língua sem um interlocutor concreto.

Para podermos avaliar todos os fatores referentes às funções de emprego do alemão, assim como o grau do bilingüismo no questionário, consideramos a frequência de uso ("*quase sempre, às vezes, nunca*"), nas diversas situações comunicativas, como podemos constatar nos instrumentos de coleta de dados.

Buscou-se ainda levantar dados referentes à atitude do informante com relação à língua, incluindo-se uma questão referente à pressão de uso.

A fim de termos uma amostra estatística, quanto ao nível de bilingüismo

na faixa etária entre 06 e 18 anos, aplicamos o questionário que consta no anexo1. Este instrumento possibilitou, também, obtermos informações sobre a alternância de código e a atitude do falante em relação ao alemão, bem como dados sobre o uso deste nas "*redes de comunicação*" da família e da comunidade.

5.2. Procedimentos metodológicos

Descrevemos os procedimentos metodológicos desta primeira etapa no item 3.1.1, do capítulo 3 na Metodologia da Coleta de Dados desta dissertação.

5.3. Amostra

Esta amostragem constou de um total de 396 alunos, distribuídos conforme a Tabela 5.3.

Tabela 5.3: Número de informantes por série

Série	Número de Alunos	Proporção (%)
1ª	51	13
3ª	77	19
5ª	98	25
7ª	93	23
1º	39	10
3º	38	10
Total	396	100

5.4. Resultados dos dados obtidos

5.4.1. Sexo

Dos 396 informantes, 172 eram do sexo masculino, e 224 do sexo feminino, observando-se uma maior incidência de sujeitos do sexo feminino.

Tabela 5.4.1: Sexo dos informantes

Sexo	Número de informantes	Proporção (%)
Masculino	172	43
Feminino	224	57
Total	396	100

5.4.2 Confissão religiosa

Os evangélicos representam uma porcentagem de 57% do total, sendo os demais de confissão católica e adeptos de outras religiões.

Tabela 5.4.2: Confissão religiosa dos informantes

Religião	Número de informantes	Proporção (%)
Evangélica	226	57
Católica	166	42
Outras	4	1
Total	396	100

Na religião evangélica estão englobadas: a Igreja Batista, a Igreja Congregacional, a Igreja de Deus, Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil e a Igreja Evangélica Luterana do Brasil.

5.4.3. Ascendência

De acordo com a Tabela 5.4.3, pode-se observar uma predominância significativa em relação à ascendência étnica dos informantes, tanto paterna quanto materna: 83% perfazem o percentual de informantes descendentes de alemães. Este índice é corroborado pelos dados que a Prefeitura de Marechal Cândido Rondon apresenta em relação a população municipal.

Tabela 5.4.3.a: Ascendência dos informantes

Ascendência	Paterna		Materna		Média (%)
	nº	%	nº	%	
Alemã	325	82	332	84	83
Italiana	31	8	27	7	8
Luso-brasileira	30	8	24	6	7
Polonesa e outras	10	2	13	3	2
Total	396	100	396	100	100

Além dos dados que acusaram a ascendência alemã, também verificamos se o informante é de descendência alemã apenas por parte de pai ou de mãe, ou se ambos os pais têm sobrenome alemão. Acreditamos que estes dados são importantes para definirmos a rede básica de transmissão do alemão dentro da família restrita. Elaboramos a Tabela 5.4.3.b, que se encontra ampliada na Tabela 5.4.9, com dados sobre o bilingüismo dos pais e dos alunos.

Tabela 5.4.3.b: Ascendência alemã: alunos cujos pais têm sobrenome alemão

Ascendência Alemã	Número	Proporção (%)
Só paterna	50	13
Só materna	57	15
Paterna e materna	275	72
Total	382	100

5.4.4. Bilingüismo dos pais

Tabela 5.4.4: Desempenho lingüístico dos pais dos alunos em alemão

Habilidade:										
Pais	entende		fala		lê		escreve		Fala alternando o código	
	nº	%	nº	%	nº	%	nº	%	nº	%
Pai	325	82	310	78	161	41	113	29	220	56
Mãe	332	84	315	80	159	40	99	25	224	57

Total de Informantes: 396

Comparando a Tabela 5.4.3.a com a Tabela 5.4.4 podemos verificar que, aproximadamente, o mesmo número de pais dos alunos acusam a descendência alemã e entendem e/ou falam a língua alemã, o que nos permite concluir que a língua de origem ainda é cultivada pelos descendentes de imigrantes alemães, pelo menos na maioria dos casos. Porém, o índice de leitura e escrita em alemão é bem reduzido, em relação às habilidades orais. Considerando que um percentual significativo dos pais dos alunos utilizam a alternância de código, podemos concluir, a priori, que o alemão falado em Marechal Cândido Rondon apresenta interferência

do português. O capítulo 7 desta dissertação tratará sobre esse assunto de forma mais específica.

5.4.5. Uso do alemão em família

Tabela 5.4.5: Uso do alemão no meio familiar

Interlocutor	Frequência de uso:						Total de bilingüismo em família	
	quase sempre		às vezes		nunca		nº	%
	nº	%	nº	%	nº	%		
Pai	25	6	137	35	256	65	162	41
Mãe	27	7	158	40	235	59	185	47
Irmãos	16	4	79	20	314	79	95	24
Avós/parentes	54	14	174	44	222	56	228	58

Total de Informantes: 396

Comparando-se os dados da Tabela 5.4.4 com a Tabela 5.4.5 podemos verificar que, embora o número de pais (310) e de mães (315) dos informantes que falam a língua alemã seja significativo, a comunicação dos filhos não se dá da mesma maneira: 65% e 59% respectivamente, nunca se comunicam, em alemão, com o pai ou a mãe.

Estes dados nos permitem concluir que há uma diminuição considerável do uso da língua alemã na comunicação entre pais e filhos. Por outro lado, deve-se considerar aqui, a questão da interveniência de fatores sociais.

Registramos, entretanto, que (c.f. Tabela 5.4.5) há preferência do uso da língua alemã com a mãe em detrimento das comunicações com o pai, num percentual de 6%. Tal dado pode ser justificado pelo tipo de contato, a nível lingüístico, estabelecido pela mãe em relação aos fatores de formação, educação e

gerenciamento doméstico.

De acordo com Schaden (1954: 193-4) "*no caso dos casamentos mistos, quando a mãe não fala a língua alemã, é quase impossível que os filhos recebam uma formação bilíngüe*". Este aspecto será abordado novamente no capítulo 6 desta dissertação, onde a rede de comunicação familiar será afetada pelo simples fato de a mãe falar ou não o alemão.

Observamos que entre irmãos há uma porcentagem muito pequena do uso do alemão (24%), confirmando a influência dos adultos e dos fatores sociais sobre o bilingüismo da geração jovem. Já entre os avós e outros parentes o índice eleva-se para 58% de uso da língua alemã. Conseqüentemente, podemos dizer que o bilingüismo predomina no contato com a geração mais velha (pais, avós e parentes), ao passo que com as gerações mais novas (irmãos) a língua mais usada é a portuguesa.

5.4.6. Uso do alemão na comunidade

Tabela 5.4.6: Funções sociais: uso do alemão como língua de comunicação na comunidade

Interlocutor	Frequência de uso:						Média de bilingüismo	
	quase sempre		às vezes		nunca			
	nº	%	nº	%	nº	%	nº	%
Professores	19	5	64	16	316	80	83	21
Colegas	7	2	94	24	297	75	101	26
Compras	1	0,3	42	11	353	89	43	11
Igreja	3	0,8	32	8	361	91	35	9
Amigos/Vizinhos	16	4	90	23	290	73	6	27

Total de Informantes: 396

Conforme Tabela 5.4.6, observamos que 21% dos alunos usam a língua alemã com os professores, mas isso só acontece nas escolas em que a língua estrangeira ensinada é o alemão. Pela OP constatamos que a comunicação em alemão só acontece durante a aula, e das cinco escolas que integram a amostra da pesquisa, três delas ensinam a língua alemã, duas da rede particular e outra da rede estadual de ensino. Quando conversamos com os informantes, durante a realização da OP, constatamos que ao informarem usar a língua alemã com os professores e colegas, estavam se referindo, tão somente, às comunicações efetuadas em sala de aula, com professores e colegas, na disciplina específica de "*Língua Alemã*".

Verificamos, igualmente, que a incidência de informantes jovens que usam o alemão, em lugares comerciais, não se mostrou significativa. Essa situação é reiterada no uso da língua no meio religioso. De acordo com os pastores da Igreja Evangélica e Batista, o índice dos adeptos aos cultos religiosos é muito maior em relação às pessoas idosas do que aos jovens. Todavia, segundo esses pastores e conforme opinião geral dos informantes, as Igrejas são polos importantíssimos na preservação dos dialetos da língua alemã em Marechal Cândido Rondon.

Quanto ao item que verificava o uso da língua entre amigos e vizinhos, a média obtida foi de 27%. Este índice corrobora com as colocações anteriores, concluindo-se pelo pouco uso da língua alemã como língua de comunicação na comunidade.

5.4.7. Uso do alemão em outras situações

Tabela 5.4.7: Funções individuais: uso do alemão sem interlocutor concreto e em situações emocionais

Situação	Frequência de uso:						Média de bilingüismo	
	quase sempre		às vezes		nunca		nº	%
	nº	%	nº	%	nº	%		
Rezar	33	8	46	12	318	80	79	20
Cantar/Brincar	26	7	113	29	257	65	139	35
Sonhar	11	3	30	8	355	90	41	10
Fazer Contas	8	2	41	10	347	88	49	12
Xingar	29	7	99	25	268	68	128	32

Total de Informantes: 396

Os dados apresentados pela Tabela 5.4.6, em relação às funções sociais, mostraram um baixo índice do uso do alemão em situações de comunicação, o mesmo ocorrendo com os dados da Tabela 5.4.7, em relação às funções individuais. Estes dados nos permitem concluir que os informantes, nesse caso, são antes falantes de português mais do que de alemão, pois, de acordo com Mackey (1968) a língua dos bilíngüe, usada para os tipos de expressão interior, geralmente é identificada como a língua dominante do bilíngüe.

5.4.8. Atitudes gerais com relação às línguas

Tabela 5.4.8: Atitude do informante com relação à língua alemã

Respostas	Perguntas:													
	1		2		3		4		5		6		7	
	nº	%	nº	%	nº	%	nº	%	nº	%	nº	%	nº	%
Alemão	38	10	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
Português	358	90	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
Sim			304	77	-	-	236	60	206	52	364	92	354	89
Não			92	23	-	-	160	40	196	49	32	8	42	11
Mais Fácil					54	14								
Influência dos Pais					127	32								
Profissão					215	54								

Total de Informantes: 396

Perguntas: 1. Que língua prefere falar?

2. Quer estudar o alemão?

3. Por que estudar o alemão?

4. Gostaria de ter meios de comunicação em alemão?

5. A família insiste em que se fale em alemão?

6. O alemão vai continuar a ser falado em Marechal Cândido Rondon?

7. Orgulha-se de ser descendente de alemães?

A Tabela 5.4.8, permite-nos verificar que a língua portuguesa, em termos de uso, tem maior preferência (90%) do que a língua alemã, de acordo com os membros da geração jovem. Porém, as atitudes dos informantes com relação à manutenção de situações que possibilitam a preservação do idioma (aprendizado da língua, meios de comunicação que a utilizem, incentivos familiares e sociais) são

altamente significativas. Soma-se a isso, o percentual de 89% dos que afirmam sentir orgulho de descenderem de alemães.

5.4.9. Ascendência alemã e bilingüismo

Ao construirmos a Tabela 5.4.9, foram separados três grupos de alunos, a saber: os que apresentam sobrenome alemão somente por parte de pai, somente por parte de mãe e os que têm sobrenome alemão de ambos os pais. Ao grupo com ascendência alemã por parte de pai e mãe foi dado o nome de "*teuto-rondonense*" por analogia ao termo criado por Roche (1969).

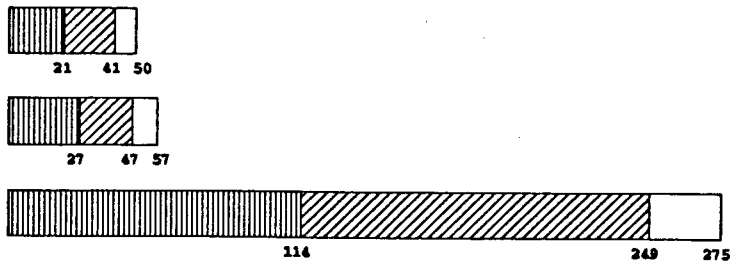
Os dados sobre o bilingüismo dos pais foram retirados das questões 11 e/ou 16 (11. Seu pai fala alemão?; 16. Sua mãe fala alemão?). E, para conseguirmos os dados do bilingüismo com os informantes foi considerada a resposta afirmativa às questões 20 e/ou 21. (20. Você fala alemão com seu pai?; 21. Você fala alemão com sua mãe?).

Tabela 5.4.9: Relação entre ascendência alemã e o bilingüismo

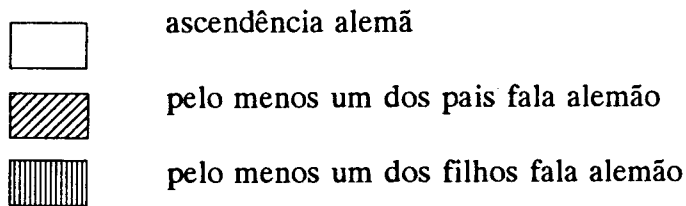
Ascendência alemã	Informantes de origem alemã		Bilingüismo nos pais		Bilingüismo nos filhos	
	nº	%	nº	%	nº	%
Só materna	50	13	41	11	21	5
Só paterna	57	15	47	12	27	7
Teuto-rondonenses	275	72	249	65	114	30
Total	382	100	337	88	162	42

O gráfico 2, construído a partir dos dados da Tabela 5.4.9, evidencia a relação entre ascendência alemã e bilingüismo.

Gráfico 2: Relação entre ascendência alemã e bilingüismo



Legenda: a) pai e mãe com sobrenome alemão
b) só mãe com sobrenome alemão
c) só pai com sobrenome alemão



Através do gráfico acima, constatamos que há um alto grau de cultivo da língua de origem e da transmissão desta aos filhos, comprovando-se o uso da língua alemã em Marechal Cândido Rondon, no que se refere ao meio familiar restrito.

Outro fator relevante, neste gráfico, é o número de casamentos uniétnicos, superior à soma de casamentos mistos, demonstrando a conservação da unidade étnica e conseqüentemente, lingüística. Dos 175 casais com sobrenome alemão por parte dos dois cônjuges, 249 falam o alemão e pelo menos um dos filhos de 114 casais é bilíngüe.

5.5. Conclusão do capítulo

Esta primeira etapa, oferece uma visão parcial das relações que o grupo étnico mantém frente à manutenção da língua alemã. Os dados evidenciam uma recorrência pouco significativa, por parte da geração mais jovem, em relação ao uso e domínio da língua, quer em situações familiares quer em situações sociais.

Embora a língua portuguesa seja a língua de uso propriamente dita, há uma significativa atitude de aceitação, aderência a hábitos ou costumes que se relacionem à manutenção do idioma materno.

CAPÍTULO VI

SEGUNDA ETAPA DA PESQUISA: REDES DE COMUNICAÇÃO DOS FALANTES BILÍNGÜES DE MARECHAL CÂNDIDO RONDON

6.0. Observações preliminares

No presente capítulo pretendemos, basicamente, verificar as condições de preservação dos dialetos do alemão na comunidade urbana de Marechal Cândido Rondon através da análise das redes de comunicação de falantes bilíngües: alemão/português, e determinar os fatores sociolingüísticos que podem levar à manutenção ou não do alemão dentro da comunidade, e, conseqüentemente, à conservação do bilingüismo, ou à dominância do português.

6.1. Metodologia e instrumentos

Segundo os estudos efetuados na primeira etapa de pesquisa, comprovamos que a língua alemã e/ou dialetos do alemão continuam presentes no dia-a-dia da 1ª e 2ª geração na comunidade urbana de Marechal Cândido Rondon, mesmo havendo um acelerado processo de modernização e industrialização da cidade. Gal fez um estudo, em 1978, em Oberwart, na Áustria, e constatou que as mudanças lingüísticas do húngaro para o alemão, estavam relacionadas ao caráter urbano e

industrial da cidade. A autora coloca que a diversidade social e a estratificação de classes criaram as condições que encorajaram a mudança lingüística dentro da comunidade bilíngüe. O objetivo da autora era "*fornecer uma etnografia desta transformação e esclarecer o modo como a mudança lingüística ocorre*" (Gal, 1979: 154).

Como nossos objetivos são semelhantes aos de Gal, adotamos sua metodologia de "*redes de comunicação*", a fim de avaliar os padrões de diversidade lingüística, aplicando, para o estudo de mudança lingüística, um modelo de variação derivado de teorias recentes que relacionam a heterogeneidade lingüística sincrônica à mudança diacrônica, em que se descrevem os padrões atuais de escolha lingüística, de maneira a entender tanto os fatores de forças histórico-sociais como fontes de mudanças futuras na escolha de língua.

Nesta segunda etapa da pesquisa, utilizamos um roteiro de entrevistas baseado em Steiner (1988: 96) que por sua vez, utilizou um roteiro de entrevistas adaptado a partir do modelo de Gal (1979: 177-82), que nos permitiu colher informações sobre diversos tipos de interação possíveis no convívio diário dos informantes, relacionando-os com a língua empregada para a comunicação, segundo a situação e o interlocutor. Servimo-nos, igualmente, do modelo de Bortoni-Ricardo (1985: 167) que fornece dados para o cálculo sociométrico das redes de comunicação (anexo 2).

O objetivo de nosso questionário era fornecer um quadro bastante amplo dos padrões de escolha da língua em situações relacionadas ao dia-a-dia do informante. Portanto, as 111 perguntas do questionário incluem os seguintes itens:

- 1) Dados pessoais do informante, incluindo características de migração;
- 2) Família: o uso de diferentes línguas e/ou dialetos com os membros da família restrita e extensa, incluindo perguntas sobre habilidade de escrita em alemão;
- 3) Vizinhos: o uso das línguas com os vizinhos mais próximos e o grau de contato com os mesmos;
- 4) Amigos: as três pessoas com quem tem mais afinidade e com quem conversa mais seguido, além da família.

As perguntas relacionadas aos itens acima fornecem as redes básicas de relações de cada informante.

- 5) Trabalho: estas questões identificam a profissão do informante e de seu pai, para fins de verificação da ascensão social, e o uso das línguas com diferentes interlocutores no local de trabalho;
- 6) Escola: grau de escolaridade, línguas usadas no ambiente escolar, incluindo perguntas de avaliação da língua alemã;
- 7) Repartições - Médico: o uso das línguas com pessoas estranhas, em órgãos públicos e em ambiente hospitalar;
- 8) Igreja: a religião do informante, o uso das línguas em diferentes situações envolvendo religião, e a posição do informante em relação aos cultos em alemão;
- 9) Compras: uso das línguas em diferentes tipos de estabelecimentos comerciais, incluindo uma pergunta sobre amigos, a fim de controlar as respostas dadas ao campo 4;
- 10) Diversão: exposição aos meios de comunicação de massa, incluindo

habilidade de leitura em alemão;

11) Atitudes Gerais: uso da língua em diversas funções individuais.

Os itens "vizinhos" e "amigos" foram considerados fundamentais para a determinação da rede básica de relações e uso das línguas para cada informante, uma vez que o fator amizade é um indicador válido de canais ativos de comunicação. As perguntas destes dois itens baseiam-se no roteiro de entrevistas de Bortoni-Ricardo (ibid.: 167) que nos forneceu os dados para o cálculo sociométrico das redes de comunicação.

Foram incluídas, no item "trabalho", as perguntas de identificação da profissão do informante e de seu pai, e no item Escola, o grau de escolaridade do informante, para caracterização sociodemográfica dos informantes de nossa amostra (idem, 1985).

O item "diversão" baseia-se, também, no estudo de Bortoni-Ricardo, que considera o grau de exposição aos meios de comunicação de massa um parâmetro importante sobre a modernização de comunidades rurais, pois a exposição dos bilíngües aos meios de comunicação de massa pode influenciar o uso das duas línguas.

6.2. Procedimentos metodológicos

Descrevemos os procedimentos metodológicos desta 2ª etapa no item 3.1.2 do capítulo 3, na metodologia da coleta de dados.

6.3. A amostra

6.3.1. Identificação dos informantes

A amostra se constituiu de oito famílias que pertencem à classe média, e residem na área urbana de Marechal Cândido Rondon. Decidimos não considerar a variável "*classe social*", pois verificamos, pela OP, que o uso do alemão e/ou dialetos pode estender-se desde a classe rural até o nível industrial urbano. Nas oito famílias verificou-se, de alguma forma, o uso da língua alemã e/ou dialetos do alemão como meio de comunicação. Em relação às famílias, as entrevistas foram realizadas objetivando verificar a variação no grau de bilingüismo através da linha diacrônica de três gerações. No total, entrevistamos 106 informantes. O nosso mais jovem informante contava com dois anos de idade e o mais velho com oitenta e cinco anos. Dos 106 informantes, tivemos 14 da 1ª geração, 45 da 2ª geração e 47 da 3ª geração. Os informantes da 2ª geração caracterizam nosso grupo alvo, onde ocorre a decisão da continuidade ou não do bilingüismo na família. Trata-se, portanto de 21 casais, um informante desquitado e duas moças solteiras. Nosso estudo inclui 55 informantes do sexo masculino, variando de 02 a 75 anos, e 51 do sexo feminino, entre 04 e 85 anos de idade.

A Tabela 6.3.1, a seguir reproduzida, contém a amostra dos informantes entrevistados. Usamos estas abreviações:

Nº = número do informante

Nome inf. = as iniciais do primeiro nome e do sobrenome do informante

Ger. = geração

M = masculino

F = feminino

A = alemão

P = português

AP = alemão/português

C = Comunidade Católica Coração de Jesus

EC = Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil

I.E. de Conf. Lut. no Brasil = Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil

EL = Igreja Evangélica Luterana do Brasil

I.E. Lut. do Brasil = Igreja Evangélica Luterana do Brasil

IB = Primeira Igreja Batista em Marechal Cândido Rondon

Igreja Batista = Primeira Igreja Batista em Marechal Cândido Rondon

MCR = Marechal Cândido Rondon

Tabela 6.3.1: Amostra de todos os informantes entrevistados

Nº	Nome inf.	Idade	Ger.	Sexo	Profissão	Nível escolar	Lugar de nascimento	Língua materna	Confissão religiosa
1	I. Sc.	2	3º	M	-	-	Mal. C. Rondon-PR	A	Igreja Batista
2	R. Bo.	4	3º	M	-	Jardim de Infância	Mal. C. Rondon-PR	P	Igreja Batista
3	E. L.	5	3º	M	-	-	Mal. C. Rondon-PR	P	I. Evang. Lut. do Brasil
4	L. Se.	5	3º	M	-	Jardim de Infância	Mal. C. Rondon-PR	P	C. Católica S. C. de Jesus
5	J. Sa.	5	3º	M	-	Jardim de Infância	Mal. C. Rondon-PR	P	I. Evang. Lut. do Brasil
6	N. Mor.	5	3º	F	-	Jardim de Infância	Jarú-RO	P	Igreja Batista
7	A. Sc.	6	3º	F	-	Pré-Escolar	Mal. C. Rondon-PR	A	Igreja Batista
8	J. Ko.	6	3º	F	-	Pré-Escolar	Curitiba-PR	P	I. E. de Conf. Lut. no Brasil
9	C. Sa.	7	3º	F	Estudante	1ª Série	Mal. C. Rondon-PR	P	I. Evang. Lut. do Brasil
10	C. Mol.	7	3º	F	Estudante	1ª Série	Mal. C. Rondon-PR	P	I. Evang. Lut. do Brasil
11	L. R.	7	3º	M	Estudante	1ª Série	Mal. C. Rondon-PR	P	C. Católica S. C. de Jesus
12	F. Se.	7	3º	M	Estudante	1ª Série	Mal. C. Rondon-PR	P	C. Católica S. C. de Jesus
13	C. Ko.	8	3º	F	Estudante	3ª Série	Curitiba-PR	P	I. E. de Conf. Lut. no Brasil
14	L. T.	8	3º	M	Estudante	2ª Série	Curitiba-PR	P	Igreja Batista
15	E. Mol.	9	3º	M	Estudante	3ª Série	Mal. C. Rondon-PR	P	I. Evang. Lut. do Brasil
16	R. Sa.	9	3º	F	Estudante	3ª Série	Mal. C. Rondon-PR	P	I. Evang. Lut. do Brasil
17	R. Se.	9	3º	M	Estudante	3ª Série	Mal. C. Rondon-PR	P	C. Católica S. C. de Jesus
18	A. Se.	9	3º	F	Estudante	3ª Série	Mal. C. Rondon-PR	P	C. Católica S. C. de Jesus
19	A. F.	9	3º	M	Estudante	4ª Série	Mal. C. Rondon-PR	P	I. E. de Conf. Lut. no Brasil
20	I. Ko.	9	3º	M	Estudante	3ª Série	Curitiba-PR	A	I. E. de Conf. Lut. no Brasil
21	F. Mol.	10	3º	F	Estudante	4ª Série	Mal. C. Rondon-PR	P	I. Evang. Lut. do Brasil
22	G. Se.	10	3º	M	Estudante	4ª Série	Mal. C. Rondon-PR	P	C. Católica S. C. de Jesus
23	S. N.	11	3º	F	Estudante	5ª Série	Mal. C. Rondon-PR	A	I. Evang. Lut. do Brasil
24	C. Se.	11	3º	M	Estudante	5ª Série	Mal. C. Rondon-PR	P	C. Católica S. C. de Jesus
25	M. V.	11	3º	F	Estudante	5ª Série	Mal. C. Rondon-PR	A	I. Evang. Lut. do Brasil
26	S. L.	12	3º	F	Estudante	7ª Série	Mal. C. Rondon-PR	P	C. Católica S. C. de Jesus
27	C. Se.	12	3º	M	Estudante	6ª Série	Mal. C. Rondon-PR	P	C. Católica S. C. de Jesus
28	R. Se.	12	3º	M	Estudante	6ª Série	Mal. C. Rondon-PR	P	C. Católica S. C. de Jesus
29	L. F.	12	3º	M	Estudante	5ª Série	Mal. C. Rondon-PR	A	I. E. de Conf. Lut. no Brasil
30	G. Ko.	12	3º	M	Estudante	6ª Série	Mal. C. Rondon-PR	A	I. E. de Conf. Lut. no Brasil
31	P. Se.	13	3º	F	Estudante	7ª Série	Mal. C. Rondon-PR	P	C. Católica S. C. de Jesus
32	A. Br.	13	3º	F	Estudante	8ª Série	Mal. C. Rondon-PR	A	I. E. de Conf. Lut. no Brasil
33	F. Se.	14	3º	M	Estudante	8ª Série	Mal. C. Rondon-PR	P	C. Católica S. C. de Jesus
34	G. Se.	14	3º	F	Estudante	8ª Série	São Paulo-SP	P	C. Católica S. C. de Jesus
35	E. Ko.	14	3º	M	Estudante	8ª Série	Mal. C. Rondon-PR	A	I. E. de Conf. Lut. no Brasil
36	D. Se.	15	3º	M	Estudante	1º Ano do 2º Grau	São Paulo-SP	P	C. Católica S. C. de Jesus
37	C. Mol.	15	3º	M	Estudante	1º Ano do 2º Grau	Mal. C. Rondon-PR	P	I. Evang. Lut. do Brasil
38	A. Se.	15	3º	F	Estudante	1º Ano do 2º Grau	Mal. C. Rondon-PR	P	C. Católica S. C. de Jesus
39	C. Sa.	15	3º	M	Estudante	7ª Série	Mal. C. Rondon-PR	P	I. Evang. Lut. do Brasil
40	F. Br.	16	3º	M	Estudante	1º Ano do 2º Grau	Mal. C. Rondon-PR	A	I. E. de Conf. Lut. no Brasil
41	M. Sa.	16	3º	M	Estudante	1º Ano do 2º Grau	Mal. C. Rondon-PR	P	I. Evang. Lut. do Brasil
42	K. N.	17	3º	F	Do lar	2º Grau incompleto	Mal. C. Rondon-PR	A	I. Evang. Lut. do Brasil
43	I. Mol.	17	3º	F	Diarista	2º Ano do 2º Grau	Assis Chateaubriand-PR	P	I. Evang. Lut. do Brasil
44	L. Mol.	19	3º	M	Enfermeiro	3º Ano do 2º Grau	Assis Chateaubriand-PR	P	I. Evang. Lut. do Brasil
45	M. V.	20	2º	F	Do lar	1º Grau completo	Mal. C. Rondon-PR	A	I. Evang. Lut. do Brasil
46	C. Bu.	22	2º	F	Do lar	3º Grau incompleto	Mal. C. Rondon-PR	P	Igreja Batista
47	E. V.	23	2º	M	Agricultor	1º Grau completo	Mal. C. Rondon-PR	A	I. Evang. Lut. do Brasil
48	C. R.	24	2º	F	Do lar	2º Grau completo	Dois Vizinhos-PR	P	C. Católica S. C. de Jesus
49	Mi. Sc.	27	2º	F	Professora	3º Grau incompleto	Mal. C. Rondon-PR	A	Igreja Batista
50	Ma. Sc.	29	2º	M	Motorista	1º Grau incompleto	Mal. C. Rondon-PR	A	Igreja Batista
51	I. Mor.	29	2º	M	Granjeiro	3º Grau incompleto	Terra Rica-PR	P	Igreja Batista
52	A. Bo.	29	2º	F	Dentista	3º Grau completo	Bagé-RS	P	Igreja Batista
53	H. Bu.	30	2º	M	Bancário	3º Grau incompleto	Santa Rosa-RS	A	Igreja Batista

Tabela 6.3.1: Continuação

Nº	Nome inf.	Idade	Ger.	Sexo	Profissão	Nível Escolar	Lugar de Nascimento	Língua Materna	Confissão Religiosa
54	H. V.	30	2ª	F	Do lar	1º Grau incompleto	Ipira-SC	A	I. E. de Conf. Lut. no Brasil
55	R. Mol	30	2ª	F	Aux.administ.	3º Grau incompleto	Ijuí-RS	A	Igreja Batista
56	L. Se.	30	2ª	F	Aux.administ.	2º Grau incompleto	São Paulo-SP	P	C. Católica S. C. de Jesus
57	M. F.	31	2ª	F	Do lar	1º Grau incompleto	Mal. C. Rondon-PR	A	I. E. de Conf. Lut. no Brasil
58	H. Ka.	32	3ª	M	Bancário	3º Grau incompleto	Mal. C. Rondon-PR	A	I. E. de Conf. Lut. no Brasil
59	A. F.	32	2ª	M	Téc.Agrícola	2º Grau completo	Mal. C. Rondon-PR	A	I. E. de Conf. Lut. no Brasil
60	L. Sa.	32	2ª	F	Professora	2º Grau completo	Três de Maio-RS	P	I. Evang. Lut. do Brasil
61	G. Bo.	33	2ª	M	Dentista	3º Grau completo	Ijuí-RS	P	Igreja Batista
62	I. L.	33	2ª	F	Comerciante	2º Grau completo	Mal. C. Rondon-PR	A	C. Católica S. C. de Jesus
63	L. Ka.	34	3ª	F	Professora	3º Grau completo	Concórdia-SC	A	I. E. de Conf. Lut. no Brasil
64	O. Sc.	34	2ª	F	Cabeleireira	2º Grau incompleto	Mal. C. Rondon-PR	A	Igreja Batista
65	J. T.	34	2ª	M	Vendedor	3º Grau incompleto	Curitiba-PR	P	Igreja Batista
66	H. T.	35	2ª	F	Comerciante	3º Grau completo	Ijuí-RS	A	Igreja Batista
67	E. Ko.	35	2ª	F	Do lar	3º Grau completo	Três de Maio-RS	A	I. E. de Conf. Lut. no Brasil
68	D. V.	35	2ª	M	Agricultor	2º Grau completo	Mal. C. Rondon-PR	A	I. Evang. Lut. do Brasil
69	L. L.	36	2ª	M	Comerciante	3º Grau incompleto	Três Passos-RS	P	C. Católica S. C. de Jesus
70	A. R.	36	2ª	M	Agrônomo	3º Grau completo	Estrela-RS	A	C. Católica S. C. de Jesus
71	P. Se.	37	2ª	M	Veterinário	3º Grau completo	Piratuba-SC	A	C. Católica S. C. de Jesus
72	M. Se.	38	2ª	F	Aux.administ.	2º Grau completo	Analândia-SP	P	C. Católica S. C. de Jesus
73	V. Se.	38	2ª	F	Professora	3º Grau completo	São Paulo-SP	P	C. Católica S. C. de Jesus
74	R. Sa.	38	2ª	M	Aux.escritór.	2º Grau completo	Concórdia-SC	A	I. Evang. Lut. do Brasil
75	U. Ka.	39	3ª	F	Comerciante	3º Grau completo	Arroio do Meio-RS	A	I. E. de Conf. Lut. no Brasil
76	R. Ko.	40	2ª	M	Adm.Empresa	3º Grau completo	Concórdia-SC	A	I. E. de Conf. Lut. no Brasil
77	N. Se.	40	2ª	F	Comerciante	1º Grau incompleto	São Paulo-SP	P	C. Católica S. C. de Jesus
78	R. Sa.	40	2ª	F	Costureira	1º Grau completo	Ijuí-RS	A	I. Evang. Lut. do Brasil
79	C. Se.	41	2ª	M	Vendedor	3º Grau incompleto	Novo Hamburgo-RS	A	C. Católica S. C. de Jesus
80	L. N.	41	2ª	F	Costureira	1º Grau incompleto	Concórdia-SC	A	I. Evang. Lut. do Brasil
81	E. Mol.	41	2ª	M	Motorista	1º Grau incompleto	Ibirama-SC	A	I. Evang. Lut. do Brasil
82	H. Br.	42	2ª	F	Comerciante	2º Grau completo	Concórdia-SC	A	I. E. de Conf. Lut. no Brasil
83	E. Br.	42	2ª	M	Comerciante	2º Grau completo	Lajeado-RS	A	I. E. de Conf. Lut. no Brasil
84	D. Se.	42	2ª	M	Adm.Empresa	3º Grau completo	Baad-Harzburg-Alemanha	A	C. Católica S. C. de Jesus
85	L. Mol	43	2ª	F	Do lar	1º Grau incompleto	Concórdia-SC	A	I. Evang. Lut. do Brasil
86	F. Ko.	44	2ª	M	Adm.Empresa	3º Grau completo	Piratuba-SC	A	I. E. de Conf. Lut. no Brasil
87	D. Se.	45	2ª	M	Médico	3º Grau completo	Baad-Harzburg-Alemanha	A	C. Católica S. C. de Jesus
88	M. Sa.	46	2ª	M	Construtor	1º Grau incompleto	Canela-RS	A	I. Evang. Lut. do Brasil
89	D. N.	46	2ª	M	Construtor	1º Grau incompleto	Lajeado-RS	A	I. Evang. Lut. do Brasil
90	R. Ko.	47	2ª	F	Professora	2º Grau completo	Ararutá-SC	A	I. E. de Conf. Lut. no Brasil
91	I. Bo.	54	1ª	F	Comerciante	1º Grau incompleto	Ijuí-RS	A	Igreja Batista
92	I. V.	54	1ª	F	Do lar	1º Grau incompleto	São Luiz Gonzaga-RS	A	I. Evang. Lut. do Brasil
93	O. Bo.	59	1ª	M	Protético	1º Grau incompleto	Ijuí-RS	A	Igreja Batista
94	B. V.	59	1ª	M	Agricultor	1º Grau incompleto	São Luiz Ganzaga-RS	A	I. Evang. Lut. do Brasil
95	H. Ka.	59	2ª	F	Vendedora	1º Grau incompleto	Lajeado-RS	A	I. E. de Conf. Lut. no Brasil
96	L. Ka.	60	2ª	M	Aux.escritór.	1º Grau incompleto	São Sebastião do Cai-RS	A	I. E. de Conf. Lut. no Brasil
97	A. Sc.	60	1ª	F	Do lar	1º Grau incompleto	Ijuí-RS	A	Igreja Batista
98	A. R.	60	1ª	M	Comerciante	1º Grau incompleto	Estrela-RS	A	I. E. de Conf. Lut. no Brasil
99	A. Sc.	61	1ª	M	Motorista	1º Grau incompleto	Ijuí-RS	A	Igreja Batista
100	M. R.	61	1ª	F	Do lar	1º Grau incompleto	Estrela-RS	A	I. E. de Conf. Lut. no Brasil
101	U. Ko.	66	1ª	F	Do lar	2º Grau incompleto	Erechim-RS	A	I. E. de Conf. Lut. no Brasil
102	T. Ko.	66	1ª	M	Comerciante	1º Grau incompleto	Rio do Sul-SC	A	I. E. de Conf. Lut. no Brasil
103	I. Se.	70	1ª	F	Adm.hospital.	3º Grau completo	Wielst-Holstein-Alemanha	A	I. E. de Conf. Lut. no Brasil
104	H. Sa.	71	1ª	F	Do lar	1º Grau incompleto	São Sebastião do Cai-RS	A	I. Evang. Lut. do Brasil
105	L. Sa.	75	1ª	M	Agricultor	1º Grau incompleto	Gramado-RS	A	I. Evang. Lut. do Brasil
106	L. Ka.	85	1ª	F	Do lar	1º Grau incompleto	São Sebastião do Cai-RS	A	I. E. de Conf. Lut. no Brasil

6.4. Características sociográficas da população da amostragem

6.4.1. Mobilidade espacial

Quarenta e quatro por cento de nossos informantes nasceram em Marechal Cândido Rondon. Três dos informantes: I. Se., D. Se. e D. Se. nasceram na Alemanha; um informante da 1ª geração e dois da 2ª geração vieram crianças para o Brasil, mas já visitaram o país de origem. Além dos informantes acima citados, também visitaram a Alemanha os informantes: C. Se., F. Se., F. Ko. e R. Ko. Dos oito informantes, um é da 1ª geração, quatro da 2ª geração e três da 3ª geração.

Tabela 6.4.1: Mobilidade Espacial

	Nasceu em MCR	Morou em outra cidade	Esteve na Alemanha:	
			nasceu	à passeio
Sim	47	56	3	8
Não	59	50	103	98
Total	106	106	106	106

6.4.2. Profissão

Para a classificação das categorias ocupacionais, baseamo-nos nos estudos de Bortoni-Ricardo (1985). Em nosso estudo, as categorias compreendem:

A = trabalhador rural não qualificado: agricultor.

B = trabalhador urbano não qualificado: dona de casa, construtor, costureira, vendedor, comerciante, auxiliar de escritório (que não têm o 1º Grau completo).

C = trabalhador urbano semi-qualificado: dona de casa, costureira, cabeleireira,

motorista, vendedor, comerciante, construtor, protético (possuem o 1º Grau completo).

D = trabalhador urbano com treinamento técnico: vendedor, comerciante, construtor, enfermeiro, diarista, dona de casa, bancário, auxiliar administrativo, cabeleireira (possuem o 2º Grau incompleto).

E = trabalhador com treinamento técnico especializado: professor, bancário, técnico agrícola, comerciante, granjeiro (possuem o 2º Grau completo).

F = trabalhador com treinamento técnico especializado, com curso superior: agrônomo, veterinário, administrador hospitalar, médico, professor, bancário, empresário, administrador de empresas, dentista.

Para base de cálculo, foram considerados os informantes maiores de 18 anos, separados segundo sexo e geração.

Tabela 6.4.2.a: Categoria profissional dos informantes maiores de 18 anos, segundo sexo e geração

Categoria Profissional	Sexo masculino						Sexo feminino						Total por Categoria	
	1ª ger.		2ª ger.		3ª ger.		1ª ger.		2ª ger.		3ª ger.		nº	%
	nº	%	nº	%	nº	%	nº	%	nº	%	nº	%		
A	3	50	1	5	-	-	-	-	-	-	-	-	4	6
B	1	17	4	18	-	-	5	63	5	22	-	-	15	24
C	1	17	1	5	-	-	1	13	3	13	-	-	6	10
D	1	16	-	-	1	50	1	12	2	9	-	-	5	8
E	-	-	9	40	1	50	-	-	9	39	-	-	19	30
F	-	-	7	32	-	-	1	12	4	17	2	100	14	22
Total	6	100	22	100	2	100	8	100	23	100	2	100	63	100

Observamos através da Tabela 6.4.2.a, que 50% dos homens da 1ª

geração são trabalhadores rurais não qualificados, isto é, menos de quatro anos de escolaridade. Quanto às informantes do sexo feminino da 1ª geração, 63% tem mais de quatro anos de escolaridade, mas o 1º grau incompleto, a maioria é dona de casa. Somente (1) um informante desta geração do sexo feminino tem curso superior, pois já era formado quando veio da Alemanha.

A 2ª geração é o grupo alvo de nossa pesquisa. Verificamos tanto no sexo masculino como no feminino, uma tendência às profissões urbanas, portanto uma formação escolar maior nos informantes, conforme Tabela 6.4.2.a, categoria E e F.

A partir do questionário foi possível levarmos em conta a profissão do pai de cada informante. Os dados demonstram ascensão social de uma geração para outra, com a passagem de ocupações rurais para profissões urbanas.

Tabela 6.4.2.b: A categoria profissional do pai de cada informante, em cada geração

Categoria profissional do Pai	Geração do Informante						Total por categoria	
	1ª geração		2ª geração		3ª geração		nº	%
	nº	%	nº	%	nº	%		
A	7	50	16	36	2	4	25	24
B	5	36	15	33	16	34	36	33
C	1	7	1	2	-	-	2	2
D	-	-	6	13	-	-	6	6
E	-	-	-	-	12	26	12	11
F	1	7	7	16	17	36	25	24
Total	14	100	45	100	47	100	106	100

Podemos observar pelas categorias profissionais, na Tabela 6.4.2.b, que há passagem de uma geração de agricultores para uma geração intermediária

com menos agricultores e mais profissões urbanas, portanto uma geração constituída por profissionais de nível médio e superior.

6.4.3. Grau de escolaridade

Os informantes foram classificados, em primeiro lugar, pelo número de anos de freqüência à escola e, a seguir, relacionados através dos anos de escolaridade e da faixa etária.

Tabela 6.4.3.a: Grau de escolaridade I

Anos de Escola	Sexo Masculino						Sexo Feminino					
	1ª geração		2ª geração		3ª geração		1ª geração		2ª geração		3ª geração	
	nº	%	nº	%	nº	%	nº	%	nº	%	nº	%
Nenhum	-	-	-	-	5	19	1	13	-	-	3	15
1 a 3	1	17	-	-	6	22	2	25	-	-	5	25
4 a 7	5	83	5	23	8	30	3	38	5	22	5	25
8 a 10	-	-	1	5	7	26	1	12	6	26	5	25
11 a 13	-	-	9	41	1	3	-	-	8	35	-	-
14 e mais	-	-	7	31	-	-	1	12	4	17	2	10
Total	6	100	22	100	27	100	8	100	23	100	20	100

Tabela 6.4.3.b: Grau de escolaridade II

Faixa Etária	Anos de Escola											
	1 a 3		4 a 7		8 a 10		11 a 13		14 e mais		Total	
	nº	%	nº	%	nº	%	nº	%	nº	%	nº	%
- 14	-	-	1	5	3	17	-	-	-	-	4	5
15 a 25	-	-	1	5	10	56	2	11	-	-	13	18
26 a 35	-	-	2	10	3	17	10	53	5	36	20	27
36 a 45	-	-	4	20	1	5	6	31	8	57	19	26
46 a 60	2	67	8	40	-	-	1	5	-	-	11	14
+ 61	1	33	4	20	1	5	-	-	1	7	7	10
Total	3	100	20	100	18	100	19	100	14	100	74	100

Em relação ao exercício de profissões urbanas com treinamento técnico especializado, com base na Tabela 6.4.2.a, constatamos uma pequena vantagem para os sujeitos do sexo masculino. Ao examinarmos a Tabela 6.4.3.a podemos ver que a categoria profissional se relaciona ao grau de escolaridade, também com pequena vantagem para o sexo masculino.

A Tabela 6.4.3.b aponta para dados já evidenciados nos estudos de Bortoni-Ricardo: quanto maior a idade, menor o grau de escolaridade. Dos informantes da 1ª geração somente uma mulher fez o curso superior, e isto por ser estrangeira, e outra informante da 1ª geração fez o 1º ano do 2º Grau. Já, os informantes da 3ª geração freqüentam a escola regularmente. Os que têm mais de 17 anos de idade, além de estudar à noite, já têm uma profissão.

Os informantes de nossa amostra são pertencentes à classe média, e demonstraram preocupação com o nível de escolaridade (ao menos o 2º Grau completo), mesmo que trabalhem como agricultores e granjeiros, como os informantes E. V., I. Mol. e D. V., que residem na zona urbana de Marechal Cândido Rondon.

Outro aspecto a ser considerado é que, do grupo de informantes que não mais freqüentam a escola, nenhum sujeito está desempregado. Mesmo os informantes da 1ª geração, ainda continuam na ativa, trabalhando. Quanto ao grupo da terceira geração, observamos que é marcante a influência padronizadora da escola com relação ao bilingüismo. O português é introduzido como língua dominante e o alemão só consegue manter-se no ambiente familiar.

6.4.4. Exposição aos meios de comunicação de massa

Conforme a nossa amostra, foi possível avaliar o tempo aproximado em que nossos informantes estão expostos aos meios de comunicação de massa, dados considerados significativos para Bortoni-Ricardo.

Tabela 6.4.4: Exposição aos meios de comunicação de massa

	Televisão		Rádio		Jornais		Revistas		Livros	
	nº	%	nº	%	nº	%	nº	%	nº	%
Freqüentemente	104	98	67	63	31	29	24	23	18	17
Ocasionalmente	-	-	6	6	26	25	56	53	53	50
Nunca	2	2	33	31	49	46	26	24	35	33
Total	106	100	106	100	106	100	106	100	106	100

A Tabela 6.4.4 apresenta os meios de comunicação que obtiveram maior índice de freqüência no dia-a-dia de nossos informantes: a televisão com 98% e o rádio com 63%. Os adultos assistem à televisão em média de 2 a 3 horas por dia e as crianças e adolescentes em média de 3 a 4 horas diárias, aumentando nos fins de semana.

As informantes L. Ka. e H. Sa. da 1ª geração são monolíngües em alemão, e assistem às vezes ao noticiário da televisão, mas disseram que quase não entendem nada, somente quando alguém faz comentários na língua alemã. As duas informantes são brasileiras, nascidas em São Sebastião do Caí-RS.

Como a televisão é o meio de comunicação mais difundido, terá fortes conseqüências sobre o bilingüismo dos mais jovens, uma vez que, através da televisão são transmitidos não somente valores padronizadores e de prestígio com relação ao português, mas também, muitas vezes, o descendente de alemão e sua

língua de origem são estigmatizados (em novelas, comerciais e programas humorísticos que ridicularizam o sotaque alemão).

A audiência aos programas de rádio, por parte de nossos informantes, também é bastante expressiva. Há programas semanais em língua alemã: "*Vozes da Alemanha*" na Rádio Difusora e "*Bom Domingo*" na Rádio Educadora, que gozam de grande prestígio junto à geração mais velha. Devemos salientar que oito dos nossos informantes têm menos de sete anos, e por isso, somente assistem à televisão, e olham as figuras de livros infantis, pois ainda não lêem. Um dado importante em relação à leitura: dos 14 informantes da 1ª geração, cinco lêem somente em alemão, dois deles fazem a leitura da bíblia em alemão, e sete informantes lêem às vezes em alemão, e na maioria das vezes fazem as leituras em português. Em relação à 2ª geração, somente onze informantes têm o hábito de ler em alemão. Pela OP constatamos que entre os informantes de 2ª geração predominam as leituras em português.

Observamos, através da Tabela 6.4.4, que a leitura de jornais é feita com uma freqüência relativa, por vezes também em alemão; já a leitura de revistas e livros não é tão freqüente, incidindo na maioria dos casos, na língua portuguesa.

Concluimos que a influência dos fatores sociodemográficos, assim como a mobilidade espacial, a categoria profissional, o grau de escolaridade e a exposição aos meios de comunicação de massa são fatores relevantes para uma melhor compreensão do quadro social em que se encaixa o bilingüismo em Marechal Cândido Rondon. Concluimos, também, que tais fatores são de cunho padronizador com relação à dominância do português sobre o alemão.

6.5. Características das redes de comunicação

Em primeiro lugar, explicaremos os dados obtidos através do questionário-entrevista, com relação à escolha da língua em diferentes situações do dia-a-dia dos nossos informantes; e em segundo lugar, os padrões de escolha das línguas entre os vários tipos de interlocutores, apresentando a fórmula utilizada para o cálculo do índice de uso do alemão e do português nas diversas redes sintéticas, prosseguindo à análise e interpretação dos dados assim obtidos.

6.5.1. Escolha da língua em situações diversas

Vários são os autores que já fizeram estudos sobre a escolha da língua em situações diversas. Entre outros estão: Mackey (1968), Gal (1979), Dorian (1981), Bortoni-Ricardo (1985), Zimmermann (1981) e Steiner (1988).

Para Mackey (1968: 555) "*o uso das duas línguas é feito em relação a fatores situacionais, assim como tópico, interlocutor, ocasião e local de interação*". Estes fatores nos forneceria regras bastante simples para a determinação da escolha da língua. Um modelo de estratégia sociolinguística bastante utilizada é o que parte da alternância entre as variantes para se tentar predizer a escolha da variante dentro das situações de interação social.

Gal (1979: 174), em seu estudo em Oberwart, observou que "*é impossível predizer a escolha da língua através do conhecimento dessas correlações situacionais*". Visto que os aspectos situacionais, tais como local ou ocasião, demonstraram ser pouco significativos, a especificação da identidade do interlocutor deve ser fator suficiente para definir as escolhas. Para Dorian (1981: 112) a escolha entre o dialeto gaélico e o inglês se daria independentemente do tópico ou do estado de espírito do

falante.

Constatamos através da OP, que na comunidade rondonense o tópico não influi necessariamente na escolha da língua. Para a interação, o uso de se fazer empréstimos do português para o alemão permite a discussão de qualquer assunto em alemão, dependendo da permissão do interlocutor, não importando a atualidade do tema. Sendo assim, é permitido o uso do alemão para todos os tópicos. Também o local ou situação demonstrou ser irrelevante quanto à escolha da língua. De acordo com a OP, constatamos que quando o falante de alemão encontra algum conhecido numa loja ou supermercado, normalmente é na língua alemã que conversam. Isto demonstra que a escolha da língua a ser usada é feita, basicamente, conforme o interlocutor.

Com base no modelo de Gal (1979) demonstraremos a escolha da língua em situações diversas. Apresentaremos duas tabelas: na 6.5.1.a, a escolha feita pelo sexo masculino e na 6.5.1.b, e a escolha efetuada pelo sexo feminino. Os resultados obtidos nestas duas tabelas resultam das respostas do questionário (anexo 2) de 1 a 9, a idade e a religião do informante, interlocutores da família restrita e da família extensa, do círculo de relações, do ambiente escolar, do ambiente das repartições públicas e hospitalares, do meio religioso e comercial. Estes campos representam respectivamente os diversos tipos de rede de comunicação a que o falante pode ser exposto. Abrangemos nestes quadros a totalidade dos informantes, tanto os monilíngües como os bilíngües, em ordem cronológica conforme a idade.

Na Tabela 6.5.1.a, temos 55 informantes do sexo masculino: 39 são evangélicos, dos quais 15 são Evangélicos Luteranos do Brasil, 14 Evangélicos de Confissão Luterana no Brasil e 10 da Igreja Batista, e 16 são da Comunidade

Católica Sagrado Coração de Jesus. O informante J. T. de formação católica se converteu à Igreja Batista e o informante A. R. de formação Evangélica de Confissão Luterana no Brasil ao catolicismo, com o casamento.

Dos informantes da 3ª geração temos 19 que são monolíngües em português, e 3 informantes da 2ª geração que não são descendentes de alemães, mas casados com descendentes de alemães que fazem uso da língua materna com os seus familiares e no comércio rondonense.

Em relação ao sexo feminino, temos, na Tabela 6.5.1.b, 51 informantes, sendo 39 informantes evangélicos, dos quais 16 Evangélicos Luteranos do Brasil, 13 Evangélicos de Confissão Luterana no Brasil, 10 da Igreja Batista e 12 da Comunidade Católica Sagrado Coração de Jesus. Uma das informantes é Evangélica de Confissão Luterana no Brasil. Casando-se com um católico, não se converteu ao catolicismo, mas todos os filhos e netos professam a religião católica.

Com relação ao sexo feminino, duas informantes são monolíngües em alemão, da 1ª geração; 7 informantes monolíngües em português, da 2ª geração; porém, 6 informantes são de outras etnias, mas casadas com descendentes de alemães; uma informante é descendente de alemães monolíngüe em português, e mesmo tendo uma formação bilíngüe na infância, não acusou o uso de alemão em nenhuma situação de comunicação. Doze foram os informantes monolíngües em português da 3ª geração.

A idade dos informantes é um fator muito importante, para visualizarmos o aspecto diacrônico de escolha entre as duas línguas. Através da OP, constatamos que a 1ª geração faz uso quase que exclusivo da língua alemã (A) no seio familiar, e nos domínios públicos alternam bastante as duas línguas

alemão/português (AP). Os da 2ª geração alternam as duas línguas (AP), enquanto os da 3ª geração usam predominantemente a língua portuguesa (P).

Através da OP e gravações verificamos que das oito famílias teuto-rondonenses entrevistadas, todas em determinado momento, usam o dialeto "*hochdeutsch*"; mas predomina o uso do dialeto "*hunsrückisch*", com interferências do "*hochdeutsch*" e empréstimos do português. Destas famílias, três utilizam mais o "*hochdeutsch*" e as outras o "*hunsrückisch*". Entretanto, uma família, além de usar estes dois dialetos utiliza o dialeto "*pomerano*" entre os seus familiares e amigos; e um membro de uma outra família usa o dialeto "*westfaliano*" em situações comunicativas com os seus irmãos e com dois amigos.

6.5.2. Os padrões de escolha segundo o interlocutor

Fizemos alguns ajustes nos vários dados obtidos, para podermos determinar quais os padrões de escolha das línguas entre os diversos tipos de interlocutores, reunindo-os num mesmo grupo. Obtivemos, então, 12 tipos de interlocutores. Como não trabalharemos com os informantes monolíngües, visto que, para eles, não existe opção de escolha da língua, a nossa amostra de 106 informantes ficou reduzida a 63.

Com a definição dos doze tipos de interlocutores e os informantes a serem considerados, conseguimos uma matriz mais compacta. Mas, ainda não a consideramos totalmente clara para podermos visualizar os padrões de escolha que servem de regra aos diversos informantes. Por esta razão decidimos utilizar a fórmula usada por Gal (1979, apud Steiner, 1988: 117) para calcularmos o índice de uso do alemão (índice A) para cada informante:

$$\text{Índice A} = \frac{A + AP}{A + AP + P}$$

Através desta fórmula, foi possível calcular a proporção de alemão usada por cada falante, para o total de situações interlocucionárias e ordenar os diversos falantes conforme seu índice A. Para uma melhor demonstração dos dados, colocamos os informantes ao longo de um eixo vertical, ordenados conforme seus índices A, e os tipos de interlocutores em um eixo horizontal, dispostos também conforme seus índices A. O resultado dos dados permite descrever os padrões de uso sincrônico das duas línguas.

Na Tabela 6.5.2, temos no eixo horizontal os padrões de uso habitual de alemão e português para cada falante. Por exemplo a informante H. V., de 30 anos, usa o alemão (A) com avós e sujeitos dessa geração; alemão e português (AP) com seus pais e a geração deles, amigos, vizinhos, cônjuge, irmãos, enfermeira; e, o português (P) com os filhos, pastor, em orações e nos órgãos oficiais.

Com base na mesma Tabela 6.5.2, poderemos fazer a leitura de cada coluna vertical, o que nos leva a observar as diferenças entre os informantes com relação a suas escolhas lingüísticas para com um interlocutor determinado. Enquanto os informantes do início da tabela falam mais o português com seus irmãos, os do meio alternam as duas línguas (AP), numa mesma interação, os do final da tabela falam mais o alemão (A), mas também fazem o uso da alternância das duas línguas (AP).

O fator idade dos informantes deu-nos os padrões de escolha, segundo a geração de cada falante, acrescentando à matriz o componente diacrônico, demonstrando-se, assim, a evolução nos padrões de escolha.

As escolhas, colocadas desta maneira, resultam numa escala implicacional com bom grau de perfeição. Os falantes do topo da escala falam mais o português, os da base mais o alemão, e os do meio têm maior possibilidade de alternância das duas línguas numa mesma interação. A presença de qualquer uma das três categorias lingüísticas numa célula restringe qual das três pode ocorrer no início, no final ou em ambos os lados. (Gal, 1979, apud Steiner, 1988).

Igualmente, verificamos os dados sobre o uso alterando as duas línguas (AP). Os tipos de interação em que tanto o alemão como o português foram indicados nas tabelas também serão objeto de estudo do próximo capítulo, uma vez

que pretendemos analisar um ponto específico do processo de desenvolvimento simultâneo das duas línguas: alemão/português (Blom & Gumperz, 1972).

Na Tabela 6.5.2, observamos que a posição de um falante na escala está em sua idade. Os mais jovens, isto é, a 3ª geração, usam quase só o português, e os mais velhos, tanto os da 1ª como da 2ª geração, usam o alemão/português alternadamente com quase todos os tipos de interlocutores.

Vemos, de maneira bem clara, conforme Tabela 6.5.2, que a linha mestra de manutenção da língua minoritária é a da família. A escala de preferência do uso do alemão ocorre, em 1º lugar, com os avós, em 2º lugar com os pais, em 3º lugar com o cônjuge, e em 4º lugar com os irmãos como interlocutores. Com isso, concluímos que, efetivamente, a família é responsável pela manutenção da língua alemã em Marechal Cândido Rondon.

Na escala de preferência para o uso do alemão, aparece, em 5º lugar, a relação com os amigos, vizinhos, colegas de escola e trabalho da mesma geração. Perguntamos aos nossos informantes em quais das situações usavam o alemão com os seus colegas de escola e trabalho. Da geração mais velha, alguns dos informantes disseram que os primeiros anos de escolaridade foram em língua alemã e toda a interação comunicativa com os colegas era feita em alemão, o mesmo ocorrendo com os seus colegas de trabalho. Porém, a geração mais jovem só usa o alemão com os colegas, tanto em aula como no trabalho, em situações de brincadeiras ou para falar de assuntos que os outros colegas não devem ouvir.

Portanto, observamos, pela Tabela 6.5.2, que a herança cultural e étnica transmitida pela geração mais velha permanece viva nas redes de comunicação preferenciais (amigos, colegas, vizinhos e o cônjuge) de cada indivíduo da 2ª

geração. Mas, isso não está ocorrendo com relação à terceira geração, podemos observar, na Tabela 6.5.2, que os nove primeiros informantes não usam o alemão com nenhum interlocutor de sua rede de relações preferenciais, portanto, não falam alemão com nenhum dos interlocutores seguintes. Contudo, de acordo com a coluna 7 da Tabela 6.5.2, a 1ª geração usa alternadamente AP com os seus netos, resultando em 57% de escalabilidade, ocorrendo a mesma porcentagem em relação aos filhos na coluna 6.

Através desses dados constatamos quem realmente mantém viva a língua alemã em MCR, são as gerações mais velhas, e que entre a geração mais jovem há tendência ao desaparecimento da língua materna, devido ao rompimento da linha de transmissão da língua minoritária por parte de seus pais.

A partir da OP e das informações fornecidas por nossos informantes, deduzimos que a determinação da escolha lingüística é feita, principalmente, conforme o interlocutor. Alguns aspectos ainda podem ser acrescentados, depreendidos dos dados da matriz de escolha. Por exemplo, o importante papel da mulher na manutenção do bilingüismo. Tanto Gal (1979) como Saville-Troike (1982), Tarallo (1986) e Steiner (1988) apontam a mulher como propulsora da variante conservadora. Tal situação pode ser confirmada em nosso estudo.

Tabela 6.5.2: Padrões de escolha da língua em Marechal Cândido Rondon

Nº Inf.	Nome	Idade	Padrões de escolha:												Índice	
			01	02	03	04	05	06	07	08	09	10	11	12		A
8	J. Ko.	8	P	AP	-	P	P	-	-	P	P	P	P	P	P	0.11
23	S. N.	11	AP	P	-	P	P	-	-	P	P	P	P	P	P	0.11
26	S. L.	12	AP	P	-	P	P	-	-	P	P	P	P	P	P	0.11
41	M. Sa.	16	AP	P	-	P	P	-	-	P	P	P	P	P	P	0.11
42	K. N.	17	AP	P	-	P	P	-	-	P	P	P	P	P	P	0.11
20	I. Ko.	9	AP	AP	-	P	P	-	-	P	P	P	P	P	P	0.22
29	L. F.	12	AP	AP	-	P	P	-	-	P	P	P	P	P	P	0.22
33	F. Se.	14	AP	AP	-	P	P	-	-	P	P	P	P	P	P	0.22
35	E. Ko.	14	AP	AP	-	P	P	-	-	P	P	P	P	P	P	0.22
53	H. Bu.	30	A	AP	P	P	P	P	-	AP	P	P	P	P	P	0.27
61	G. Bo.	33	AP	AP	P	P	P	P	-	AP	P	P	P	P	P	0.27
7	A. Sc.	6	AP	AP	-	AP	AP	-	-	P	P	P	P	P	P	0.33
50	M. Sc.	29	AP	AP	P	AP	AP	P	-	P	P	P	P	P	P	0.36
55	R. M.	30	AP	AP	P	AP	AP	P	-	P	P	P	P	P	P	0.36
66	H. T.	35	A	AP	P	P	P	P	-	AP	AP	P	P	P	P	0.36
87	D. Se.	45	A	AP	P	P	P	P	-	AP	P	P	P	P	AP	0.36
1	I. Sc.	2	AP	AP	-	AP	P	-	-	P	P	P	P	AP	P	0.44
32	A. Br.	13	AP	AP	-	AP	P	-	-	P	P	P	P	P	P	0.44
63	L. Ka.	34	A	AP	-	AP	AP	-	-	P	P	P	P	P	P	0.44
62	I. L.	33	AP	AP	P	P	AP	P	-	AP	P	AP	P	P	P	0.45
70	A. R.	36	A	AP	P	AP	AP	P	-	AP	P	P	P	P	P	0.45
71	P. Se.	37	AP	AP	P	P	AP	P	-	AP	P	AP	P	P	P	0.45
68	D. V.	36	A	AP	AP	AP	AP	P	-	P	P	P	P	P	P	0.45
79	C. Se.	41	AP	AP	P	P	P	P	-	AP	P	AP	P	P	AP	0.45
88	M. Sa.	46	A	AP	AP	AP	AP	P	-	P	P	P	P	P	P	0.45
54	H. V.	30	A	AP	AP	AP	AP	P	-	P	P	AP	P	P	P	0.55
58	I. Ka.	32	A	AP	AP	AP	AP	P	AP	AP	P	P	P	P	P	0.55
60	I. Sa.	32	A	AP	AP	AP	AP	P	-	P	P	P	P	P	AP	0.55
80	L. N.	41	A	AP	AP	AP	P	AP	-	P	P	AP	P	P	P	0.55
84	D. Se.	42	A	AP	P	P	AP	P	-	AP	P	AP	P	P	AP	0.55
89	D. N.	46	AP	AP	AP	AP	AP	P	-	AP	P	P	P	P	P	0.55
40	F. Br.	16	AP	AP	-	AP	AP	-	-	P	P	P	AP	P	P	0.56
49	M. Sc.	27	A	AP	-	AP	AP	-	-	P	AP	P	P	P	P	0.56
45	M. V.	20	AP	AP	AP	AP	AP	-	-	P	AP	P	P	P	P	0.60
57	M. F.	31	A	AP	AP	AP	AP	AP	-	P	P	AP	P	P	P	0.64
74	R. Sa.	38	A	AP	AP	AP	AP	P	-	P	AP	P	P	P	AP	0.64
47	E. V.	23	A	AP	AP	AP	AP	-	-	P	AP	P	AP	P	P	0.70
64	O. Sc.	34	A	AP	-	AP	AP	AP	-	AP	AP	P	P	P	P	0.70
75	U. Ka.	39	AP	AP	AP	AP	AP	AP	-	AP	P	AP	P	P	P	0.73
78	R. Sa.	40	AP	AP	AP	AP	AP	P	-	AP	P	AP	P	P	AP	0.73
81	E. Mol.	41	A	AP	AP	A	AP	AP	-	P	AP	AP	P	P	AP	0.73
83	H. Br.	42	A	AP	AP	AP	AP	AP	-	AP	P	AP	P	P	AP	0.73
94	B. V.	59	A	A	AP	A	AP	AP	P	P	AP	AP	A	P	P	0.75
100	M. R.	61	A	A	AP	AP	AP	AP	P	AP	AP	P	A	A	P	0.75
76	R. Ko.	40	AP	AP	AP	AP	AP	AP	-	AP	AP	P	P	P	AP	0.82
82	H. Br.	41	A	AP	AP	AP	AP	AP	-	AP	P	P	AP	AP	AP	0.82
96	L. Ka.	60	A	A	AP	-	AP	AP	AP	AP	P	AP	AP	P	P	0.82
59	A. F.	32	A	AP	AP	AP	AP	AP	-	AP	AP	P	AP	AP	P	0.82
98	A. R.	60	A	A	AP	AP	AP	AP	-	AP	AP	AP	AP	P	P	0.83
93	O. Bo.	59	A	A	AP	AP	AP	AP	P	AP	AP	P	AP	AP	AP	0.83
67	E. Ko.	35	A	AP	AP	AP	AP	AP	-	AP	AP	AP	P	AP	AP	0.91
85	L. Mol.	43	A	AP	AP	AP	AP	P	-	AP	AP	AP	AP	AP	AP	0.91
86	F. Ko.	44	A	AP	AP	AP	AP	AP	-	AP	AP	P	A	AP	AP	0.91
90	R. Ko.	47	A	AP	AP	AP	AP	AP	-	AP	AP	P	AP	AP	AP	0.91
91	I. Bo.	54	A	A	AP	AP	AP	AP	P	AP	AP	AP	A	AP	AP	0.92
92	I. V.	54	A	A	AP	AP	AP	AP	AP	AP	AP	AP	A	A	P	0.92
101	U. Ko.	66	A	A	AP	AP	AP	AP	AP	AP	AP	AP	A	A	P	0.92
103	I. Se.	70	A	A	AP	A	AP	AP	P	AP	AP	AP	A	A	AP	0.92
95	H. Ka.	59	A	A	AP	AP	AP	AP	AP	AP	AP	AP	A	A	AP	1.00
97	A. Sc.	60	A	A	AP	AP	AP	AP	AP	AP	AP	AP	A	A	AP	1.00
99	A. Sc.	61	A	A	AP	AP	AP	AP	AP	AP	AP	AP	A	A	AP	1.00
102	T. Ko.	66	A	A	AP	AP	AP	AP	AP	AP	AP	AP	A	A	AP	1.00
105	L. Sa.	75	A	A	A	AP	AP	AP	AP	AP	AP	AP	A	AP	AP	1.00
Índice A...		.98	.94	.77	.71	.70	.57	.57	.56	.41	.38	.37	.35			
Índice A = A + AP / A + AP + P																

Interlocutores:

01 = avós e sua geração
 02 = pais e sua geração (professor, chefe, diretor)
 03 = cônjuge
 04 = irmãos
 05 = amigos, vizinhos, colega de escola e trabalho da mesma geração

06 = filhos
 07 = netos
 08 = clientes e/ou vendedores
 09 = padre ou pastor
 10 = médico e/ou enfermeira
 11 = Deus (orações)
 12 = órgãos oficiais

Com base nos dados, verificamos que, na maioria das vezes, onde a mãe fala o alemão, o marido e os filhos também falam; mas onde ela não fala, os filhos são monolíngües em português. Um fato curioso com a família de 2ª geração de E. Mol., em que a esposa é falante do dialeto "*hunsrückisch*": o marido, falante do dialeto "*hochdeutsch*", não permitiu que ela ensinasse esse "*alemão errado*" aos filhos, razão por que todos os filhos são monolíngües em português. Esses informantes, em suas entrevistas, declararam que se sentiram prejudicados por não falar a língua materna: dificilmente podiam se comunicar com a avó materna, falante monolíngüe em alemão.

A informante I. Se. nasceu na Alemanha, é de formação evangélica (EC). Em sua família, a comunicação era feita somente em alemão. Casou-se com um brasileiro, descendente de alemães, católico, de família bilíngüe que quase só falava o alemão. Dos filhos do casal, dois nasceram na Alemanha, e os outros três nasceram no Brasil. Três dos filhos casaram-se com mulheres de descendência luso-brasileira, um filho casou-se com uma moça descendente de alemães, cuja língua materna é o português, e uma filha casou-se com um moço descendente de italianos. Todos os filhos da informante I. Se. casaram-se de acordo com a religião católica e falam a língua materna, mas dos 17 netos, somente dois são bilíngües. O alemão usado é bastante restrito nas interações comunicativas, como pode ser verificado na Tabela 6.5.2, através dos informantes S. L. e F. Se.

Nosso informante A. R. é de formação evangélica (EC) e no seio familiar a comunicação era feita principalmente em alemão. Casou-se com uma moça católica, luso-brasileira, e os filhos tiveram o português como língua materna.

Os informantes da família Bo., são de formação batista. No convívio familiar a comunicação era feita prioritariamente em alemão. Uma filha casou-se com um rapaz descendente de luso-brasileiro, católico que se converteu à religião batista; a outra filha casou-se com um moço batista, mas descendente de russos; e o filho casou-se com uma moça também batista, mas de descendência italiana, portanto nenhum dos cônjuges mantinha interação comunicativa em alemão, e por isso os quatro netos do casal Bo. são monolíngües em português.

Gal (1979), Saville-Troike (1982), Tarallo (1986) e Steiner (1988) mostraram que a língua materna é preferencialmente falada pelas mulheres. Sua manutenção, em termos de credo religioso, tem demonstrado uma diferença de uso significativa dos evangélicos sobre os católicos. Em decorrência, consideramos importante, a consideração das variáveis sexo e confissão religiosa, para buscarmos interpretações relevantes para a pesquisa.

6.5.3. Os padrões de escolha da língua para o sexo masculino e feminino

Vários estudos (Gal, 1979; Saville-Troike, 1982; Tarallo, 1986, 1988) têm considerado decisivo o papel desempenhado pelas mulheres como fator de manutenção da língua materna. Gal (1979, apud Steiner, 1988: 123), considera que *"as mulheres escolhem sistematicamente as línguas de forma diversa dos homens numa comunidade multilíngüe"*. Por isso, a nossa amostra será apresentada em relação aos padrões de escolha da língua, segundo a variável *"sexo do falante"*.

Ao estabelecermos a matriz com os padrões de escolha lingüística entre o sexo masculino (Tabela 6.5.3.a) e o sexo feminino (Tabela 6.5.3.b), verificamos que não houve alterações nos padrões de escolha lingüística em relação aos

primeiros cinco interlocutores. Porém, havendo alterações nos tipos de interlocutores 6 (cliente e/ou vendedores) ocorriam alterações no uso da língua. Verificamos, como exemplo, o uso do alemão em transações comerciais com significativa predominância para os sujeitos do sexo masculino. É o caso do informante C. Se., que declarou ser fundamental, para sua profissão, saber falar alemão, o mesmo acontecendo com todos os informantes dedicados ao comércio rondonense.

Os dados apresentados na Tabela 6.5.3.b, em relação ao tipo de interlocutores (6-filhos; 7-netos) permitem verificar a primazia do uso do alemão nas interações comunicativas entre mães e filhos, uma vez que estes aprenderam a língua no contexto familiar; quanto aos netos, visto que não sabem falar o alemão, tal situação não ocorre e as interações comunicativas são efetuadas em português. Atualmente, conhecedores da importância profissional do domínio da língua, os avós procuram sua manutenção ensinando-a aos netos, procedimento não recorrente nas interações com os filhos.

Conforme declaração de alguns informantes da 2ª geração, a interferência da língua alemã, principalmente no meio estudantil, era causa de sérios conflitos psicológicos. Entretanto, hoje os conflitos foram superados. Saber outra língua, no caso a alemã, é mais uma questão de prestígio e utilidade do que de afastamento social. Essa razão faz com que procurem manter a língua materna no convívio com os filhos e netos. Também constatamos a alteração na ordem no tipo de interlocutor 9 (médico e/ou enfermeira) para o sexo feminino e para os homens em último lugar. Portanto, as enfermeiras preferem falar em alemão com as mulheres a fim de transmitir mais confiança às doentes. O tipo de interlocutor 11 (órgãos oficiais) para os homens e para as mulheres em último lugar, aqui

permutaram as posições, provavelmente porque os homens têm maior contato com os órgãos públicos.

Tabela 6.5.3.a: Padrões de escolha da língua - sexo masculino

NºInf.	Nome	Idade	Padrões de escolha:												Índice
			01	02	03	04	05	06	07	08	09	10	11	12	
41	M. Sa.	16	AP	P	-	P	P	P	-	-	P	P	P	P	0.11
20	I. Ko.	9	AP	AP	-	P	P	P	-	-	P	P	P	P	0.22
29	L. F.	12	AP	AP	-	P	P	P	-	-	P	P	P	P	0.22
33	F. Se.	14	AP	AP	-	P	P	P	-	-	P	P	P	P	0.22
35	E. Ko.	14	AP	AP	-	P	P	P	-	-	P	P	P	P	0.22
53	H. Bu.	30	A	AP	P	P	P	AP	-	P	P	P	P	P	0.27
61	G. Bo.	33	AP	AP	P	P	P	AP	-	P	P	P	P	P	0.27
50	M. Sc.	29	AP	AP	P	AP	AP	P	-	P	P	P	P	P	0.36
87	D. Se.	45	A	AP	P	P	P	AP	-	P	P	P	AP	P	0.36
1	I. Sc.	2	AP	AP	-	AP	P	P	-	-	P	AP	P	P	0.44
68	D. V.	36	A	AP	AP	AP	AP	P	-	P	P	P	P	P	0.45
70	A. R.	36	A	AP	P	AP	AP	AP	-	P	P	P	P	P	0.45
71	P. Se.	37	AP	AP	P	P	AP	AP	-	P	P	P	P	AP	0.45
79	C. Se.	41	AP	AP	P	P	P	AP	-	P	P	P	AP	AP	0.45
88	M. Sa.	46	A	AP	AP	AP	AP	P	-	P	P	P	P	P	0.45
58	I. Ka.	32	A	AP	AP	AP	P	AP	-	AP	P	P	P	P	0.55
84	D. Se.	42	A	AP	P	P	AP	AP	-	P	P	P	AP	AP	0.55
89	D. N.	46	AP	AP	AP	AP	AP	AP	-	P	P	P	P	P	0.55
40	F. Br.	16	AP	AP	-	AP	AP	P	-	-	P	AP	P	P	0.56
74	R. Sa.	38	A	AP	AP	AP	AP	P	-	P	AP	P	AP	P	0.64
47	E. V.	23	A	AP	AP	AP	AP	P	-	-	AP	AP	P	P	0.70
81	E. Mol.	41	A	AP	AP	A	AP	P	-	P	AP	P	AP	AP	0.73
83	H. Br.	42	A	AP	AP	AP	AP	AP	-	AP	P	P	AP	P	0.73
94	B. V.	59	A	A	AP	A	AP	P	P	P	AP	A	P	AP	0.75
59	A. F.	32	A	AP	AP	AP	AP	AP	-	AP	AP	AP	P	P	0.82
76	R. Ko.	40	AP	AP	AP	AP	AP	AP	-	AP	AP	P	AP	P	0.82
96	L. Ka.	60	A	A	AP	-	AP	AP	AP	AP	P	AP	P	AP	0.82
93	O. B.	59	A	A	AP	AP	AP	AP	P	AP	AP	AP	AP	P	0.83
98	A. R.	60	A	A	AP	AP	AP	AP	P	AP	AP	AP	P	AP	0.83
86	F. Ko.	44	A	AP	AP	AP	AP	AP	-	AP	AP	A	AP	P	0.91
99	A. Sc.	61	A	A	AP	AP	AP	AP	AP	AP	AP	A	AP	AP	1.00
102	T. Ko.	66	A	A	AP	AP	AP	AP	AP	AP	AP	A	AP	AP	1.00
105	L. Sa.	75	A	A	A	AP	AP	AP	AP	AP	AP	A	AP	AP	1.00
Índice A...		100	.97	.69	.66	.66	.58	.57	.46	.36	.36	.36	.30		
Índice A = A + AP/A + AP + P															

Interlocutores:

- 01 = avós e sua geração
- 02 = pais e sua geração
- 03 = cônjuge
- 04 = irmãos
- 05 = amigos, vizinhos, colega de escola e trabalho da mesma geração
- 06 = clientes e/ou vendedores
- 07 = netos
- 08 = filhos
- 09 = padre e/ou pastor
- 10 = Deus (orações)
- 11 = órgãos oficiais
- 12 = médico e/ou enfermeira

Tabela 6.5.3.b: Padrões de escolha da língua - sexo feminino

NºInf.	Nome	Idade	Padrões de escolha:												Índice
			01	02	03	04	05	06	07	08	09	10	11	12	
8	J. Ko.	8	P	AP	-	P	P	-	-	P	P	P	P	P	0.11
23	S. N.	11	AP	P	-	P	P	-	-	P	P	P	P	P	0.11
26	S. L.	12	AP	P	-	P	P	-	-	P	P	P	P	P	0.11
42	K. N.	17	AP	P	-	P	P	-	-	P	P	P	P	P	0.11
7	A. Sc.	6	AP	AP	-	AP	P	-	-	P	P	P	P	P	0.33
55	R. M.	30	AP	AP	P	AP	AP	P	-	P	P	P	P	P	0.36
66	H. T.	35	A	AP	P	AP	P	P	-	AP	P	AP	P	P	0.45
32	A. Br.	13	AP	AP	-	AP	AP	-	-	P	P	P	P	P	0.44
63	L. Ka.	34	A	AP	-	AP	AP	-	-	P	P	P	P	P	0.44
62	I. L.	33	AP	AP	P	P	AP	P	-	AP	AP	P	P	P	0.45
54	H. V.	30	A	AP	AP	AP	AP	P	-	P	AP	P	P	P	0.55
60	I. Sa.	32	A	AP	AP	AP	AP	P	-	P	P	P	P	AP	0.55
80	L. N.	41	A	AP	AP	AP	P	AP	-	P	AP	P	P	P	0.55
49	M. Sc	27	A	AP	-	AP	AP	-	-	P	AP	P	P	P	0.56
45	M. V.	20	AP	AP	AP	AP	AP	-	-	P	P	AP	P	P	0.60
57	M. F.	31	A	AP	AP	AP	AP	AP	-	P	AP	P	P	P	0.64
64	O. Sc.	34	A	AP	-	AP	AP	AP	-	AP	P	AP	P	P	0.70
75	U. Ka.	39	AP	AP	AP	AP	AP	AP	-	AP	AP	P	P	P	0.73
78	R. Sa.	40	AP	AP	AP	AP	AP	P	-	AP	AP	P	P	AP	0.73
100	M. R.	61	A	A	AP	AP	AP	AP	P	AP	P	AP	A	P	0.75
82	H. Br.	42	A	AP	AP	AP	AP	AP	-	AP	P	P	AP	AP	0.82
67	E. Ko.	35	A	AP	AP	AP	AP	AP	-	AP	AP	AP	P	AP	0.91
85	L. Mol.	43	A	AP	AP	AP	AP	P	-	AP	AP	AP	AP	AP	0.91
90	R. Ko.	47	A	AP	AP	AP	AP	AP	-	AP	P	AP	AP	AP	0.91
91	I. Bo.	54	A	A	AP	AP	AP	AP	P	AP	AP	AP	A	AP	0.92
92	I. V.	54	A	A	AP	AP	AP	AP	AP	AP	AP	AP	A	P	0.92
101	U. Ko.	66	A	A	AP	AP	AP	AP	AP	AP	AP	AP	AP	P	0.92
103	I. Se.	70	A	A	AP	A	AP	AP	P	AP	AP	AP	AP	AP	0.92
95	H. Ka.	59	A	A	AP	AP	AP	AP	AP	AP	AP	AP	A	AP	1.00
97	A. Sc.	60	A	A	AP	AP	AP	AP	AP	AP	AP	AP	A	AP	1.00
Índice A...			.97	.90	.86	.83	.77	.67	.57	.53	.50	.43	.33	.33	
Índice A = A + AP/A + AP + P															

Interlocutores:

- 01 = avós e sua geração
- 02 = pais e sua geração (professor, chefe, diretor)
- 03 = cônjuge
- 04 = irmãos
- 05 = amigos, vizinhos, colega de escola e trabalho da mesma geração
- 06 = filhos
- 07 = netos
- 08 = clientes e/ou vendedores
- 09 = médico e/ou enfermeira
- 10 = padre e/ou pastor
- 11 = Deus (orações)
- 12 = órgãos oficiais

Conforme Mackey (1968), Giles (1977) e Steiner (1988) a religião é outro fator favorecedor da manutenção da língua minoritária. Através da OP, relatado na Descrição sobre o Trabalho de Campo, capítulo três desta dissertação, as igrejas evangélicas (incluída a batista) ainda mantêm cultos e outras atividades em língua alemã. A Comunidade Evangélica de Confissão Luterana no Brasil oferece, a partir de 1979, o ensino da língua alemã desde a 2ª até as 8ª séries do 1º Grau. Contudo, as outras comunidades não oferecem o ensino da língua alemã, e a igreja católica não realiza missas em alemão. Esses fatores provavelmente refletirão nos padrões de escolha lingüística, e, por este motivo, subdividimos os dois grupos conforme sua confissão religiosa.

6.5.3.1. Os padrões de escolha da língua entre as mulheres católicas

Ao reorganizarmos os dados nessa matriz reduzida (Tabela 6.5.3.1), constatamos que os dados não são muito representativos em relação às mulheres católicas, por serem mãe e filha, uma vez que a própria mãe em suas interações com a filha só usa o português, porque o cônjuge é de descendência italiana, e, por sua vez a filha usa esporadicamente o alemão com a avó, por ser alemã.

Tabela 6.5.3.1: Padrões de escolha da língua entre as mulheres católicas

Nº Inf.	Nome	Idade	Padrões de escolha:												Índice A
			01	02	03	04	05	06	07	08	09	10	11	12	
26	S. L.	12	AP	P	P	P	P	-	-	P	P	P	P	-	0.11
62	I. L.	33	AP	AP	AP	AP	AP	-	-	P	P	P	P	-	0.45
Índice A...		100	.50	.50	.50	.50	-	-	-	-	-	-	-	-	
Índice A =	A + AP/A + AP + P														

Interlocutores:

- 01 = avós e sua geração
- 02 = pais e sua geração (professor, chefe, diretor)
- 03 = amigos, vizinhos da mesma geração
- 04 = clientes e/ou vendedores
- 05 = médico e/ou enfermeira
- 06 = cônjuge
- 07 = filhos
- 08 = irmãos
- 09 = padre
- 10 = Deus (orações)
- 11 = órgãos oficiais
- 12 = netos

Com base nas colocações da informante I. L., verificamos que o uso da língua se dá, preferencialmente, com a 1ª geração (avós), continuando, numa seqüência gradativa, com os sujeitos da 2ª geração (pais, vizinhos, amigos, clientes e/ou vendedores). A informante declarou, também, que faz uso da língua alemã com o médico e/ou enfermeira, visto que mantém ligações de amizade com os mesmos. Entretanto, com os sete outros interlocutores, tal procedimento não ocorre.

6.5.3.2. Os padrões de escolha da língua entre as mulheres evangélicas

Pela Tabela 6.5.3.2, podemos verificar que as mulheres evangélicas fazem o uso da língua alemã com todos os tipos de interlocutores. Apresentam as

interações comunicativas em alemão, em primeiro lugar com a família, em seguida, com as relações de amizade, do comércio, saúde, igreja e por último, com os órgãos oficiais. Constatamos que as mulheres evangélicas de nossa amostra tiveram o mesmo padrão de escolha lingüística, conforme os dados apresentados na Tabela 6.5.3.b. Através da OP, verificamos que as informantes mais velhas, do sexo feminino, preferem cultos em alemão e as mais jovens, tanto da 2ª como da 3ª geração, têm preferência por cultos em língua portuguesa. Somente 39% das mulheres evangélicas rezam em alemão. Outro aspecto verificado em relação às mulheres evangélicas que têm netos: somente 57% falam o alemão com eles, e, quase sempre, fazendo o uso da alternância de português/alemão, conforme declarações dos informantes.

Tabela 6.5.3.2: Padrões de escolha da língua entre as mulheres evangélicas

NºInf.	Nome	Idade	Padrões de escolha:												Índice
			01	02	03	04	05	06	07	08	09	10	11	12	
8	J. Ko.	8	P	AP	-	P	P	-	-	P	P	P	P	P	0.11
23	S. N.	11	AP	P	-	P	P	-	-	P	P	P	P	P	0.11
42	K. N.	17	AP	P	-	P	P	-	-	P	P	P	P	P	0.11
7	A. Sc.	6	AP	AP	-	AP	P	-	-	P	P	P	P	P	0.33
55	R. M.	30	AP	AP	P	AP	AP	P	-	P	P	P	P	P	0.36
66	H. T.	35	A	AP	P	P	P	P	-	AP	P	AP	P	P	0.36
32	A. Br.	13	AP	AP	-	AP	AP	-	-	P	P	P	P	P	0.44
63	L. Ka.	34	A	AP	-	AP	AP	-	-	P	P	P	P	P	0.44
54	H. V.	30	A	AP	AP	AP	AP	P	-	P	AP	P	P	P	0.55
60	I. Sa.	32	A	AP	AP	AP	AP	P	-	P	P	P	P	AP	0.55
80	L. N.	41	A	AP	AP	AP	P	AP	-	P	AP	P	P	P	0.55
49	M. Sc	27	A	AP	-	AP	AP	-	-	P	AP	P	P	P	0.56
45	M. V.	20	AP	AP	AP	AP	AP	-	-	P	P	AP	P	P	0.60
57	M. F.	31	A	AP	AP	AP	AP	AP	-	P	AP	P	P	P	0.64
64	O. Sc.	34	A	AP	-	AP	AP	AP	-	AP	P	AP	P	P	0.70
75	U. Ka.	39	AP	AP	AP	AP	AP	AP	-	AP	AP	P	P	P	0.73
78	R. Sa.	40	AP	AP	AP	AP	AP	P	-	AP	AP	P	P	AP	0.73
100	M. R.	61	A	A	AP	AP	AP	AP	P	AP	P	AP	A	P	0.75
82	H. Br.	42	A	AP	AP	AP	AP	AP	-	AP	P	P	AP	AP	0.82
67	E. Ko.	35	A	AP	AP	AP	AP	AP	-	AP	AP	AP	P	AP	0.91
85	L. Mol.	43	A	AP	AP	AP	AP	P	-	AP	AP	AP	AP	AP	0.91
90	R. Ko.	47	A	AP	AP	AP	AP	AP	-	AP	P	AP	AP	AP	0.91
91	I. Bo.	54	A	A	AP	AP	AP	AP	P	AP	AP	AP	A	AP	0.92
92	I. V.	54	A	A	AP	AP	AP	AP	AP	AP	AP	AP	A	P	0.92
101	U. Ko.	66	A	A	AP	AP	AP	AP	AP	AP	AP	AP	AP	P	0.92
103	I. Se.	70	A	A	AP	A	AP	AP	P	AP	AP	AP	A	AP	0.92
95	H. Ka.	59	A	A	AP	AP	AP	AP	AP	AP	AP	AP	A	AP	1.00
97	A. Sc.	60	A	A	AP	AP	AP	AP	AP	AP	AP	AP	A	AP	1.00
Índice A...			.96	.93	.90	.86	.79	.70	.57	.54	.50	.46	.36	.36	
Índice A = A + AP/A + AP + P															

Interlocutores:

- 01 = avós e sua geração
- 02 = pais e sua geração (professor, chefe, diretor)
- 03 = cônjuge
- 04 = irmãos
- 05 = amigos, vizinhos da mesma geração
- 06 = filhos
- 07 = netos
- 08 = clientes e/ou vendedores
- 09 = médico e/ou enfermeira
- 10 = pastor
- 11 = Deus (orações)
- 12 = órgãos oficiais

6.5.3.3. Os padrões de escolha da língua entre os homens católicos

Os homens católicos de nossa amostra apresentam alterações diversas nos padrões de escolha da língua em relação às mulheres. Como podemos observar, os interlocutores de 1 a 6 os homens usam o alemão; já com os interlocutores de 7 a 12 pouco ou nunca usam o alemão. No entanto, na linha de preferência pelo uso da língua alemã, depois dos avós e pais, encontramos o interlocutor 3 (clientes e/ou vendedores), o interlocutor 4 (médico e/ou enfermeira), o interlocutor 5 (amigos, vizinhos e colegas da mesma geração) e o interlocutor 6 (órgãos oficiais). Isto leva a crer que a rede de relações preferenciais extra-familiares, dos homens católicos, influi mais no uso do alemão do que a própria família.

Tanto as mulheres como os homens católicos não fazem o uso do alemão no meio religioso: nenhum informante faz as suas orações na língua materna, tampouco apresentaram interesse em que houvesse missa em língua alemã. Também não fazem o uso do alemão com os cônjuges, por serem de outras descendências.

Tabela 6.5.3.3: Padrões de escolha da língua entre os homens Católicos

Nº Inf.	Nome	Idade	Padrões de escolha:												Índice
			01	02	03	04	05	06	07	08	09	10	11	12	
33	F. Se.	14	AP	AP	P	P	P	P	P	-	-	P	P	-	0.22
87	D. Se.	45	A	AP	AP	P	P	AP	P	P	P	P	P	-	0.36
70	A. R.	36	A	AP	AP	P	AP	P	AP	P	P	P	P	-	0.45
71	P. Se.	37	AP	AP	AP	AP	AP	P	P	P	P	P	P	-	0.45
79	C. Se.	41	AP	AP	AP	AP	P	AP	P	P	P	P	P	-	0.45
84	D. Se.	42	A	AP	AP	AP	AP	AP	P	P	P	P	P	-	0.55
Índice A...			100	100	.83	.50	.50	.50	.17	-	-	-	-	-	
Índice A =			A + AP/A + AP + P												

Interlocutores:

- 01 = avós e sua geração
- 02 = pais e sua geração
- 03 = clientes e/ou vendedores
- 04 = médico e/ou enfermeira
- 05 = amigos, vizinhos e colegas da mesma geração
- 06 = órgãos oficiais
- 07 = irmãos
- 08 = cônjuge
- 09 = filhos
- 10 = Deus (orações)
- 11 = padre
- 12 = netos

6.5.3.4. Os padrões de escolha da língua entre os homens evangélicos

Comparando a Tabela 6.5.3.4 com a Tabela 6.5.3.3, verificamos que os índices de uso da língua alemã dos homens evangélicos é superior aos dos católicos, pois fazem o uso do alemão com todos os 12 tipos de interlocutores. Constatamos que os informantes evangélicos de 3ª geração, tanto do sexo masculino como do feminino, ainda usam o alemão com alguns tipos de interlocutores de sua rede de preferência, o que, mais uma vez, difere dos informantes católicos de 3ª geração.

Os homens evangélicos de nossa amostra tiveram quase o mesmo padrão

de escolha da língua apresentado pelas mulheres evangélicas, exceto sobre o tipo de interlocutor médico e/ou enfermeira que figura em 9º lugar pelas mulheres e para os homens em 12º lugar. Portanto, podemos afirmar que os evangélicos procuram passar, de forma mais consistente, valores étnicos de geração para geração, havendo maiores condições de manter o bilingüismo entre os evangélicos do que entre os católicos. Mas, como os dados sobre os padrões de escolha da língua entre as mulheres católicas não são muito relevantes, por se tratar de uma amostra limitada, não podemos afirmar categoricamente que é a religião que mantém a língua alemã viva em Marechal Cândido Rondon. Através da OP na comunidade, constatamos que a língua alemã em Marechal Cândido Rondon, tanto nas famílias católicas como nas evangélicas, é transmitida de pai para filho. Através da mesma OP, concluimos que nas interações comunicativas, as famílias católicas utilizam mais o dialeto "*hunsrückisch*" e as famílias evangélicas o dialeto "*hochdeutsch*".

Tabela 6.5.3.4: Padrões de escolha da língua entre os homens evangélicos

NºInf.	Nome	Idade	Padrões de escolha:												Índice
			01	02	03	04	05	06	07	08	09	10	11	12	
41	M. Sa.	16	AP	P	-	P	P	-	-	P	P	P	P	P	0.11
20	I. Ko.	9	AP	AP	-	P	P	-	-	P	P	P	P	P	0.22
29	L. F.	12	AP	AP	-	P	P	-	-	P	P	P	P	P	0.22
35	E. Ko.	14	AP	AP	-	P	P	-	-	P	P	P	P	P	0.22
53	H. Bu.	30	A	AP	P	P	P	P	-	AP	P	P	P	P	0.27
61	G. Bo.	33	AP	AP	P	P	P	P	-	AP	P	P	P	P	0.27
50	M. Sc.	29	AP	AP	P	AP	AP	P	-	P	P	P	P	P	0.36
1	I. Sc.	2	AP	AP	-	AP	P	-	-	P	P	AP	P	P	0.44
68	D. V.	36	A	AP	AP	AP	AP	P	-	P	P	P	P	P	0.45
88	M. Sa.	46	A	AP	AP	AP	AP	P	-	P	P	P	P	P	0.45
58	I. Ka.	32	A	AP	AP	AP	AP	P	AP	-	AP	P	P	P	0.55
89	D. N.	46	AP	AP	AP	AP	AP	P	-	AP	P	P	P	P	0.55
40	F. Br.	16	AP	AP	-	AP	AP	-	-	P	P	AP	P	P	0.56
74	R. Sa.	38	A	AP	AP	AP	AP	P	-	P	AP	P	AP	P	0.64
47	E. V.	23	A	AP	AP	AP	AP	-	-	P	AP	AP	P	P	0.70
81	E. Mol.	41	A	AP	AP	A	AP	P	-	P	AP	P	AP	AP	0.73
83	H. Br.	42	A	AP	AP	AP	AP	AP	-	AP	P	P	AP	P	0.73
94	B. V.	59	A	A	AP	A	AP	AP	P	P	AP	A	P	AP	0.75
76	R. Ko.	40	AP	AP	AP	AP	AP	AP	-	AP	AP	P	AP	P	0.82
96	L. Ka.	60	A	A	AP	-	AP	AP	AP	AP	P	AP	P	AP	0.82
59	A. F.	32	A	AP	AP	AP	AP	AP	-	AP	AP	AP	P	P	0.82
98	A. R.	60	A	A	AP	AP	AP	AP	P	AP	AP	AP	P	AP	0.83
93	O. Bo.	59	A	A	AP	AP	AP	AP	P	AP	AP	AP	AP	P	0.84
86	F. Ko.	44	A	AP	AP	AP	AP	AP	-	AP	AP	A	AP	P	0.91
99	A. Sc.	61	A	A	AP	AP	AP	AP	AP	AP	AP	A	AP	AP	1.00
102	T. Ko.	66	A	A	AP	AP	AP	AP	AP	AP	AP	A	AP	AP	1.00
105	L. Sa.	75	A	A	A	AP	AP	AP	AP	AP	AP	A	AP	AP	1.00
Índice A...		100	.96	.86	.77	.70	.60	.57	.52	.44	.44	.33	.26		
Índice A = A + AP/A + AP + P															

Interlocutores:

01 = avós e sua geração

02 = pais e sua geração (professor, chefe, diretor)

03 = cônjuge

04 = irmãos

05 = amigos, vizinhos, colega de escola e trabalho da mesma geração

06 = filhos

07 = netos

08 = clientes e/ou vendedores

09 = pastor

10 = Deus (orações)

11 = órgãos oficiais

12 = médico e/ou enfermeira

6.6. As redes individuais de comunicação

Pretendemos demonstrar, neste item, as redes individuais de comunicação dos falantes bilíngües alemão/português de Marechal Cândido Rondon. Os dados foram analisados à luz do modelo de Bortoni-Ricardo (1985), que fornece a técnica para o cálculo sociométrico das redes de comunicação social.

Como relatamos em 6.1, os campos 3 e 4 de nosso roteiro de entrevista são os indicadores principais para a determinação da rede básica de relações e de uso das línguas para cada informante. Para nós, o fator "amizade" aliado ao fator "freqüência de contato" são indicadores válidos dos canais ativos de comunicação. No campo 3 do questionário obtivemos informações sobre o uso das duas línguas com os vizinhos mais próximos, além do grau de contato com os mesmos. No campo 4 constatamos quem são as três pessoas com quem cada informante melhor se relaciona e com quem conversa mais freqüentemente, além da rede familiar. A partir desses dados, foi possível constituir a rede básica de relações preferenciais de cada informante.

Constatamos pelas respostas dadas por nossos informantes, que, para a pergunta 4.1 (Quem são as três pessoas com quem você melhor se dá?), muitas vezes apareceu a indicação de membros da família. Neste caso, ocorreu um cruzamento de "fios" da rede familiar com a de relações preferenciais. E, por este motivo, procuraremos traçar uma rede de relações preferenciais dentro da família, objetivando verificar com quem cada informante conversa mais e em que língua.

6.6.1. A rede familiar

Apresentaremos a rede familiar segundo o modelo de Steiner (1988). De acordo com este, a matriz para representar a rede familiar indica, na linha horizontal de interlocutores, tanto os avós como os pais, irmãos, cônjuges, filhos e netos.

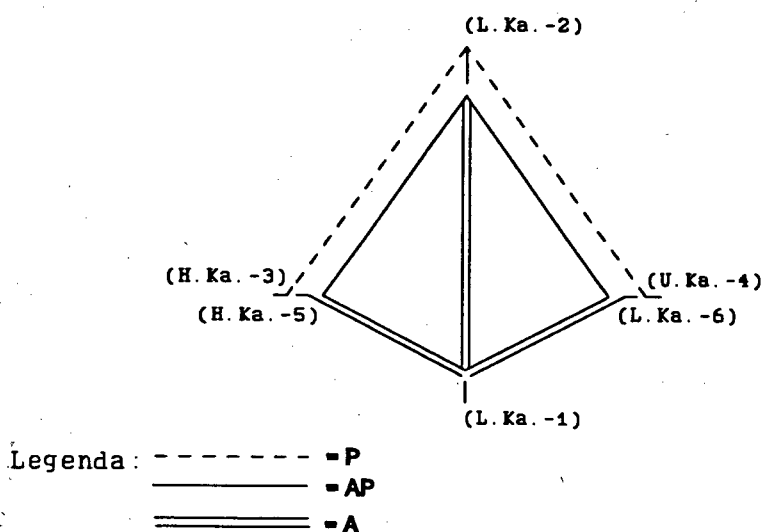
Para podermos demonstrar as redes de comunicação no convívio familiar, calcularemos o índice de uso de alemão para cada informante conforme o número de interlocutores de cada grupo de família, isto é, com quem fala somente o alemão (A), em seguida alemão/português (AP), e depois com quem fala só o português (P).

Para obtermos os resultados referentes à rede familiar, observamos oito famílias em três gerações, que se encontram representadas na Tabela 6.6.1.

As famílias Bo., R. e Se. apresentaram casamentos interétnicos e mistos em relação à religião, onde homens católicos se uniram às mulheres evangélicas ou vice-versa, convertendo-se ao catolicismo ou ao protestantismo. Notamos nestas três famílias, em relação à 2ª geração, que nenhum dos cônjuges usa o alemão entre eles. Os netos destas três famílias podem ser considerados monolíngües. A afirmação dos netos da família Se., em relação ao uso da língua com os pais ou a avó, não foi confirmada pelos mesmos, razão que nos leva a considerá-los como sujeitos monolíngües. Acreditamos que os casamentos interétnicos sejam fatores responsáveis pela perda da língua materna nesta comunidade. Citamos, como exemplo, o caso da família Bo. Membros da Igreja Batista, são considerados bastante tradicionais em relação à língua e hábitos culturais. Contudo, a filha mais nova, C. Bu. declarou não falar o alemão com nenhum dos interlocutores, embora os pais dissessem que todos os filhos aprenderam a língua materna e depois o

português. Já com os netos isto não ocorreu porque tanto os genros como a nora não falam a língua alemã, por serem de outra etnia. Nas famílias acima citadas, houve informantes da 2ª geração, principalmente do sexo feminino, que declararam não terem interesse nenhum em ensinar aos filhos a língua materna, pois sofreram muitas humilhações quando estudaram em centros maiores, devido à interferência da língua alemã em relação ao português. Nestas três famílias, notamos que o uso do alemão só apresentou índices significativos na 1ª geração.

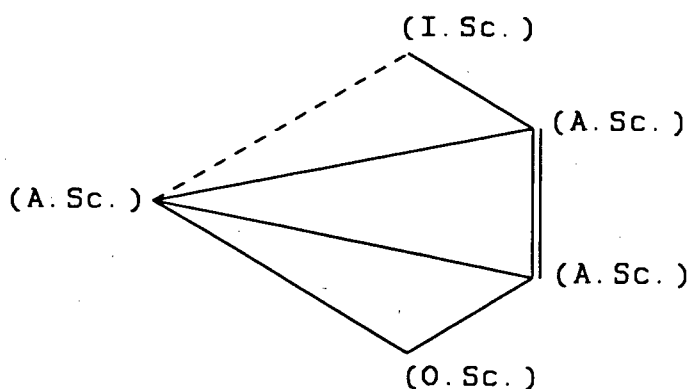
As famílias Ka. e Sc., evangélica e batista, respectivamente, apresentaram altos índices de uso do alemão nas três gerações. Nas duas famílias acontece um fator muito interessante: as três gerações residem em uma mesma casa. Talvez seja este um dos fatores de permanência da língua materna. Nestas duas famílias, temos exemplos quanto à formação de redes mais densa de relações familiares, conforme pode ser observado na representação gráfica abaixo:



Nesse gráfico, temos a figura da avó (L. Ka. - 1) que domina a rede de relações familiares, e, conseqüentemente, faz uso freqüente do alemão. A neta (L.

Ka. - 2), indicou que com o irmão (H. Ka. - 3) e a cunhada (U. Ka. - 4) fala mais o português; com a sua mãe (H. Ka. - 5) e o seu pai (L. Ka. - 6) usa o alemão e o português alternadamente; já, com a sua avó (L. Ka. - 1), usa somente o alemão. Tanto a mãe como o pai indicaram que falam somente em alemão com a avó (L. Ka. - 1), por esta ser monolíngüe em alemão, mas entre eles, fazem o uso alternado do alemão e do português. Essa rede apresentou-se densa e multiplex, com um índice de 0.71 por cento.

Neste outro exemplo, temos a família Sc., também apresentando um elevado grau de densidade na rede de relações familiares e de uso de alemão na rede, com 0.86 por cento de índice A, conforme representação gráfica abaixo:

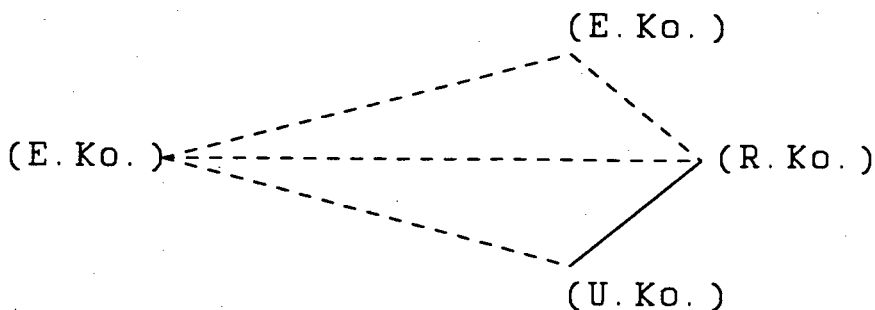


Neste gráfico, a menina (A. Sc.) indicou a mãe (O. Sc.), como uma das pessoas com quem conversa mais freqüentemente; depois, a avó (A. Sc.) e o avô (A. Sc.) com os quais fala o alemão e o português alternadamente; com o irmão (I. Sc.), usa quase só o português. A mãe da menina (O.Sc.) usa o alemão e o português alternadamente com sua mãe (A. Sc.), e ela por sua vez usa quase que só o alemão

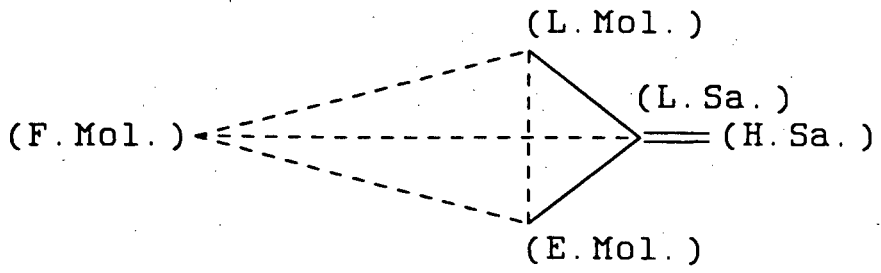
com o seu esposo (A. Sc.). Este, por sua vez, usa o alemão e o português alternadamente com o neto (I. Sc.).

Porém, nas famílias Ko., Sa. e V. não foram tão elevados os índices de manutenção da língua materna, mesmo que as três famílias sejam de formação evangélica: a primeira de Confissão Luterana no Brasil e as duas últimas, Luterana do Brasil. Notamos que, nas três famílias, os netos primogênitos aprenderam o alemão usando a língua, principalmente com os avós e muito pouco com os pais, conforme a declaração dos informantes. Apareceu muito a alternância de código: alemão/português na interação comunicativa entre os falantes das três gerações. Nestas três famílias, temos exemplos quanto à formação de redes de trama frouxa e uniplex. No primeiro gráfico representado abaixo, temos o índice A do uso do alemão de 0.20 por cento, da família Ko. No segundo gráfico, temos o índice A do uso do alemão de 0.43 por cento da família Sa. E no terceiro gráfico, aparece o índice A do uso do alemão de 0.44 por cento da família V. Na maioria das vezes, este tipo de rede tem como consequência a alternância de código.

1º Gráfico: Família Ko.



2º Gráfico: Família Sa.



3º Gráfico: Família V.

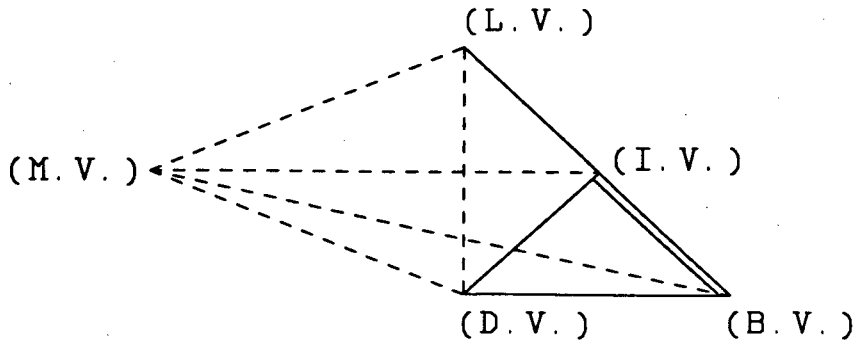


Tabela 6.6.1: Rede familiar

Fam.	Infor.	Sexo	Rel.	Idade	Cat.Lg.	Avós	Pais	Irm.	Cônj.	Fil.	Net.	Prop.	Índ.A	
Bo.	R. Bo.	M	IB	4	P	4	2	-	-	-	-	0/6	0.00	
	N. M.	F	IB	5	P	4	2	-	-	-	-	0/6	0.00	
	L. T.	M	IB	8	P	4	2	-	-	-	-	0/6	0.00	
	C. Bu.	F	IB	22	P	4	2	3	1	1	-	0/11	0.00	
	L. M.	M	IB	29	P	4	2	3	1	1	-	0/11	0.00	
	A. Bo.	F	IB	29	P	2	2	3	1	1	-	0/9	0.00	
	H. Bu.	M	IB	30	A/AP	4	2	-	-	-	-	-	-	-
					P	-	-	2	1	1	-	6/10	0.60	
	R. M.	F	IB	30	A/AP	4	2	1	-	-	-	-	-	-
					P	-	-	2	1	1	-	7/11	0.64	
	G. Bo.	M	IB	33	A/AP	4	2	-	-	-	-	-	-	-
					P	-	-	3	1	1	-	6/11	0.55	
	J. T.	M	IB	34	P	4	2	-	1	1	-	0/8	0.00	
	H. T.	F	IB	35	A/AP	4	2	1	-	-	-	-	-	-
					P	-	-	2	1	1	-	7/11	0.64	
I. Bo.	F	IB	54	A/AP	4	2	5	1	4	-	-	-	-	
				P	-	-	-	-	-	4	16/20	0.80		
O. Bo.	M	IB	59	A/AP	4	2	4	1	4	-	-	-	-	
				P	-	-	-	-	-	4	15/19	0.80		
Ka.	H. Ka.	M	EC	32	A/AP	4	2	1	1	1	-	9/9	1.00	
	L. Ka.	F	EC	34	A/AP	4	2	1	-	-	-	7/7	1.00	
	U. Ka.	F	EC	39	AP	-	2	5	1	3	-	11/11	1.00	
	H. Ka.	F	EC	59	A/AP	4	2	3	1	2	1	13/13	1.00	
	L. Ka.	M	EC	60	A/AP	4	2	-	1	2	1	10/10	1.00	
	L. Ka.	F	EC	85	A	4	2	2	-	1	2	11/11	1.00	
Ko.	J. Ko.	F	EC	6	AP	-	2	-	-	-	-	-	-	
					P	4	-	2	-	-	-	2/8	0.25	
	C. Ko.	F	EC	8	P	4	2	2	-	-	-	0/8	0.00	
	I. Ko.	M	EC	9	AP	2	2	-	-	-	-	-	-	
					P	2	-	2	-	-	-	4/8	0.50	
	G. Ko.	M	EC	12	P	4	2	2	-	-	-	0/8	0.00	
	A. Br.	F	EC	13	AP	2	2	1	-	-	-	5/8	0.63	
	E. Ko.	M	EC	14	AP	2	2	-	-	-	-	-	-	
					P	2	-	2	-	-	-	4/8	0.50	
	F. Br.	M	EC	16	AP	2	2	1	-	-	-	-	-	
					P	2	-	1	-	-	-	5/8	0.63	
	E. Ko.	F	EC	35	A/AP	4	2	1	1	1	-	-	-	
					P	-	-	-	-	2	-	9/11	0.82	
	R. Ko.	M	EC	40	A/AP	3	2	3	1	1	-	-	-	
					P	-	-	-	-	2	-	10/12	0.83	
	H. Br.	F	EC	42	A/AP	3	2	3	1	3	-	12/12	1.00	
	H. Br.	M	EC	42	A/AP	2	2	2	1	2	-	-	10/10	1.00
					P	-	-	-	-	2	-	10/12	0.83	
	R. Ko.	F	EC	47	A/AP	4	2	3	1	1	-	-	-	
					P	-	-	2	-	2	-	11/15	0.73	
	U. Ko.	F	EC	66	A/AP	3	2	1	1	4	7	-	-	
P					-	-	-	-	-	5	18/23	0.78		
T. Ko.	M	EC	66	A/AP	-	2	5	1	4	7	-	-		
				P	-	-	-	-	-	5	19/24	0.79		

Tabela 6.6.1: Continuação

Fam.	Infor.	Sexo	Rel.	Idade	Cat.Lg.	Avós	Pais	Irm.	Cônj.	Fil.	Net.	Prop.	Índ.A
Sc.	I. Sc.	M	IB	2	AP	2	1	1	-	-	-	4/4	1.00
	A. Sc.	F	IB	6	AP	2	1	1	-	-	-	4/4	1.00
	M. Sc.	F	IB	27	A/AP	-	2	4	-	-	-	6/6	1.00
	M. Sc.	M	IB	29	AP	-	2	4	-	-	-	-	-
					P	-	-	-	-	1	-	6/7	0.86
	O. Sc.	F	IB	34	A/AP	-	2	4	-	2	-	8/8	1.00
	A. Sc.	F	IB	60	A/AP	2	2	5	1	5	2	-	-
					P	-	-	-	-	-	1	17/18	0.94
A. Sc.	M	IB	61	A/AP	2	2	9	1	5	2	-	-	
				P	-	-	-	-	-	1	21/22	0.95	
Sa.	E. Mol.	M	EL	5	P	4	2	6	-	-	-	0/12	0.00
	I. Sa.	M	EL	5	P	4	2	1	-	-	-	0/7	0.00
	C. Sa.	F	EL	7	P	4	2	1	-	-	-	0/7	0.00
	C. Mol.	F	EL	7	P	4	2	6	-	-	-	0/12	0.00
	E. Mol.	M	EL	9	P	4	2	6	-	-	-	0/12	0.00
	R. Sa.	F	EL	9	P	4	2	2	-	-	-	0/8	0.00
	F. Mol.	F	EL	10	P	4	2	6	-	-	-	0/12	0.00
	S. N.	F	EL	11	AP	1	-	-	-	-	-	-	-
					P	3	2	1	-	-	-	1/7	0.14
	C. Mol.	M	EL	15	P	4	2	6	-	-	-	0/12	0.00
	C. Sa.	M	EL	15	P	4	2	2	-	-	-	0/8	0.00
	M. Sa.	M	EL	16	AP	4	-	-	-	-	-	-	-
					P	-	2	2	-	-	-	4/8	0.50
	K. N.	F	EL	17	AP	1	-	-	-	-	-	-	-
					P	3	2	1	-	-	-	1/7	0.14
	I. Mol.	F	EL	17	P	4	2	6	-	-	-	0/12	0.00
	L. Mol.	M	EL	19	P	4	2	6	-	-	-	0/12	0.00
	L. Sa.	F	EL	32	A/AP	4	2	4	1	1	-	-	-
					P	-	-	-	-	1	-	12/13	0.92
	R. Sa.	M	EL	38	A/AP	4	2	5	1	-	-	-	-
					P	-	-	-	-	2	-	12/14	0.86
	R. Sa.	F	EL	40	AP	1	2	5	1	-	-	-	-
					P	-	-	-	-	3	-	9/12	0.75
	L. N.	F	EL	41	A/AP	4	2	5	1	1	-	-	-
					P	-	-	-	-	1	-	13/14	0.93
	E. Mol.	M	EL	41	A/AP	4	2	9	1	-	-	-	-
					P	-	-	-	-	7	-	16/23	0.70
	L. Mol.	F	EL	43	A/AP	4	2	5	1	-	-	-	-
					P	-	-	-	-	-	-	12/10	0.63
	M. Sa.	M	EL	46	A/AP	4	2	5	1	-	-	-	-
				P	-	-	-	-	3	-	12/15	0.80	
D. N.	M	EL	46	AP	4	2	11	1	-	-	-	-	
				P	-	-	-	-	2	-	18/20	0.90	
H. Sa.	F	EL	71	A	4	2	6	1	6	14	33/33	1.00	
L. Sa.	M	EL	75	A/AP	4	2	8	1	6	2	-	-	
				P	-	-	-	-	-	12	23/35	0.66	

Tabela 6.6.1: Continuação

Fam.	Infor.	Sexo	Rel.	Idade	Cat.Lg.	Avós	Pais	Irm.	Cônj.	Fil.	Net.	Prop.	Índ.A	
Se.	L. Se.	M	C	5	P	4	2	2	-	-	-	0/8	0.00	
	F. Se.	M	C	7	P	4	2	2	-	-	-	0/8	0.00	
	R. Se.	M	C	9	P	4	2	3	-	-	-	0/9	0.00	
	A. Se.	F	C	9	P	4	2	3	-	-	-	0/9	0.00	
	G. Se.	M	C	10	P	4	2	3	-	-	-	0/9	0.00	
	C. Se.	M	C	11	P	4	2	3	-	-	-	0/9	0.00	
	S. L.	F	C	12	AP	1	-	-	-	-	-	-	-	-
					P	3	2	1	-	-	-	-	1/7	0.14
	C. Se.	M	C	12	P	4	2	3	-	-	-	-	0/9	0.00
	R. Se.	M	C	12	P	4	2	3	-	-	-	-	0/9	0.00
	P. Se.	F	C	13	P	4	2	3	-	-	-	-	0/9	0.00
	F. Se.	M	C	14	AP	1	1	-	-	-	-	-	-	-
					P	3	1	2	-	-	-	-	2/8	0.25
	G. Se.	F	C	14	P	4	2	3	-	-	-	-	0/9	0.00
	D. Se.	M	C	15	P	4	2	3	-	-	-	-	0/9	0.00
	A. Se.	F	C	15	P	4	2	3	-	-	-	-	0/9	0.00
	L. Se.	F	C	30	P	4	2	-	1	3	-	-	0/10	0.00
	I. L.	F	C	33	AP	2	2	-	-	-	-	-	-	-
					P	-	-	4	1	2	-	-	4/11	0.36
	L. L.	M	C	36	P	4	2	5	1	2	-	-	0/14	0.00
	P. Se.	M	C	37	A/AP	2	2	-	-	-	-	-	-	-
					P	-	-	4	1	3	-	-	4/12	0.33
	M. Se.	F	C	38	P	4	2	1	1	4	-	-	0/12	0.00
	V. Se.	F	C	38	P	4	2	2	1	4	-	-	0/13	0.00
	N. Se.	F	C	40	P	4	2	6	1	4	-	-	0/17	0.00
	C. Se.	M	C	41	A/AP	2	2	-	-	-	-	-	-	-
				P	-	-	4	1	4	-	-	4/13	0.31	
D. Se.	M	C	42	A/AP	2	2	-	-	-	-	-	-	-	
				P	-	-	4	1	4	-	-	4/13	0.31	
D. Se.	M	C	45	A/AP	2	2	-	-	-	-	-	-	-	
				P	-	-	4	1	4	-	-	4/13	0.31	
I. Se.	F	EC	70	A/AP	4	2	4	1	5	-	-	-	-	
				P	-	-	-	-	-	-	17	16/33	0.48	
R.	L. R.	M	C	7	P	4	2	1	-	-	-	0/7	0.00	
	C. R.	F	C	24	P	4	2	5	1	2	-	0/12	0.00	
	A. R.	M	C	36	A/AP	4	2	2	-	-	-	-	-	
					P	-	-	-	1	2	-	8/11	0.73	
	M. R.	F	EC	61	A/AP	4	2	5	1	3	-	-	-	
					P	-	-	-	-	-	2	15/17	0.88	
A. R.	M	EC	60	A/AP	2	2	7	1	3	-	-	-	-	
				P	-	-	-	-	-	2	15/17	0.88		
V.	A. V.	M	EC	9	P	4	2	2	-	-	-	0/8	0.00	
	M. V.	F	EL	11	P	4	2	1	-	-	-	0/7	0.00	
	L. F.	M	EC	12	AP	3	2	-	-	-	-	-	-	
					P	-	-	2	-	-	-	5/7	0.71	
	M. V.	F	EL	20	AP	4	2	2	1	-	-	7/7	1.00	
	E. V.	M	EL	23	A/AP	2	2	3	1	-	-	8/8	1.00	

Tabela 6.6.1: Continuação

Fam.	Infor.	Sexo	Rel.	Idade	Cat.Lg.	Avós	Pais	Irm.	Cônj.	Fil.	Net.	Prop.	Índ.A
	H. V.	F	EL	30	A/AP	4	2	5	1	-	-		
					P	-	-	-	-	2	-	12/14	0.86
	M. F.	F	EC	31	A/AP	4	2	3	1	1	-		
					P	-	-	-	-	2	-	11/13	0.85
	A. F.	M	EC	32	A/AP	2	2	11	1	1	-		
					P	-	-	-	-	2	-	17/19	0.89
	D. V.	M	EL	35	A/AP	4	2	3	1	-	-		
					P	-	-	-	-	2	-	10/12	0.83
	I. V.	F	EL	54	A/AP	4	2	5	1	4	1		
					P	-	-	-	-	-	5	17/22	0.77
	B. V.	M	EL	59	A/AP	4	2	9	1	4	1		
					P	-	-	-	-	-	5	21/26	0.81

Abreviaturas: Fam.=família; Infor.=informante; Rel.=religião; Cat.Lg.=categoria lingüística; Irm.=irmãos; Cônj.=cônjuge; Fil.=filhos; Net.=netos; Prop.=proporção; Índ.=índice.

6.6.2. A rede de relações preferenciais

A rede de relações preferenciais de um informante consiste nos três vizinhos mais próximos, os três indivíduos com quem o falante melhor se relaciona, incluindo elementos da família, e as três pessoas com quem conversa mais freqüentemente, além da família. Muitos informantes citaram a mesma pessoa para mais de uma situação, por isso, o número de interlocutores pode ser menor do que nove.

Na Tabela 6.6.2, reunimos os 106 informantes e seus interlocutores preferenciais, de 1 a 9, com a indicação da categoria lingüística escolhida para a interação comunicativa dos falantes.

Tabela 6.6.2: Rede de relações preferenciais

NºInf.	Nome	Idade	Sexo	Relações preferenciais:									Índice
				01	02	03	04	05	06	07	08	09	
1	I. Sc.	2	M	P	P	P	P	P	P	P	P	P	0.00
2	R. Bo.	4	M	P	P	P	P	P	P	P	P	P	0.00
3	E. Mol.	5	M	P	P	P	P	P	P	P	P	P	0.00
4	L. Se.	5	M	P	P	P	P	P	P	-	-	-	0.00
5	J. Sa.	5	M	P	P	P	P	P	P	P	P	P	0.00
6	N. M.	5	F	P	P	P	P	P	P	P	P	P	0.00
7	A. Sc.	6	F	P	P	P	P	P	P	P	P	P	0.00
8	J. Ko.	6	F	P	P	P	P	P	P	-	-	-	0.00
9	C. Sa.	7	F	P	P	P	P	P	P	P	P	P	0.00
10	C. Mol.	7	F	P	P	P	P	P	P	P	P	P	0.00
11	L. R.	7	M	P	P	P	P	P	P	P	P	P	0.00
12	F. Sc.	7	M	P	P	P	P	P	P	P	P	P	0.00
13	C. Ko.	8	F	P	P	P	P	P	P	P	P	P	0.00
14	L. T.	8	M	P	P	P	P	P	P	P	P	P	0.00
15	E. Mol.	9	M	P	P	P	P	P	P	-	-	-	0.00
16	R. Sa.	9	F	P	P	P	P	P	P	P	P	P	0.00
17	R. Se.	9	M	P	P	P	P	P	P	P	P	P	0.00
18	A. Se.	9	F	P	P	P	P	P	P	P	P	P	0.00
19	A. F.	9	M	P	P	P	P	P	P	P	P	P	0.00
20	I. Ko.	9	M	P	P	P	P	P	P	P	P	P	0.00
21	F. Mol.	10	F	P	P	P	P	P	P	P	P	P	0.00
22	G. Se.	10	M	P	P	P	P	P	P	P	P	P	0.00
23	S. N.	11	F	P	P	P	P	P	P	P	P	P	0.00
24	C. Se.	11	M	P	P	P	P	P	P	P	P	P	0.00
25	M. V.	11	F	P	P	P	P	P	P	-	-	-	0.00
26	S. L.	12	F	P	P	P	P	P	P	P	P	P	0.00
27	C. Se.	12	M	P	P	P	P	P	P	P	P	P	0.00
28	R. Se.	12	M	P	P	P	P	P	P	P	P	P	0.00
29	L. F.	12	M	P	P	P	P	P	P	-	-	-	0.00
30	P. Se.	13	F	P	P	P	P	P	P	-	-	-	0.00
31	A. Br.	13	F	AP	P	P	P	P	P	P	P	P	0.11
32	F. Se.	14	M	P	P	P	P	P	P	P	P	P	0.00
33	G. Se.	14	F	P	P	P	P	P	P	P	P	P	0.00
34	E. Ko.	14	M	P	P	P	P	P	P	P	P	P	0.00
35	G. Ko.	14	M	P	P	P	P	P	P	P	P	P	0.00
36	D. Se.	15	M	P	P	P	P	P	P	P	P	P	0.00
37	C. Mol.	15	M	P	P	P	P	P	P	P	P	P	0.00
38	A. Se.	15	F	P	P	P	P	P	P	P	P	P	0.00
39	C. Sa.	15	M	P	P	P	P	P	P	P	P	P	0.00
40	F. Br.	16	M	AP	P	P	P	P	P	P	P	P	0.11
41	M. Sa.	16	M	P	P	P	P	P	P	P	P	P	0.00
42	K. N.	17	F	P	P	P	P	P	P	P	P	P	0.00
43	I. Mol.	17	F	P	P	P	P	P	P	-	-	-	0.00
44	I. Mol.	19	M	P	P	P	P	P	P	P	P	P	0.00
45	M. V.	20	F	AP	A	AP	AP	AP	AP	P	P	P	0.67
46	C. Bu.	22	F	P	P	P	P	P	P	P	P	P	0.00
47	E. V.	23	M	AP	A	AP	AP	AP	AP	P	P	P	0.67
48	C. R.	24	F	P	P	P	P	P	P	P	P	P	0.00
49	M. Sc.	27	F	P	P	P	P	P	P	P	P	P	0.00
50	M. Sc.	29	M	P	P	P	P	P	P	P	P	P	0.00
51	I. M.	29	M	P	P	P	P	P	P	-	-	-	0.00
52	A. Bo.	29	F	P	P	P	P	P	P	P	P	P	0.00
53	H. Bu.	30	M	P	P	P	P	P	P	P	P	P	0.00
54	H. V.	30	F	AP	A	AP	AP	AP	P	AP	P	P	0.67
55	R. Bo.	30	F	P	P	P	P	AP	P	P	P	P	0.11
56	L. Se.	30	F	P	P	P	P	P	P	P	P	P	0.00
57	M. F.	31	F	P	A	A	AP	P	AP	AP	P	P	0.56
58	I. Ka.	32	M	P	P	P	AP	AP	AP	P	P	P	0.33

Tabela 6.6.2: Continuação

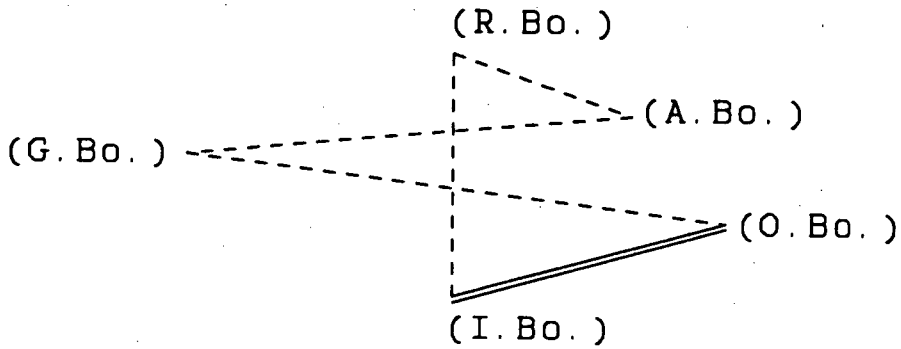
Nºinf.	Nome	Idade	Sexo	Relações preferenciais:									Índice	
				01	02	03	04	05	06	07	08	09		A
59	A. F.	32	M	AP	P	AP	AP	AP	AP	AP	AP	P	P	0.67
60	L. Sa.	32	F	A	AP	A	P	P	AP	P	P	P	P	0.44
61	G. Bo.	33	M	P	P	P	P	P	P	P	P	P	P	0.00
62	I. L.	33	F	AP	P	P	P	P	P	P	P	P	P	0.11
63	L. Ka.	34	F	P	P	P	AP	AP	AP	AP	P	P	P	0.44
64	O. Sc	34	F	AP	P	AP	AP	P	P	AP	AP	P	P	0.56
65	J. T.	34	M	P	P	P	P	P	P	P	P	P	P	0.00
66	H. T.	35	F	P	P	AP	P	P	P	P	P	P	P	0.11
67	E. Ko.	35	F	AP	P	AP	AP	P	AP	AP	AP	P	P	0.56
68	D. V.	35	M	AP	A	AP	P	AP	AP	AP	AP	P	P	0.78
69	L. L.	36	M	P	P	P	P	P	P	P	P	P	P	0.00
70	A. R.	36	M	P	P	P	P	P	P	P	P	P	P	0.00
71	P. Se.	37	M	P	P	P	P	AP	P	P	P	P	P	0.11
72	M. Sc.	38	F	P	P	P	P	P	P	P	P	P	P	0.00
73	V. Se.	38	F	P	P	P	P	P	P	P	P	P	P	0.00
74	R. Sa.	38	M	A	AP	A	P	P	P	P	P	P	P	0.33
75	U. Ka.	39	F	AP	P	AP	AP	AP	AP	AP	AP	P	P	0.67
76	R. Ko.	40	M	AP	P	P	P	P	AP	AP	P	AP	P	0.44
77	N. Se.	40	F	P	P	P	P	P	P	P	P	P	P	0.00
78	R. Sa.	40	F	AP	P	AP	AP	AP	P	AP	AP	P	P	0.67
79	C. Se.	41	M	P	P	P	P	AP	P	P	P	P	P	0.11
80	L. N.	41	F	AP	AP	AP	AP	AP	AP	P	P	P	P	0.67
81	E. Mol.	41	M	AP	AP	AP	AP	AP	P	A	P	P	P	0.67
82	H. Br.	42	F	AP	AP	P	AP	AP	P	AP	AP	P	P	0.67
83	H. Br.	42	M	A	AP	P	A	AP	P	AP	P	P	P	0.56
84	D. Se.	42	M	AP	P	P	P	P	P	P	P	P	P	0.11
85	L. Mol.	43	F	AP	AP	AP	AP	P	P	AP	P	P	P	0.56
86	F. Ko.	44	M	P	P	AP	AP	AP	AP	AP	AP	P	P	0.67
87	D. Se.	45	M	P	AP	P	P	P	P	P	P	P	P	0.11
88	M. Sa.	46	M	P	P	P	AP	AP	AP	P	P	P	P	0.33
89	D. N.	46	M	P	P	P	P	P	P	-	-	-	-	0.00
90	R. Ko.	47	F	P	P	AP	AP	AP	AP	AP	AP	AP	P	0.67
91	I. Bo.	54	F	P	P	P	AP	AP	AP	AP	AP	AP	AP	0.67
92	I. V.	54	F	P	A	A	P	AP	AP	AP	AP	AP	AP	0.78
93	O. Bo.	59	M	P	P	P	AP	AP	AP	AP	AP	AP	AP	0.67
94	B. V.	59	M	P	A	A	P	AP	AP	AP	AP	AP	AP	0.78
95	H. Ka.	59	F	AP	AP	AP	AP	AP	AP	AP	AP	AP	AP	1.00
96	L. Ka.	60	M	AP	AP	AP	AP	AP	AP	-	-	-	-	1.00
97	A. Sc.	60	F	AP	AP	AP	A	A	A	A	A	A	A	1.00
98	A. R.	60	M	AP	AP	AP	AP	AP	AP	AP	AP	AP	AP	1.00
99	A. Sc.	61	M	AP	AP	A	AP	AP	A	A	A	AP	AP	1.00
100	M. R.	61	F	P	AP	AP	AP	AP	AP	AP	AP	AP	AP	0.89
101	U. Ko.	66	F	AP	AP	A	A	A	A	AP	AP	AP	AP	1.00
102	T. Ko.	66	M	AP	AP	A	A	A	P	A	AP	AP	AP	1.00
103	I. Se.	70	F	AP	AP	AP	AP	AP	AP	-	-	-	-	1.00
104	H. Sa.	71	F	A	A	A	A	A	A	-	-	-	-	1.00
105	L. Sa.	75	M	AP	AP	AP	AP	AP	AP	-	-	-	-	1.00
106	L. Ka.	85	F	A	A	A	A	A	A	-	-	-	-	1.00

As relações preferenciais atingem:

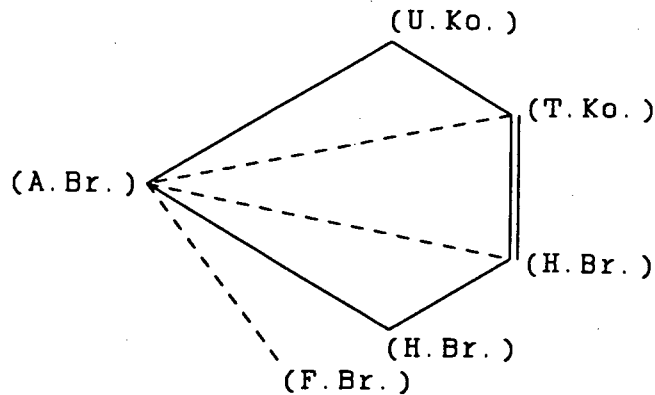
- .- os três vizinhos mais próximos
- as três pessoas com quem melhor se relaciona
- as três pessoas com quem conversa mais seguido

Constatamos que há um elevado índice do alemão por parte dos informantes da 1ª geração que escolhem para sua rede de comunicação preferencial, indivíduos com quem conseguem manter conversações em alemão, a não ser quando os vizinhos são de outra descendência, como no caso dos informantes: I. e O. Bo., I. e B. V., A. e M. R. Notamos, também, que há um bom índice do uso do alemão por parte da 2ª geração, tanto do sexo masculino como no feminino contudo, no caso da 3ª geração só aconteceu o uso do alemão com os vizinhos porque estes são os próprios avós dos informantes.

Verificamos que muitos informantes indicaram membros da própria família em relação aos três indivíduos com quem conversam mais freqüentemente. Esse motivo nos leva a observar o papel que o interlocutor possa ter no bilingüismo do referido falante. Por exemplo, na família Bo., os pais e o filho casado são vizinhos (ver Tabela 6.6.1). O menino (R. Bo.) indicou a mãe (A. Bo), como uma das pessoas com quem conversa mais seguidamente, sempre em português. Seu pai (G. Bo.), também, indicou a sua esposa (A. Bo.), que só fala o português. O avô (O. Bo.) indicou seu filho, pois trabalha com ele (G. Bo.), e sua esposa (I. Bo.) indicou o filho com o qual usa quase que só o português. Já com o esposo, usa quase que só o alemão. Por sua vez, a sua esposa (I. Bo.) usa alternadamente o alemão/português com o filho, e com o neto (R. Bo.) só o português. Graficamente, teríamos a seguinte relação:



Observamos que esta rede é reduzida e apresenta um índice de uso de alemão de 0.20 por cento, caracterizando uma rede de trama frouxa e uniplex. A família Ko. apresenta uma rede um pouco mais densa de relações familiares em relação à sua filha (H. Br.) que é sua vizinha. A neta (A. Br.) usa o alemão e o português alternadamente com a avó (U. Ko.); com o avô (T. Ko.) usa quase que só o português; os avós, entre eles, usam o português e o alemão alternadamente; com o pai (H. Br.) e o irmão (F. Br.) usa mais o português; já o pai (H. Br.) usa mais o alemão/português alternadamente com (T. Ko.) o avô, conforme pode ser observado na representação abaixo:



Esta rede apresenta um índice A de 0.63 por cento.

Além dos fatores já mencionados, nesta dissertação, tais como: geração, sexo, religião, casamentos mistos e interétnicos, as características de densidade da rede familiar exercem, portanto, um importante papel na manutenção e mudança lingüística da língua minoritária. Os resultados obtidos em relação às redes familiares vêm confirmar as conclusões de Bortoni-Ricardo (1985: 81) de que "*as redes densas e multiplex exercem influência na manutenção da língua minoritária e que as redes frouxas e uniplex têm como consequência a mudança lingüística*". De acordo com a autora em foco, tal situação é comum no sistema urbano, porém, Fischman (1971) acrescenta que isso nem sempre leva a uma mudança lingüística, porque os grupos urbanos podem revelar maior consciência e esforços organizados para preservar, reviver ou mudar sua língua tradicional.

6.7. Conclusão do capítulo

Em nossas visitas às oito famílias, quase todos os informantes da 1ª geração faziam uso da língua alemã, enquanto durava a entrevista. Sentimos que os entrevistados tinham orgulho de serem descendentes de alemães e de cultivarem a língua e os costumes de seus antepassados. Muitos destes informantes da 1ª geração e alguns da 2ª geração participavam ativamente de grupos em que se falava quase que exclusivamente na língua alemã, assim com os "*grupos de senhoras*" e os "*corais*" das igrejas evangélicas e batista, e, também do "*grupo de idosos*". A maioria destes informantes usava o alemão porque todos os membros dos grupos usavam a língua alemã nas interações comunicativas. Notamos que a língua alemã tinha para seus falantes uma conotação de grupo, de comunidade, de solidariedade.

Portanto, a língua alemã, para os descendentes de imigrantes, tem uma forte conotação étnica: ser alemão é ter orgulho do sobrenome da família, da etnia e da língua. Essa atitude de orgulho da origem e sua língua é transmitida de geração a geração, mesmo sem uma formação sistemática da língua alemã. Desta forma, concluímos que enquanto a identidade étnica se mantiver viva, no convívio dos descendentes alemães, mesmo em comunidades urbanas em fase inicial de industrialização, como Marechal Cândido Rondon, o bilingüismo poderá ser mantido.

CAPÍTULO VII

TERCEIRA ETAPA DA PESQUISA: SITUAÇÕES DE ALTERNÂNCIA DE CÓDIGO NO ALEMÃO/PORTUGUÊS NA COMUNIDADE RONDONENSE

7.0. Observações preliminares

Conforme observamos na etapa anterior, há um grande índice de uso alternado do alemão/português nas interações comunicativas dos falantes rondonenses. Neste capítulo, analisaremos este processo de conversa bilíngüe dos teuto-rondonenses a partir de um enfoque sociolingüístico, levando em consideração os fatores sociais, culturais e psicológicos que influenciam uma interação. Em especial, enfatizaremos o aspecto discursivo-estratégico da alternância de código, quando os falantes negociam os significados sócio-simbólicos. Conforme Gumperz (1976a: 1) *"a interpretação numa interação deste tipo, só é possível, quando resulta de experiências e conhecimentos culturais e lingüísticos compartilhados pelos bilíngües ao longo do tempo"*.

7.1. Metodologias

A abordagem sociolingüística quantitativa que utilizamos nos capítulos 5 e 6, desta dissertação, não abarcou os significados simbólicos presentes numa interação. Por isso, neste capítulo, pretendemos focalizar a sociolingüística

interacional ou interpretativa, segundo estudos desenvolvidos por Gumperz e seus seguidores que enfatizam o caráter negociativo da interação, em relação aos papéis desenvolvidos pelos participantes durante a interação comunicativa, partindo-se da premissa de que "*a língua é constituída da realidade social*". (Gumperz, 1982: 1).

As três tradições de pesquisa que influenciaram a abordagem interacionista de Gumperz são:

(1) A etnografia da fala, Hymes (1962), de orientação antropológica com base nos estudos de Malinowsky (1935), Sapir (1933), Boas (1911) e Whorf (1956). Para Hymes (1964) a unidade básica da comunicação é o evento da fala ("*speech event*"), que consiste de seqüências de atos de fala limitados no tempo e espaço, e desempenhados pelos participantes de um grupo social específico. Para fazer a descrição dos eventos, os estudiosos usam métodos antropológicos de entrevistas e observação participante para coletar informações sociais, enquanto os dados lingüísticos são extraídos de uma análise gramatical. Todavia, este estudo limitou-se a descrever o uso lingüístico num contexto transcultural sem integrar o conhecimento social à interação.

(2) A etnometodologia ou análise sociológica da interação verbal de Garfinkel (1967) e Goffman (1972). Em seus estudos, Garfinkel argumenta que o conhecimento social é relevado durante o processo da interação, isto é, os interlocutores criam o seu próprio mundo social pela maneira como eles se comportam e não através de categorias processáveis estatisticamente. Sacks, Schegloff & Jefferson (1974) foram precursores em focalizar a conversa como exemplo mais simples de uma atividade natural organizada. Sacks (1975 apud

Gumperz, 1978: 196), com relação à análise conversacional, reconheceu os princípios de interferências conversacionais como sendo diferentes das regras gramaticais. O autor usa o termo "*máxima*" apoiando-se em Grice (1975), para sugerir que as interpretações têm preferências às regras obrigatórias gramaticais, isto quer dizer, que no nível da conversa as alternativas possíveis de interpretação são maiores do que nos níveis da gramática. Portanto, esta abordagem não levou em consideração as diferenças existentes entre os falantes.

(3) A *lingüística pragmática* de Austin (1962) e Searle (1972). A análise pragmática consiste em identificar um determinado ato de fala, como pergunta/resposta ou como sugestão/pedido, etc. Embora os *lingüistas pragmáticos* tenham dado ênfase ao contexto e ao conhecimento social, as pesquisas se limitaram a sentenças isoladas ou textos literários. Schank (1975 apud Gumperz, 1978: 195) observa que quando

"... os lingüistas pragmáticos se referem aos conhecimentos adquiridos dos falantes, isto é visto, em termos puramente cognitivo ou psicológico tanto em sentenças isoladas como em textos, insinuando que os falantes se aproximam de uma interação sabendo o que eles querem dizer e como dizer".

Vale ressaltar que mesmo valendo-se destas três correntes que lidam com fatores sociais da fala, distingue-se delas, teórica e metodologicamente, quando concentra o seu enfoque nas interferências conversacionais de episódios reais.

Gumperz (1982), observando as respectivas limitações destas três tradições teóricas, sugeriu que se aproveitassem as contribuições positivas apresentadas por elas e propôs um modelo mais centrado no discurso que desse

conta das funções comunicativas das variações lingüísticas ocorridas numa interação contextualmente situada. Este enfoque engloba, na sua análise, o conhecimento gramatical, as diferenças no estilo comunicativo e o conhecimento subjacente que caracteriza comunidades culturalmente diversas.

7.2. Procedimentos metodológicos

Descrevemos os procedimentos metodológicos desta 3ª etapa, no capítulo 3, desta dissertação.

Nesta etapa, analisaremos a mudança de código que assumiu uma importância fundamental porque é por meio da escolha de um código, entre outros recursos, que o falante bilíngüe elabora suas estratégias comunicativas onde estão implícitos os significados sócio-lingüísticos da mudança.

Os dados empíricos desta etapa serão analisados qualitativamente de acordo com os procedimentos adotados pela moderna sociolingüística.

7.3 Análise de dados

A partir de conversas informais gravadas em diversas situações, observamos que a fala dos teuto-rondonenses apresenta um alto grau de variabilidade. Os falantes alternam alemão e português, num freqüente "*vai-e-vem*" de duas línguas, dentro de um mesmo discurso. Segundo Gumperz (1964: 244), a alternância de código é vista como o uso de variedades diferentes fora do repertório lingüístico único, por um ou vários falantes, em um determinado episódio interativo.

Constatamos que a alternância de código é um recurso estratégico

bastante comum entre os bilíngües.

A partir disso, analisaremos diversos episódios.

O sistema de transcrição adotado, seguiu o indicado por Marcuschi (1986: 9) que sugere um sistema eminentemente ortográfico, seguindo a escrita-padrão, mas considerando a produção real.

Apresentaremos o episódio com as alternâncias de código e, em seguida, a tradução para o português das falas em alemão.

O primeiro episódio analisado envolve três gerações. A atenção está toda voltada para a criança que tem dois anos de idade. Todos os membros da família falam as duas línguas alemão/português, até mesmo a empregada de 20 anos. O episódio ocorreu na cozinha, um ambiente bem espaçoso, durante a hora do chimarrão, no final da tarde. Observamos que, enquanto a criança estiver no local, os adultos falam quase que só alemão entre eles, mas assim que ela sai, há uma mudança das duas línguas entre a 1ª e 2ª geração, praticando a alternância de código, e, quando os membros da 2ª geração estão juntos, falam quase que só o português.

Episódio 1: Hora do Chimarrão

Local: Cozinha

Participantes: avós (A)

pai (P)

mãe (M)

tia (T)

filho ou neto (N)

empregada (E)

(as letras H. L. K. NP. e Hi. correspondem a nome de pessoas)

- (1) - (N) Wassa trinka! (Tomar água!)
- (2) - (M) Wasser trinken! (Tomar água!)
- (3) - (N) Wassa trinka! (Tomar água!)
- (4) - (M) Ja, komm mal her. Ja, sogar Wasser kann er richtig sagen. (Sim, vem cá. Sim, até água ele já sabe dizer certo.)
- (5) - (A) Was will er? (O que ele quer?)
- (6) - (M) Nur Deutsche sprechen. (Só falar alemão.)
- (7) - (T) Gib her das Händchen! Ui! Ui! (Dê a mãozinha! Ui! Ui!)
Wasser trinken? (Tomar água?)
- (8) - (M) Komm Liebchen! (Vem queridinho!)
- (9) - (N) Nein! (Não!)
- (10) - (M) Nicht, Wasser trinken? (Não, quer água?)
- (11) - (P) Laß das ... (Deixe isto ...)
- (12) - (A) Er will Kaffee trinken. Oma, gibt schon. (Ele quer tomar café. Avó já dá.)
- (13) - (P) Dabei spielt er mit... (Com isto ele brinca...)
- (14) - (T) Paß auf, Paß auf! (Cuide, cuide!)
- (15) - (A) Guck dort so rind! (Olhe ali prá dentro!)
- (16) - (M) Willst ein Kigelchen, willst ein Kigelchen essen? (Quer um bolinho, quer comer um bolinho?)
- (17) - (N) [Ham!] (Comer, afirmado com a cabeça)
- (18) - (A) Hier ist ein! (Aqui tem um!)

- (19) - (M) Hum! Ist gud. (Hum! É bom.)
- (20) - (A) Das schmeckt gud! (É gostoso !)
- (21) - (N) Nein, nein! (Não, não!)
- (22) - (M) Nein, nein, iß, schmeckt gud. (Não, não, coma é gostoso.)
- (23) - (P) Hört schon mal auf. (Parem com isto.)
- (24) - (A) Das iß mal schon. (Coma isto.)
- (25) - (T) L., guck mal, was die Tita hat für dich! (L., olhe para cá, o que a Tita tem para você!)
- (27) - (N) Was ist ... (O que é ...)
- (...)
- (28) - (A) Hier, gibt ihm ein Kaffee. Her bei die H. Guck mal, Kaffee. (Aqui, dão-lhe um café, aqui com a H., olhe o café.)
- Ach, wie gud! Das schmeckt doch so gud! (Ah, que bom! Isto é tão gostoso.)
- (29) - (M) Was will das Kind? (O que quer a criança?)
- (30) - (N) Mama! (Mamãe!)
- (31) - (A) Ja, mama! (Sim, mamãe!)
- Oma hat das für dich gemacht! (Avó fez isto para você!)
- (32) - (P) Hat seine Panz voll Supp! (Tem a barriga cheia de sopa!)
- (33) - (N) Ja, mam... mam... (Sim, mam... mam...)
- (34) - (A) Na, ja! (Pois é!)
- (35) - (M) Soni, hat seine suppe getruken. (Filhinho tomou sua sopa.)
- (36) - (P) Ich hab den Tee gegeben. (Eu dei o chimarrão.)
- (37) - (A) Ja. (Sim.)

- (38) - (N) Nein. (Não.)
- (39) - (M) Tee getruken. (Tomou chimarrão.)
- (40) - (P) Ja, Tee getruken, Tee getruken! (Sim, tomei chimarrão, tomei chimarrão!)
- (41) - (M) Ja, dann nehm ich. (Sim, então eu pego.)
- (42) - (P) So. (Ah, sim.)
- (43) - (N) Nein, nein! (Não, não!)
- (44) - (A) Nein, nein! Ich sag doch das Kind ... (Não, não! Eu digo esta criança...)
- (45) - (P) Nein, nein, nein, nein... so machst du das auseinander Kind, nein, nein ... (Não, não, não, não... assim vai desmanchar filho, não, não.)
- (46) - (A) Bist de denn bes, ah!? (Você está brabo, ah!?)
- (47) - (P) Ich bin bes, ah! (Eu estou brabo, ah!) (*brincando com a criança*)
- (48) - (A) Guck mal her, dann bist du doch kein K.? (Olhe prá cá, então você não é K.?)
- (49) - (P) Ah! Heute wollt er nicht schlafen. (Ah, hoje ele não quis dormir.)
- (50) - (N) Nein, nein! (Não, não!)
- (51) - (P) Palmília geholt auf den Hintern geklopft, ist er bes geworden und hat das Telefon geholt und hindgeschmissen. (Peguei a palmília e dei uma no traseiro, ele ficou brabo, pegou e jogou o telefone.)
- (52) - (M) Das hat er von seinen Vater...!? (Isto ele tem do pai...!?)
- (53) - (A) É CLARO.
- (54) - (P) Das ist Zitrone. (Isto é limão.) (*mostrando prá criança*)
- (55) - (A) Das sin Zitrone, das ist keine Ransch. Das ist eine Zitrone. Das

spritzt! Leg das weg! Wenn das in die Äugchen kommt, und das brennt dann. (Isto são limões, não é laranja, isto é um limão, isto respinga, guarde isto, se isto entra nos olhinhos, então isto arde.)

- (56) - (N) Mamma. (Mamãe.)
- (57) - (E) O QUE QUER DIZER CONCAVA?
- (58) - (P) TAVA?
- (59) - (N) Ein, ein... (Um, um...) (*mostrando para o limão*)
- (60) - (E) CONCAVA?!
- (61) - (P) CÔNCAVA?!...
- (62) - (M) Was ist ein côncava? Wennes so ist (*demonstrando*) wie einde Schüssel, Gegenteil von côncava...? (O que é côncava? Se é assim (*demonstrando*) como a bacia; o contrário de côncava.)
- (63) - (T) Oma, ist ganz naß, kuck mal hier. (Avó, está bem molhado, olhe só.)
- (64) - (A) Der hat in die Ecke in die Hose gepißt, deshalb war der so ruhig. Und jetzt!? Hah! Warum hast nicht gesagt. (Lá no cantinho ele molhou a calça, por isto estava tão quieto, e agora? Hah! Por que não disse nada?)
- (...)
- (65) - (A) Mir ware heut morgen noch fortgegangen LÁ NA NP. A MÃE DELA ESTÁ MAL, NÓS FOMOS LÁ UM POUCO, ... (Nós hoje de manhã ainda saímos.)
- (66) - (M) Ist Schlecht!? (Está mal!?)
- (67) - (A) Sie ist so Schlecht, (ela está muito mal) QUE A NP MANDOU BUSCAR O GURI, ELE VEIO COMPRAR UM TÊNIS LÁ NA

LOJA, HOJE À TARDE E DISSE QUE AVÓ ESTÁ MELHOR...

QUEM VOLTOU? (*olhando para a criança*)

- (68) - (P) Ja, er ist gekommen. (Sim, ele voltou.)
- (69) - (A) Ich gehe mit denn Kind nach raus. (Eu vou com a criança para fora.)
 (...)
- (70) - (M) ... ONTEM À NOITE NÓS FOMOS A UMA JANTA E O H. SÓ FEZ
 BRINCADEIRAS COM AS PESSOAS; ELE PÔS UM FIO DE
 LINHA NA MANGA DO PALETÓ; E?! O QUE VIERAM PESSOAS
 PARA TIRAR A ...
- (71) - (T) MAS NÃO ACREDITO H., VOCÊ?!
- (72) - (P) É, VIERAM COM CIGARRO ...
 (...)

No início, a interação gira em torno de tópico relacionado ao atendimento a uma criança (beber, comer, molhar a calça). Durante esta interação comunicativa dos familiares com a criança, a empregada pediu explicação da palavra "*côncava*", pois estava fazendo palavras cruzadas e tomando chimarrão.

De (1) a (52) a interação entre avó, filho, nora, filha e o neto é feita usando-se o código alemão para que o neto aprenda a língua de origem.

Em (1) e (3) verificamos uma interferência dialetal, a nível morfológico, da língua alemã, em que o verbo "*trinken*" é usado como "*trinka*": a terminação [en] passa para [a]. O mesmo ocorre com a terminação do substantivo "*Wasser*" para "*Wassa*", havendo uma elipse tanto no verbo como no substantivo. Em (2) observamos que a mãe repete a mesma frase, mas corrigida, fazendo uma

pergunta, pois é um exercício natural de aprendizagem de uma língua em sala de aula. Em (32), (46), (47) e (51) há uma elipse do [e] do substantivo "*Suppe*" e do adjetivo [e] na palavra "*böse*", ocorrendo uma interferência morfológica na terminação destas duas palavras, e, na última palavra também ocorre uma interferência fonológica: tanto o falante (A) como (P) usaram o [e] ao invés do [ö].

Em (13) há uma interferência morfossintática, muito utilizada pela comunidade de fala rondonense "*Dabei spielt er mit*" onde seria "*Er spielt dann*". Em (15) ocorre mais uma interferência morfológica do advérbio "*rind*" ao invés de "*rein*". Em (19), (20), (22) e (28) temos interferência fonológica tanto pela 1ª como pela 2ª geração, em que há uma troca entre as consoantes surdas e sonoras, por exemplo, usam "*gut*" ao invés de "*gud*", em (32) com "*Panz*" a "*Bauch*", e "*Kigelchen*" a "*Kichelchen*". Em (51) o pai ao falar a língua alemã, introduz uma palavra do léxico português "*palmília*", ocorrendo um empréstimo. Isso acontece em (55) pela avó que usa "*Ransch*" a "*Orange*". E, em (62) quando a mãe retoma o alemão para explicar o que vem a ser "*côncava*".

A interação comunicativa até (52) ocorreu em alemão, pois a própria mãe, assim solicitou em (6). Somente a partir de (53) ocorreu a alternância de código do alemão para o português ("*É CLARO.*") pela avó, isso de maneira automática e quase inconsciente, quando a nora compara as atitudes do filho com o pai. E, o pai retoma o alemão, dirigindo-se ao filho, até o momento em que a empregada pede explicação da palavra "*côncava*". O pai não entende o termo, e questiona, portanto, no momento em que pretende explicar o termo em português a mãe retoma a fala em alemão e dá a explicação.

A partir de (64) a criança saiu para trocar de roupa, e, por isto em (65) a avó iniciou um novo tópico em alemão e no mesmo período passou para o português, mas no momento em que a criança voltou ao recinto o pai retoma a interlocução em alemão (68). Porém, quando a avó sai com a criança, tanto o pai, como a mãe e a tia passam a usar o português novamente.

Assim, como Grice (1975) apontou o aspecto cooperativo de uma conversa, onde os participantes devem conciliar, tanto o que ouviram como o que entendem ser seus propósitos imediatos, a fim de que infiram a intenção do falante, o mesmo ocorreu neste episódio comunicativo pela mãe e pelo pai para usar a língua alemã enquanto a criança se encontra entre eles, pois a criança determina o uso do código alemão. Durante a alteração comunicativa ocorreram muitas "*pistas*" ("*cues*") que serviram para sinalizar a intenção dos falantes, através de olhares, sinais com a cabeça e pela própria fala dos interlocutores.

Episódio 2: Compra e Venda

Local: Casa Rieger

Participantes: Vendedoras (V1 e V2) e Compradora (C)

(...)

- (1) - (V1) ... nós esquecemos a última vez de pedir pro viajante, mas nós vamos pedir agora, talvez vai demorar.
- (2) - (C) Pra mim faltam duas, tá ZWEI BORACHA. (Duas borrachas)
(mostrando uma borracha para a panela de pressão panex)
- (3) - (V2) Guarda que nós vamos pedir essa boracha.
- (4) - (C) Mas, veja bem, essa aqui?!
- (5) - (V2) Leva essa aí, e tenta ...

- (6) - (C) Mas esta é mole, a outra foi dura.
- (7) - (V1) JA, MUßT MAL UNA DRUNNA, UNA DIE DECKEL, SO ... (Sim, você precisa por debaixo, debaixo da tampa, assim.)
- (8) - (V2) Vê, o que a senhora pode fazer com esta aí, até receber a outra.
- (9) - (V1) Viu, é claro, SO UNA MUßT MAL SO BISJE NACHKLOPPA.
 (... assim debaixo, você precisa bater um pouco) (*demonstrando como deve fazer para colocar a borracha na tampa da panela panex*)
- (10) - (C) WEINNACHTEN HABEN WIR SO VIEL ZU BESUCH, MAL JETZT KAUF ICH MIR EINE NEUE BORACHA, DU HAST FRÜHER JA IMMER GEHABT. (Para o natal temos muita visita, agora vou me comprar uma borracha nova, pois, antigamente você sempre tinha.)
- (11) - (V1) JA, ICH HAB JA AUCH SO EIN TÖPF, MEI FUNKTIONIERT ABER JETZT. (Sim, eu também tenho dessa panela, mas a minha funciona.)
- (12) - (C) JA, KAUFST DER IMMA?! IN DER HÄHE tem mais gente que tem panela panex?! (Sim, você compra sempre esta, por aqui tem...)
- (13) - (V2) Sim, tem muita gente, inclusive por isso eu quero pedir, acho que...
 (...)

A interação comunicativa se dá entre duas vendedoras (V1) - (V2) e uma compradora (C), numa casa comercial de artigos para presentes e utilidades domésticas, onde as mercadorias estão todas expostas em prateleiras, à disposição

do cliente. As participantes (V1) e a (C) estão na faixa etária de 60 anos. As duas são descendentes de alemães, dominam bem ambos os códigos, tanto o alemão como o português. A (V1) teve quatro anos de escolaridade e (C) o 1º Grau completo. As duas aprenderam a língua alemã em casa e o português na escola. A (V2) se encontra na faixa etária dos 30 anos, 2º Grau completo, é descendente de italianos, teve conhecimento da língua alemã depois do casamento, pois convive diariamente com descendentes de alemães e os familiares do marido que usam o código alemão. A (V2) não fala, mas entende, conforme constatação dessa interação neste episódio de compra e venda.

A interação compra/venda iniciou em português com a (V2) de descendência italiana e (C) de descendência alemã. A interação estava fluindo naturalmente quando ocorre a alternância de código do português para o alemão em (2), por parte da (C). Por meio da alternância de código observamos que houve uma repetição de afirmação nas duas línguas para enfatizar o termo, pois, segundo Hatch (1976 apud Heye, 1983: 12) "*o falante bilíngüe usa de mecanismos retóricos para expressar seus sentimentos, atitudes e intenções perante os outros*". No episódio em foco, ocorreu o mesmo recuro em (7) pela (V1) que retomou o tópico em alemão para demonstrar como colocar a borracha na tampa panex. Ainda, em (2) vimos que a palavra "*borracha*" não está concordando em número com o tópico da conversa, pois nos empréstimos lingüísticos pode haver adaptação do código alemão "[*boraša*]" ou uma elipse na terminação [en] para [a]. Em (3) onde a (V2) retomou o tópico em português "*boracha*", fez o uso da vibrante simples [r] em contexto em que a vibrante múltipla [ř] deveria ser usada. Este processo fonológico é uma constante no falar da comunidade rondonense, ocorrendo em todas as faixas etárias

e também com falantes da etnia italiana. Como a oposição [r] vs [ř] não existe no dialeto alemão, ocorrendo uma interferência fonológica. Em (3) há uma interferência morfológica do verbo "*guardar*" no imperativo, pela (V2), isso no uso da língua portuguesa.

Segundo McGuire and Lorch (1968 apud Gumperz, 1982b) os interlocutores usam a alternância de código como estratégia discursiva de um modo associativo para conversas casuais, onde o objetivo é a própria interação como uma forma de trocar idéias e experiências. Isto ocorreu em (9) e (11) pela (V1). E, também a (C) fez o uso da alternância de código de um modo interrogativo, onde as perguntas eram dirigidas para se obter informações específicas. A estratégia discursiva utilizada pelos participantes, em relação à troca de código enriquece o significado da situação interativa, segundo estudos de Blom & Gumperz (1972).

Em (7), (10) e (11) a interação comunicativa ocorre somente em alemão, com interferências dialetais do alemão e empréstimos do português.

Episódio 3: Compra e Venda

Local: Casa Comercial de Utilidades Domésticas

Participantes: Vendedora (V) e uma Compradora (C)

(as letras B. e Br. correspondem a nome de pessoas)

- (1) - (C) (aponta para o forno elétrico e mostra o que está estragado, pega a peça e ao lado uma forma de bolo)
- (2) - (V) Seid ihr mit dem car hier? (Vocês estão com o carro aqui?)
- (3) - (C) Jo, mir sind mit'n car hier. (Sim, nós estamos com o carro.)
- (4) - (V) Bringt am Samstagmoin mit, da kann er am Sonntag über macha.
Nehmt das mit? (Tragam no sábado de manhã, aí ele pode fazer no

domingo. Leva isto junto?)

- (5) - (C) Jo, dann bridge mir'n. So, wo wond B.? (Sim, então vamos trazê-lo. Ah sim! Onde mora a B.?)
- (6) - (V) Die B. ist hier unter um die Eck, dann müsste ihn ein bische rüber gehen, da ist so ein sapataria, dann so rind. (A B. é ali em baixo dobrando a esquina, então um pouco adiante tem uma sapataria, assim para dentro) (*mostrando a direção da casa*).
- (7) - (C) Ich wußt net richtig, wo sie wohne det, mein Mädche sag, die war dort... (Eu não sabia direito onde ela mora, minha filha disse, ela esteve lá.)
- (8) - (V) Das hier geb ich schon ab. Das andere tun ich dann nachher abgehen. (Isto eu já entrego agora, o resto eu entrego depois.)
- (9) - (C) PEGO zusamma. (Pego tudo junto.)
- (10) - (V) Wie heißen Sie? (Como você se chama?)
- (11) - (C) Br. (*o sobrenome*)
- (12) - (V) Br., so ein bekannter Nama, habt ihr in Mercedes gewohnt? (Br., um nome tão conhecido, vocês moravam em Mercedes?)
- (13) - (C) NÄO, mir honn in Pão Chardim gewohnt, ketz zehn Joa wohnw mir hier in Rondão. (Não, nós morávamos em Bom Jardim, agora, dez anos já moramos aqui em Rondon.)
- (14) - (V) TÁ BOM.
- (15) - (C) Mir ware die Dache schon mol hier komm gewes, wollt uns das kóufa und war zu gewes, war die letzte Dankwoih, jemand... (Nós estávamos estes dias uma vez aqui e queríamos comprar, mas estava

fechado, era a missa de agradecimento, alguém...)

- (16) - (V) Mein Schwiegervater war gestorben. (Meu sogro havia falecido.)
- (17) - (C) Ach so! (Ah sim!)
- (18) - (V) War achtzig Jahre. (Tinha oitenta anos.)
- (19) - (C) Ach so, achtzig Jahre. Do der Daach ware mir do gewes. (Ah sim, oitenta anos, este dia estávamos aqui.)
- (20) - (V) Bringt den Ofen. Samstagmittag neme ich ihm mal dort him. Ich apreche mal mit dem Mann. Der macht ihm am Samstag oder Sonntag, vielleicht kannst ihm am Montag schon holen. (Tragam o forno. Sábado à tarde vou levá-lo. Eu falo com o homem. Ele faz no sábado ou no domingo, talvez já podem buscar na segunda-feira.)
- (21) - (C) Samstamoia bringst mit. (Sábado de manhã trago junto.)
- (22) - (V) Samstagmoin, oder wenn du moin kommst, dann bringst du ihm moin mit. (Sábado de manhã, ou se vier amanhã, então traga amanhã junto.)
- (23) - (C) Jo, wenn mein Sohn kommt. (Sim, se meu filho vier.)
- (24) - (V) Dann kannst du vielleicht am Samstag mit zurück nehmen. (Então talvez podem levar sábado de volta.)
- (25) - (C) Hm, hm, TÁ, TCHAU.
- (26) - (V) TCHAU.

O tópico principal desta interação comunicativa gira em torno do concerto de um forno elétrico, em uma loja de utilidades domésticas, em que toda a mercadoria está exposta em prateleiras à disposição do cliente. A faixa etária da vendedora (V) está em torno de 60 anos, e, da compradora (C) na faixa dos 50 anos.

A (C) entra na loja e vai direto até onde estão expostos os fornos elétricos. Mostra o que está estragado, pega a peça que está estragada e uma forma de bolo, e entrega a (V), sem falar nada. A (V), por sua vez, pergunta em alemão, se vieram de carro (já que a (C) não tinha se pronunciado), mas o que a (V) realmente queria saber da (C) era se eles tinham carro para trazer o forno elétrico para o conserto, pois a loja não faz consertos, mas encaminha para um senhor que o faz. O que determinou o uso do alemão foram fatores extra-lingüísticos observados pela (V) para o êxito da comunicação.

Em (2) e (3) foi usada a palavra "*car*" emprestada do português "*carro*" tanto pela (V) como pela (C). Em todo o episódio de compra/venda a interação comunicativa foi feita no dialeto "*hunsrückisch*" da língua alemã por parte da (C), e, por isso, a (V) não se preocupou em fazer uso do alemão formal. Em (3), (4), (5), (6), (7), (8), (12), (13), (15), (19), (21), (22), e (23) há interferências do dialeto "*hunsrückisch*" na língua alemã, a nível fonológico, morfossintático e lexical, tanto nas falas da (V) como da (C).

Em (9) a (C) usa a alternância de código automaticamente "*Pego zusamma*", para enfatizar que pegará tudo junto, tanto as compras como o forno elétrico consertado. Segundo estudos de Sankoff e Poplack (1980) a alternância de código serve para marcar os segmentos que o locutor quer enfatizar em um determinado enunciado, e dá um peso particular na alternância de uma língua para a outra. Tal procedimento também ocorre em (13), quando a (C) usa novamente a alternância de código, com o advérbio de negação para enfatizar que não mora em Mercedes e nunca morou lá. No enunciado (13), há três processos fonológicos de interferência do alemão no português na fala da (C). O primeiro é

a troca da oposição entre consoantes surdas e sonoras, no caso da palavra "[Poy]" (Bom), "[Šardiy]" (Jardim); o segundo a eliminação da oposição [ř] e [r] no caso da palavra "[řondoy]"; o terceiro a passagem dos ditongos nasais <ão>, <im> etc., em final de palavra o ditongo [oy], no caso das palavras [Poř], [řondoy] e [Šardiy].

Em (14) temos outro enunciado com a alternância de código: um comentário justificativo liberado na própria fala da (V) para enfatizar aquilo que já foi dito na outra língua pela (C). O verbo "está" foi abreviado para "tá" conforme uso coloquial deste verbo em português. Também a (C) utilizou o termo "tá" com função enfático-exclamativa⁴, despedindo-se da (V) em português.

Episódio 4

Local: Rádio Educadora de Mal. Cândido Rondon

Programa Bom Domingo

Participantes: Locutor (L)

Visitante (V)

Ouvintes

- (1) - (L) Luzerna von Staadt Santa Catarina sind hier auf Besuch in Marechal Cândido Rondon, um Fußball zu spielen, sich vergnüchen, mit dem Heinrich Neumann, ha, ha! Edmund Granisch und der Heitor Vaslavic, NÉ! Paßt euch die Kanell auf, die verbrechen euch die Kerle, die sind proforsch, VIU!* Então pessoal de Luzerna que está aqui de visita, parabéns prá vocês e sejam bem-vindos a MCR e também a Rádio Educadora está à disposição de vocês. NÉ! Vamos

⁴ Bleider (1981, apud Nawa, 1968: 116).

lá então trazer uma música...

- (2) - (L) Hörer und Hörerinnen de Deutschen Programms daß wir Sonntag morgen durchführen, von neun Uhr dreißig bis um zwölf Uhr. Die Leute die uns anrufen der Telefon, können die Nummer vierundfünfzig-elf-null-acht oder vierundfünfzigdreizehn-siebenundvierzig anrufen, und da wir sieherzeich hier beglückwünschen unserem Deutschen Programms, mit schöne musikalische Platten." É isso aí! Dez horas e nove minutos, programa Bom Domingo cumprimentando a todos os ouvintes e ele vai ao ar todos os domingos das nove e meia ao meio dia. E temos aqui em nosso meio uma pessoa lá da Alemanha, que depois pode cumprimentar os ouvintes, né! Der Wolfgang Meier ist hier auf Besuch, NÉ! Mit Alceu Hansel, der bei Cristo Rei Schule Lehrer ist.*** O Alceu que é o diretor do Crito Rei, está aí, junto com o seu amigo Wolfgang Meier, lá da Alemanha, já veio para a Oktoberfest, viu! Daß er hier sicher genug Schopp Kriegt, ist er schon früh genug gekommen, ha, ha! Nun gut!**** Nós estamos falando em nome da Auto Elétrica... (anunciando propaganda)
- (3) - (L) Vilmar Wutzig é lá de Moreninha, Santa Helena, ele homenageia seus pais, o Arlindo e dona Paulina, und auch noch für dem Vadda und der Mudda, das kommende Stück dann, gell!***** Vamos lá com a próxima música "*Heimweh*" com Freddy. Essa música eu quero dedicar especialmente pro nosso visitante Wolfgang Meier.
- (4) - (L) Unser Freund Wolfgang Meier aus Dutschland. Tu mal unsere Hörer und Hörerinnen begrüßen, da***** (mostrando o microfone)

- (5) - (V) Hallo! Mein Name ist Wolfgang Meier. Ich komme aus Deutschland und grüße alle Hörer und Hörerineen auf diesen Sender.*****
- (6) - (L) Da, das freut uns sehr, sag mal Wolfgang, woher kommst du, wie heißt denn die Stadt aus du kommst.*****
- (7) - (V) Die Stadt heißt Offenburg, das ist im Schwarzwald, also das ist in Süddentschlan, genau!*****
- (8) - (L) É tá bom. (...)
- (Luzerna do Estado de Santa Catarina estão aqui como visita em MCR, para jogar futebol, para se divertir com Heinrich Neumann, ha, ha! Edmund Granisch e o Heitor Vaslavic, NÉ! Cuidem das canelas, estes caras vão quebrá-las, são muito fortes, VIU!)
 - ** (Senhores e senhoras ouvintes do nosso programa em alemão, que apresentamos todos os domingos de manhã das 9:30 até as 12:00 horas. As pessoas que nos telefonam podem usar o número 54-1108 ou 54-1347 e nós os felicitamos maravilhosamente com o nosso programa em alemão, com lindos discos musicais.)
 - *** (O Wolfgang Meier está aqui de visita, né, com Alceu Hansel, que é professor da Escola Cristo Rei)
 - **** (... para ganhar chopp suficiente, ele chegou bem cedo, ha, ha! Está bom)
 - ***** (... e também para o avô e a avó a seguinte música, Né!)
 - ***** (Nosso amigo Wolfgang Meier da Alemanha, cumprimenta os senhores e senhoras, ouvintes, tá!)
 - ***** (Alô, meu nome é Wolfgang Meier. Eu venho da Alemanha e saúdo a

todos os senhores e senhoras ouvintes desta emissora.)

..... (Tá, isto nos alegra. Diga, Wolfgang de onde vem e como é o nome da cidade.)

..... (A cidade se chama Offenburg, situada na Floresta Negra, pois fica exatamente no Sul da Alemanha.)

O programa de radiodifusão "*Bom Domingo*" ou "*Guten Sontag*" é caracterizado pelo locutor como um programa de lazer, cujo objetivo é incentivar, preservar a cultura e o folclore alemão, através de música, bandinhas, curiosidades e atualidades da Alemanha, do Rio Grande do Sul e Santa Catarina. O programa atinge localidades do Paraguai que são colonizadas por brasileiros descendentes de alemães, Foz do Iguaçu, Matelândia, Medianeira, Toledo, Santa Helena e outras localidades da região, onde residem descendentes de alemães.

O locutor é descendente de alemães. A sua primeira língua foi o dialeto "*hunsrückisch*", aprendido em casa, tem 46 anos, nasceu no Rio Grande do Sul, tem o 2º Grau incompleto, aperfeiçoou a língua alemã convivendo com uma família Suíça, e, através de correspondências e leituras, pois não teve um estudo formal da língua alemã.

O tópico da conversa é relacionado a visitas: um grupo de visitantes que veio de Santa Catarina para um jogo de futebol e um alemão que veio da Alemanha para conhecer o Brasil e participar da Oktoberfest em Marechal Cândido Rondon.

A partir deste programa de radiodifusão, podemos observar que o locutor usa dois códigos para poder atingir, com sua mensagem, dois mundos lingüísticos num ato comunicativo bem informal. Neste programa que foi ao ar, notamos um

"*continuum*" de seqüências intercaladas de elementos lingüísticos das duas línguas.

Berk-Seligson (1986) e Sankoff & Poplack (1980) classificam o uso de ("*tags*") interjeições, expressões idiomáticas e cumprimentos ("*greetings*") como alternância de código inter-sentenças. Isso ocorreu na fala (1) do locutor do código alemão para o português. É interessante notar neste sentido, o uso exagerado no "NÉ" após as falas em alemão, com função enfático-exclamativa.

Em (1) ocorre interferência dialetal a nível fonológico; e, em (1) e (3) empréstimo do léxico português para o alemão. Em (3) o que ocasiona a alternância de código é o ouvinte: quando o locutor homenageia os avós, faz uso do código alemão.

7.4. Conclusão do capítulo

Pela análise dos episódios e através da observação participante, constatamos que os tópicos referentes ao "*modus vivendi*" dos descendentes de alemães influenciam, de veras, o uso da língua alemã em Marechal Cândido Rondon. Com base nos estudos de Ervin-Tripp (1972) feitos nos EUA, com japonesas bilíngües casadas com americanos, a mudança de tópico acarretaria a alternância de código, entretanto, após alguns experimentos com associação de palavras (considerando-se a palavra estímulo como sendo tópico), concluiu que, não só o tópico, mas a combinação tópico/ouvinte é que realmente ocasiona a escolha da língua. A consideração conclusiva de Ervin-Tripp pôde ser constatada, em nossos estudos, através do episódio 4, quando o locutor homenageou os avós. Tendo em vista o tipo de ouvinte, o locutor, automaticamente recorreu à alternância de código, falando em alemão.

Através da OP e entrevistas, uma grande maioria de falantes bilíngües afirmaram que praticavam a alternância de código conforme o seu interlocutor e o momento da interação, isto é, quando os conhecimentos comuns se transformavam em conhecimentos compartilhados⁵. Este procedimento foi constatado tanto na geração mais jovem como na mais velha, principalmente em relação à geração mais jovem que mantém diálogo com as pessoas mais idosas. Pois, normalmente, o jovem não domina o léxico do alemão e faz uso constante da alternância de código numa interação. Uma informante de mais idade com formação sistemática nas duas línguas, alemão e português, declarou que dependendo do lugar e pessoas com quem esteja conversando, é mais fácil falar usando uma língua ou as duas juntas. Segundo a informante, há expressões tanto do alemão, como do português, que se ajustam melhor num determinado enunciado. Contudo, outros depoimentos de pessoas mais idosas, que não tiveram um estudo sistemático do alemão e do português, apontaram o uso constante das duas línguas num mesmo ato de fala e, muitas vezes, feito de forma inconsciente: as pessoas não se davam conta que estavam usando o alemão e o português ao mesmo tempo na interação. Quando assistimos aos cultos em alemão, na Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil, o pastor fez uso da alternância de código durante a prédica, por ser um discurso formal. Em entrevista, disse-nos que usava a alternância de código porque muitos membros têm um conhecimento superficial da língua alemã e, no convívio familiar, usam o dialeto "*hunsrückisch*" com muitos empréstimos do português.

⁵ Kreckel, M. "Communicative acts and shared knowledge: a conceptual framework and its empirical application" in *Semiótica*, 40-1/2: 45-88, 1982.

Como vimos, a alternância de código é um fenômeno regular e sistemático entre os descendentes de alemães em Marechal Cândido Rondon. A alternância de código é utilizada como um recurso estratégico-discursivo para produzir certos efeitos interpretativos, como meio de simbolizar a postura do falante diante de uma determinada situação de interação.

CAPÍTULO VIII

CONCLUSÃO

Através deste estudo, descrevemos a situação de uma comunidade bilíngüe alemão/português, em Marechal Cândido Rondon, Paraná. Caracterizada como comunidade de colonização alemã e atualmente em pleno processo de desenvolvimento de industrialização, apresenta um índice significativo no uso do idioma alemão como língua de comunicação.

Inicialmente, efetuamos uma pesquisa sociolingüística quantitativa para descrever a realidade lingüística na comunidade de fala alemão/português, através do modelo de análise das "*redes de comunicação*". Analisamos os padrões de escolha lingüística de falantes bilíngües, com base nos dados levantados em oito famílias, abarcando três gerações. Concluimos que os padrões de escolha lingüística podem variar conforme a inclusão do interlocutor na rede familiar, nas relações preferenciais ou nas relações sociais. Idade, sexo, confissão religiosa e casamentos mistos ou interétnicos demonstraram ser fatores importantes na definição dos diversos padrões de escolha da língua.

Nossa análise evidenciou, também, uma recorrência pouco significativa, por parte da geração mais jovem, em relação ao uso e domínio da língua materna.

Embasados nos estudos de Bortoni-Ricardo (1985), comprovamos que as redes de relações familiares e preferenciais do indivíduo bilíngüe são responsáveis pela transmissão e manutenção da língua minoritária, desde que a identidade étnica do grupo se mantiver, resistindo à pressão escolar e aos meios de comunicação de massa na transmissão da língua.

Como segundo passo, efetuamos uma pesquisa sociolinguística qualitativa. A partir de dados empíricos, observamos a alternância de código que ocorre numa interação, quando os falantes bilíngües manipulam a sua fala para expressar uma sucessão de sentimentos que vai desde a solidariedade (convergência) até a indiferença (divergência).

A alternância de código ocorrida no alemão/português, nos mostrou que a escolha da língua é muito importante para estes falantes porque é por meio dela que se define uma situação, isto é, como se as várias características da personalidade do falante se realizasse em uma das línguas.

Em decorrência, e de acordo com o nosso estudo, a alternância de código é um recurso estratégico-comunicativo, usado pelos falantes bilíngües, como meio utilizado para simbolizar a sua atitude perante uma determinada situação. Este recurso utilizado, nos possibilitou relacionar o nível macro das relações entre línguas com o nível micro das interações, interpretando a distribuição das línguas que retratem as diferentes circunstâncias do processo de adaptação deste grupo étnico.

A exigência objetiva ou a escolha subjetiva de utilizar uma ou outra língua implica, sempre, em dois aspectos da comunicação: as relações sociais e reprodução da identidade.

Constatamos que a língua alemã ou os dialetos falados em Marechal Cândido Rondon, pelos descendentes de imigrantes alemães apresentam-se repletos de empréstimos do português, uma vez que os sujeitos procuram adequar o dialeto alemão à realidade, ao ambiente e aos costumes brasileiros.

Em relação à utilização da alternância de código, concluímos que esta depende, em grande parte, dos participantes (monolíngües português e alemão, e bilíngües alemão/português), do tópico e do grau de formalidade das interações.

Observamos, também, que os teuto-brasileiros bilíngües, em sua maioria, possuem, com relação à distribuição, uma noção precisa do valor funcional das duas línguas. O resultado desta análise evidenciou que a escolha da língua depende, principalmente, das relações existentes entre os interlocutores e dos conhecimentos comuns compartilhados por eles.

Este trabalho não abarca a totalidade dos assuntos pertinentes à área. Acreditamos que pesquisas envolvendo estudos comparativos entre procedimentos dos teuto-rondonenses com amostras semelhantes em outros Estados, enriqueceriam as investigações lingüísticas.

Igualmente, sugerimos que, em futuros trabalhos, se analise a questão da interferência fonética da língua alemã na língua portuguesa em Marechal Cândido Rondon.

Nosso propósito limitou-se a uma pesquisa descritiva objetivando registrar uma situação contextual do uso da língua alemã e dos fatores responsá-

veis por sua manutenção na comunidade de fala rondonense. Esperemos que este trabalho possa oferecer subsídios para estudos de bilingüismo e alternância de código.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- AUSTIN, J.L. How to do things with words. MA: Harvard University Press, 1962, pp. 1-52.
- BARNERT-FURST, Ute. Manutenção e mudanças lingüísticas: no município de Panambi - um estudo qualitativo e quantitativo. Dissertação de mestrado. Campinas, UNICAMP, 1989.
- BELL, R.T. Sociolinguistics. London, B.T. Batsford, 1976.
- BERK-SELIGSON, S. "Linguistic constraints on intrasentential code switching: a study of Spanish/Hebrew bilingualism". In: Language in society, 15: 313-48, 1986.
- BLOOMFIELD, L. Language. Ruskin House, London, British Edition, 1934.
- BLOM, J.P. & GUMPERZ, J.J. "Social in linguistics structures: code-switching in Nor way". In: Directions in Sociolinguistics. (Ed.) GUMPERZ, J.J. & HYMES, D. NY: Holt, Rinehart & Winston. 1972, pp. 407-34.
- BORTONI-RICARDO, Stella Maris. The urbanization of rural dialect speakers; a sociolinguistic study in Brazil, Cambridge, Cambridge University Press, 1985.
- _____, _____. "A migração rural-urbana no Brasil: uma análise sociolingüística". In: F. Tarallo, Fotografias Sociolingüísticas. Campinas, UNICAMP, 1989.
- BOSSMANN, R. "Zur Deutsch-Brasilianischen mischsprache". In: Letras 1: 96-114, 1953.
- BOURHIS, Y.K. "Language in Ethnic Interaction: a social psychological approach". In: GILES, H. (Ed.), 1977, pp. 117-143.
- CADIOT, Pierre. "As misturas de língua". In: VERMES, G. & BOUTET, J. (orgs.) Multilingüismo. Campinas, UNICAMP, 1989.
- CHOMSKY, N. Aspectos da teoria da sintaxe. editado por Armênio Amado, Coimbra, 1978.
- CLYNE, M. Transference and triggering - observations on the language assimilation of postwar german - speaking migrants in Australia, The Hague Martinus Nijhoff, 1967.
- _____, _____. "Constraints on code switching: how universal are they?" In: Linguistics, 24: 739-764, 1987.
- DI SCIULLO, A.M. MUYSKEN, P. & SINGH, R. "Government and code-mixing". In: J.Linguistics, 22: 1-24, 1986.
- DITTMAR, Norbert. Sociolinguistics - a critical survey of theory and application. University of Konstanz, Edward Arnold, 1976, pp. 224-225, 307.
- _____, _____. Soziolinguistik - Teil I - Theorie, Methodik um Empirie ihrer Forschungsrichtungen. In: Studium Linguistik, 12, 1982.
- DORIAN, Nancy C. Language death; the life cycle of a scottish Gaelic Dialect. Philadelphia, University of Pennsylvania Press, 1981.
- DOWNES, W. Language and Society. London, Fontana Paperbacks, 1984, pp. 39-71, 86-99, 170-193, 378.
- DUBOIS, Jean et alii. Dicionário de lingüística. São Paulo, Cultrix, 1978.
- ERICKSON, F. "Timing and context in childrens everyday discourse: implications

- for the study of referential and social meaning". Working Papers, In: Sociolinguistics, 67: 1-41, Southwest Educacional Development Laboratory, Austin, Texas, 1980.
- ERVIN-TRIPP, S. "An analysis of the interaction of language, topic and listener". In: FISHMAN (Ed.), Readings in the Sociology of Language, The Hague, Mouton, 1972, pp. 192-212.
- FASOLD, Ralph. The Sociolinguistics of Society. New York, Basil Blackwell, 1984, pp. 180-242.
- FERGUSON, Charles A. "Diglossia". In: GIGLIOLI, P.P., Language and Social Context. London, Penguin, 1972, pp. 99-116.
- FERREIRA, Aurélio B. de Holanda. Novo dicionário da língua portuguesa. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1975.
- FISHMAN, J.A. Language Loyalty in the United States. The Hague, Mouton, 1966, pp. 21-33.
- _____, _____. "The sociology of language". an interdisciplinary social science, approach to language in society. Rowley, Massachusetts, Newsbury House Publishers, 1972.
- _____, _____. Bilingualism in the Barrio. Indiana, University, 1971.
- GAL, Susan. "Variation and change in patterns of speaking: language shift in Austria". In: SANKOFF, D. Linguistic Variation; models and methods. New York, Academic Press, 1978.
- _____, _____. Language shift; social determinants of linguistic change in bilingual Austria. New York, Academic Press, 1979.
- GARFINKEL, H. Studies in ethnomethodology. New York, 1967.
- GILES, H. (Ed.) Language, ethnicity and social context. London, Academic Press, 1977.
- GILES, H. BOURHIS, R.Y. & TAYLOR, D.M. "Towards a theory of language in ethnic group relations". In: HOWARDS, G. (Ed.) Language, ethnicity and intergroup relations. London, Academic Press, 1977, pp. 307-48.
- GOFFMAN, E. "The neglected situation". In: GIGLIOLI (Ed.) Language and social context. NY - Penguin Books, 1972.
- GRICE, H. "Logic and conversation". In: Cole and Morgan (Ed.) 1975, pp. 41-53.
- GUMPERZ, J.J. "Hindi Punjabi code switching in Delhi". Proceeding of the ninth International Congress of Linguistics, 1964a, pp. 1115-24.
- _____, _____. "Linguistics and social interaction in two communities". In: GUMPERZ & HYMES (Ed.), 1964b, pp. 137-53.
- GUMPERZ, J.J. & HERNANDEZ, Chaves. "The speech community". In: PRIDE, J.B. & HOLMES, S. (Ed.), Sociolinguistics. Harmondsworth: Penguin, 1968, pp. 219-30.
- GUMPERZ, J.J. & HYMES, D. (orgs.) Directions in sociolinguistics; the ethnography of communication. New York, Rinehart & Winston, 1972.
- _____, _____. "Social network and language shift". Working Paper 46, Language Behavior Laboratory, Berkeley, 1976a.
- _____, _____. "The sociolinguistic significance of conversational code-switching". In: Papers of language and context, Working Paper 46, Language Behavior Research Laboratory, 1976b.
- _____, _____. "Sociocultural knowledge in conversation inference". 28 th Annual

Round Table Monograph series In: Languages and Linguistics. Georgetown University, 1978.

_____, _____. Discourse strategies. New York, Cambridge University Press, 1982a.

_____, _____. Language and social identify. Cambridge, Cambridge University Press, 1982b.

HAUGEN, E. Bilingualism in the Americas: A Bibliography and Research Guide, Alabama, 1956.

_____, _____. "Bilingualism, language contact, and immigrant languages in the United States: a research report 1956-1979". In: SEBEOK, T.A. (Ed.), Current Trends in Linguistics, 10, Linguistics in North America, Mouton, 1973.

HEYE, J. "Sociolingüística". In: Manual de lingüística. São Paulo, Global editora, 1986.

X _____, _____. "Considerações metodológicas sobre o estudo de bilingüismo". In: Anais do II encontro de bilingüismo e variação lingüística. Florianópolis, UFSC, 1983.

HYMES, Dell. "The Ethnography of Speaking". In: FISHMAN, J. (Ed.), Reading in the sociology of language. The Hague, Mouton, 1962, pp. 99-138.

_____, _____. "Towards Ethnographies of communication: The Analysis of communicative Events". In: GIGLIOLI (Ed.), 1964, pp. 21-45.

_____, _____. Language in Culture and Society. New York: Harper & Row, 1964.

_____, _____. "On Competence Communicative". In: PRIDE, J. & HOLMES, J. (Ed.) Sociolinguistics, Harmonds Worth Penguin Books, 1967, pp. 269-294.

LABOV, W. Sociolinguistics patterns. Philadelphia, University of Pennsylvania Press, 1972.

_____, _____. "Field Methods used by the Project of Linguistic Change and Variation Philadelphia, 1972-1978". In: BAUCH, J. & SHERZER, J. (Eds.) Language in Use. NJ: Prentice-Hall, 1986.

LYONS, John. Linguagem e lingüística. Rio de Janeiro, Ed. Guanabara, 1987.

KRECKEL, M. "Communicative acts and shared knowledge: a conceptual frame work and its empirical application". In: Semiotica, 40-1/2: 45-88, 1982.

MACKEY, William F. "The description of bilingualism". In: FISHMAN, J., Readings in the sociology of language. The Hague, Mouton, 1968.

MARCUSHI, L.A. Análise da conversação. São Paulo, Ática, 1986.

MILROY, Lesley. Observing e Analysing natural Language "Sampling", Basil Blackwell a critical account of sociolinguistic method, 1987, pp. 18-38.

NAWA, Takako. Bilingüismo e mudança de código: uma proposta de análise com os nipo-brasileiros residentes em Brasília. Dissertação de mestrado, Brasília, 1988.

X OBERACKER, C.H. "Vocabulário de palavras portuguesas que os descendentes de colonos alemães acolheram na língua vulgar". In: Sociologia, 1: 94-104, 1939.

PAWELKE, J. Ficando rico no Oeste do Paraná. Marechal Cândido Rondon, 1970.

POPLACK, S.; SANKOFF, D. & MILLER, C. "The social correlates and linguistic processes of lexical borrowing and assimilation". In: Linguistic, 26: 47-104, 1988.

X ROCHE, Jean. A colonização alemã e o Rio Grande do Sul. Porto Alegre, 1969.

SAATKAMP, Venilda. Desafios, lutas e conquistas: história de Marechal Cândido Rondon, Cascavel, ASSOESTE, 1984.

- SACKS, H.; SCHEGLOFF, E. & JEFFERSON, G. "A simplest systematics for the organization of turntaking for conversation". In: Language 50: 696-735, 1974.
- SANKOFF, D. & POPLACK, S. A formal grammar for code-switching. New York, Language Policy Task Force, 1980.
- SAVILLE-TROIKE, Muriel. The Ethnography of communication. Oxford, Basil, Blackwell, 1982, pp. 52-70, 169-199.
- SCHADEN, E. "A aculturação lingüística numa comunidade rural". In: Sociologia 4:269-283, 1942.
- _____, _____. "Der Deutschbrasilianer: ein Problem. In: Staden-Jahrbuch 2:181-194, São Paulo, Instituto Hans Staden, 1954.
- SCHIFFRIN, D. "Discovering the context of and utterance". In: Linguistics 25:11-32, 1987.
- SEARLE, J. "What is a speech act?" In: GIGLIOLI, P.P.,(Ed.), Language and social context. NY: Penguin Books, 1972.
- SUTNABB-KANGAS, T. Bilingualism or not: the education of minorities. Multilingual Matters Ltda. (English Edition), Claveland, Avon, England, 1983.
- SILVA, Oscar et alii. Toledo e sua história. Toledo, Prefeitura Municipal de Toledo, 1988.
- STAUB, A. O empréstimo lingüístico: um estudo de caso. PUC/RS, Ed. Acadêmica, 1983.
- STEINER, Maria E.E. O bilingüismo em áreas urbanas de colonização alemã: um estudo em Jaraguá do Sul. Dissertação de mestrado. Florianópolis, UFSC, 1988.
- TARALLO, F. A pesquisa sociolingüística. São Paulo, Ática, 1986.
- _____, _____. & ALKMIN, T. Falares crioulos: línguas em contato. São Paulo, Ática, 1987.
- _____, _____. (org). Fotografias sociolingüísticas. Campinas, Pontes, 1989.
- TOSI, A. Immigration and bilingual education. Oxford, Pergamon Press, 1984.
- VANDRESEN, Paulino. Fonologia do Westfaliano de Rio Fortuna. Dissertação de mestrado, Rio de Janeiro, UFRJ, 1968.
- _____, _____. "Tarefas da sociolingüística no Brasil". In: Panorama da sociolingüística; Revista da Cultura 67(8): 605-11, Petrópolis, Vozes, 1973.
- _____, _____. "Contatos lingüísticos em Santa Catarina". In: Separata do II Colóquio de Estudos Teuto-Brasileiros. Porto Alegre, UFRS, 1980.
- WACHOWICZ, Ruy C. Obrageiros, mensus e colonos: história do oeste paranaense. Curitiba, Ed. Vicentina, 1987.
- WEINREICH, Uriel. Languages in contact. New York, Linguistic Circle & The Hague, Mouton, 1953.
- WIESINGER, P. Deutsche Sprachinseln, Lexicon der Germanistischen Linguistik Tuebingen, 1980.
- WILLEMS, Emílio. A aculturação dos alemães no Brasil - estudos antropológicos dos imigrantes alemães e seus descendentes no Brasil. São Paulo, Nacional, 1946.
- ZIMMERMANN, Ivo. Interferência de um dialeto alemão na língua portuguesa. Dissertação de mestrado, Florianópolis, UFSC, 1981.

ANEXO 1

**BILINGÜISMO EM MARECHAL CÂNDIDO RONDON - PARANÁ
ESTUDO PILOTO**

BILINGÜISMO EM MARECHAL CÂNDIDO RONDON - PARANÁ ESTUDO PILOTO

1. Nome e sobrenome _____
 2. Idade _____ 3. Série _____
 4. Onde nasceu _____
 5. Há quanto tempo mora em Mal. Cândido Rondon _____
- COLOQUE ENTRE PARENTESES O NÚMERO DA SUA RESPOSTA**
- () 6. Sexo: 1 - masculino; 2 - feminino
 - () 7. Religião: 1 - Evangélica; 2 - Católica; 3 - Outra: _____
 8. Nome do pai _____
 9. Nome de solteira da mãe _____
- COLOQUE: 1 - Para o SIM e 2 - Para o NAO**
- () 10. Seu pai entende alemão?
 - () 11. Ele fala alemão?
 - () 12. Ele fala o alemão com muita mistura de português?
 - () 13. Ele sabe ler em alemão?
 - () 14. Ele sabe escrever em alemão?
 - () 15. Sua mãe entende alemão?
 - () 16. Ela fala em alemão?
 - () 17. Ela fala o alemão com muita mistura de português?
 - () 18. Ela sabe ler em alemão?
 - () 19. Ela sabe escrever em alemão?
- COLOQUE NO PARÊNTESES O NÚMERO DA SUA RESPOSTA:**
1 - Quase sempre; 2 - Às vezes; 3 - Nunca
- () 20. Você fala alemão com seu pai?
 - () 21. Com sua mãe?
 - () 22. Com seus irmãos?
 - () 23. Com seus avós e outros parentes?
 - () 24. Na escola você fala alemão com professores?
 - () 25. Com colegas que também falam alemão?
 - () 26. Você fala alemão no comércio ou na indústria?
 - () 27. Você fala alemão com o pastor ou padre?
 - () 28. Você fala alemão com seus amigos ou vizinhos?
 - () 29. Você reza em alemão?
 - () 30. Você canta ou brinca em alemão?
 - () 31. Você sonha em alemão?
 - () 32. Você faz contas em alemão?
 - () 33. Numa briga, você xinga em alemão?
 - () 34. Que língua você gosta mais de falar? 1 - Para o alemão ou 2 - Para o português
- COLOQUE NO PARÊNTESES 1 - Para SIM ou 2 - Para o NÃO**
- () 35. Você gostaria de estudar em alemão?
 - () 36. Porque você gostaria de estudar alemão?
1 - É mais fácil do que outra língua?
2 - Os pais e outros parentes incentivam?
3 - É importante para muitas profissões?
 - () 37. Você gostaria de ter um jornal ou revista, um programa de rádio ou TV em alemão? 1 - Para SIM ou 2 - Para o NÃO
 - () 38. Seus pais, avós ou parentes insistem em que se fale alemão?
 - () 39. Você acha que o alemão vai continuar a ser falado aqui em Marechal Cândido Rondon?
 - () 40. Você sente orgulho de ser descendente de alemão?

Muito obrigada por ter colaborado conosco!

ANEXO 2

PROJETO:

BILINGÜISMO EM MARECHAL CÂNDIDO RONDON - PARANÁ

PROJETO: BILINGÜISMO EM MARECHAL CÂNDIDO RONDON - PARANÁ

1. DADOS PESSOAIS

- 1.1 Nome: _____
- 1.2 Endereço: _____
- 1.3 Sexo: () Masculino () Feminino
- 1.4 Idade: _____
- 1.5 Onde nasceu? _____
- 1.6 Onde já morou? (cronologicamente, do mais antigo ao mais recente) _____
- 1.7 Por que se mudou para cá? _____
- 1.8 Há quanto tempo já vive aqui? _____
- 1.9 Quem da sua família veio da Alemanha? _____
- 1.10 De que região da Alemanha? _____

2. FAMÍLIA (respostas: A: Alemão - P: Português - AP: Alemão/ Português)

- 2.1 Como você fala(va) com seu pai? ()
- 2.2 Com sua mãe? ()
- 2.3 Como você fala(va) com seu avô paterno? ()
- 2.4 Com sua avó paterna? ()
- 2.5 Com seu avô materno? ()
- 2.6 Com sua avó materna? ()
- 2.7 Como se chamam seus irmãos e como você fala com eles?
1. () _____ 2. () _____
3. () _____ 4. () _____
5. () _____ 6. () _____
- 2.8 Como você fala com seus cunhados e cunhadas? ()
- 2.9 Como se chamam seus filhos e como você fala com eles?
1. () _____ 2. () _____
3. () _____ 4. () _____
5. () _____ 6. () _____
- 2.10 Com que idade eles aprenderam o alemão? E o português? _____
- 2.11 Como você fala com sua (seu) esposa (o)? ()
- 2.12 Com os parentes de sua (seu) esposa (o)? ()
- 2.13 Com os seus netos? ()
- 2.14 Com seus genros e noras? ()
- 2.15 Você tem parentes na Alemanha? Quem? Como é que você escreve para eles?
1. () _____ 2. () _____
3. () _____ 4. () _____
- Em que lugar da Alemanha? _____

3. VIZINHOS

- 3.1 Quem são seus vizinhos? Como você fala com eles?
1. () _____ 2. () _____
- 3.2 Qual de seus vizinhos lhe ajuda quando você precisa de um favor?

Como você fala com ele? _____

- 3.3 Você costuma visitar seus vizinhos com frequência? () Sim () Não
 3.4 Existe alguma praça ou outro lugar onde os vizinhos se encontram para conversar? Você costuma ir lá também? Quando você vai, em que língua vocês conversam? ()

4. AMIGOS

- 4.1 Quem são as três pessoas com quem você melhor se dá? Onde você as conheceu? Como você fala com elas?

_____ () _____ ()
 _____ () _____ ()

- 4.2 Com quem você conversa mais seguido além de sua família? Como você fala com ele (a)?

_____ () _____ () _____ ()

5. TRABALHO (dona de casa responder 1, 2 e 8) (se só estuda, 1)

- 5.1 O que fazia seu pai? _____

- 5.2 O que você faz? _____

- 5.3 Há pessoas em seu trabalho que falam alemão? Como você fala com eles? ()

- 5.4 Dê um exemplo de quando você fala alemão com eles? _____

- 5.5 O que dizem os colegas que só falam português quando isso acontece? _____

- 5.6 Você já trabalhou em outra cidade? Onde? Quando? Quantos anos? _____

- 5.7 No seu emprego, você tem contato com o público? Como você fala com os clientes? ()

- 5.8 Como você fala com seus empregados? ()

- 5.9 Como você fala com seu patrão, chefe ou superior? ()

6. ESCOLA (Para adultos, usar o verbo no tempo passado)

- 6.1 Com que idade você entrou na escola? ()

- 6.2 Quantos anos você frequentou a escola? ()

- 6.3 Grau de escolaridade? _____

- 6.4 Há pessoas na sua escola que falam o alemão? Como você fala com elas? ()

- 6.5 Dê um exemplo de quando você fala alemão com elas? _____

- 6.6 Quando isto acontece, o que dizem os seus colegas que não falam alemão? _____

- 6.7 Como você fala com a professora na escola? ()

- 6.8 Se você encontra a professora fora da escola ()

- 6.9 Como você fala com a diretora da escola? ()

- 6.10 Que língua(s) você aprendeu na escola? _____

- 6.11 Que língua(s) você gostaria de aprender ou ter aprendido? _____

6.12 Você gostaria que seus filhos aprendessem alemão? () Sim () Não

7. REPARTIÇÕES - MÉDICO

- 7.1 Como você fala quando vai à Prefeitura:
Com o prefeito () Com o secretário ()
- 7.2 Como você fala com o dono do cartório? ()
- 7.3 Com seu médico? ()
- 7.4 Com as enfermeiras? ()

8. IGREJA

- 8.1 Qual a sua religião? _____
- 8.2 Aqui há culto/missa em alemão? () Sim () Não
- 8.3 Você gostaria que houvesse? () Sim () Não
- 8.4 Por quê? _____
- 8.5 Quando você conversa com o pastor/padre, que língua você usa? ()
- 8.6 (Só católicos) Em que língua você se confessa? ()
- 8.7 Você aprendeu a rezar em alemão? () Sim () Não
- 8.8 Quando você reza em silêncio em que língua você reza? ()
- 8.9 Você já foi festeiro alguma vez? Quando vai tirar prenda em que língua você fala? ()

9. COMPRAS

- 9.1 Onde você faz suas compras? (comida) _____
- 9.2 Como você fala com o dono do(a) _____ ()
- 9.3 Se você encontra um amigo quando estiver fazendo compras, como você fala com ele(a)? ()
- 9.4 Quando você vai a uma loja de roupas, como você fala com a balconista ou com o dono da loja? ()
- 9.5 E quando você vai à sapataria? ()
- 9.6 E quando você vai à farmácia? ()
- 9.7 E na loja de ferragens? ()
- 9.8 E na barbearia? ()
- 9.9 Como você fala quando vai a uma loja em outra cidade? ()
- 9.10 E quando vai ao correio? ()
- 9.11 Às vezes você vai a um restaurante ou bar? Como você fala com o garçom? ()

10. DIVERSÃO

- 10.1 Você costuma assistir televisão? () Sim () Não
- 10.2 Quantas horas por dia (mais ou menos), você assiste TV? _____
- 10.3 Você costuma ouvir rádio? Quantas horas por dia? _____
- 10.4 Você costuma ler jornais? Em que língua? ()
- 10.5 Você costuma ler revistas? Em que língua? ()
- 10.6 Você costuma ler livros? Em que língua? ()
- 10.7 Você vê na TV programas alemães? ()

11. ATITUDES GERAIS

- 11.1 Você tem amigos ou conhecidos que só falam alemão? () Sim () Não
- 11.2 Que só falam português? () Sim () Não
- 11.3 Qual a língua que você acha mais cômoda para você? ()
- 11.4 Qual você mais gosta? Acha que soa melhor? ()
- 11.5 Qual você acha mais fácil para expressar seus pensamentos? ()
- 11.6 Em que língua você sonha? Já sonhou em alemão? ()
- 11.7 Quando você faz contas de cabeça, você as faz em que língua? ()
- 11.8 Numa briga bem enfezada, em que língua você xinga? ()
- 11.9 Você acha que o alemão vai continuar a ser falado aqui em Mal. Cândido Rondon? () Sim () Não
- 11.10 Com que idade você aprendeu a falar português? _____
- 11.11 Você sabe músicas em alemão? () Sim () Não
- 11.12 Você sabe versos em alemão? () Sim () Não
- 11.13 Você sabe histórias em alemão? () Sim () Não
- 11.14 Você sabe provérbios em alemão? () Sim () Não
- 11.15 Você sabe anedotas ou piadas em alemão? () Sim () Não
- 11.16 Você sente orgulho de ser descendente de alemães? () Sim () Não
- 11.17 Você é contra que seus filhos se casem com alguém que não seja descendente de alemães? () Sim () Não
- 11.18 Se você ganhasse uma viagem para outro país, qual gostaria de visitar? _____
- 11.19 Você gostaria de visitar a Alemanha? () Sim () Não
- 11.20 Você guarda algum objeto da Alemanha? (louça, roupa, arma, ferramenta, livro, ou outro objeto) _____
() Sim () Não
- 11.21 Quando você dá nome a filhos ou netos, procura dar nomes que acha ser de origem alemã? () Sim () Não
- 11.22 Tem contato com alguém da Alemanha? () Sim () Não
- 11.23 Sabe em qual região da Alemanha nasceram seus avós? _____
- 11.24 Sabe por que seus avós vieram para o Brasil? _____
- 11.25 O que faziam quando chegaram aqui? _____
- 11.26 Sabe se gostavam do Brasil? _____

12. AVALIAÇÃO

- 12.1 Se tivesse que avaliar como fala o português, você diria:
1. () perfeito português de Mal. Cândido Rondon, como qualquer nativo daqui.
 2. () muito bem, mas não perfeito.
 3. () mais ou menos bem.
 4. () não muito bem.
 5. () quase não fala.

12.2 Se tivesse que avaliar como fala o alemão, você diria:

1. perfeito alemão falado em Mal. C. Rondon.
2. muito bem, mas não perfeito.
3. mais ou menos bem.
4. não muito bem.
5. quase não fala.
6. entende tudo, mas não fala nada.
7. fala o alemão misturado com o português.
8. não entende alemão, não fala nada.
9. entende tudo, mas fala pouco.

Muito obrigada por ter colaborado conosco!

ANEXO 3

FRAGEBOREN III - EINSTELLUNG

FRAGEBOREN III - EINSTELLUNG

1. Wie heißen Sie?
2. Und wo wohnen Sie?
3. Wann sind Sie geboren? Und Wo?
4. Sprechen Sie außer Deutsch noch einen anderen Dialekt?
5. Mit wem sprechen Sie den Pomeraner oder Hunsrückisch Dialekt?
6. Mit wem sprechen Sie Portugisisch?
7. Finden Sie, daß die deutsch sprache in Marechal Cândido Rondon noch erhalten bleibt?
8. Finden Sie es gut das Sie Deutsch können?
9. Sollten Kinder heutzutage Deutsch von Anfang an lernen?
10. Sollten Kinder heutzutage Portugisisch am Anfang lernen?